



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA – MESTRADO

ANTÔNIO DENILSON DE SOUSA

**MATRIMÔNIO E FAMÍLIA DO HORIZONTE ANTROPOLÓGICO À
OBJETIVAÇÃO PASTORAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MAGISTÉRIO DE
JOÃO PAULO II E PAPA FRANCISCO**

This work is licensed under Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Recife
2023

S725m Sousa, Antônio Denilson de
Matrimônio e família do horizonte antropológico à
Objetivação pastoral : uma análise a partir do Magistério
de João Paulo II e Papa Francisco / Antônio Denilson de
Sousa, 2023.

128 f. : il.

Orientador: Degislano Nóbrega de Lima
Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Programa de Pós-graduação em Teologia.
Mestrado em Teologia, 2023.

1. Teologia Pastoral. 2. Casamento. 3. Catecumenato.
4. Obras da Igreja junto às famílias. I. Título.

CDU 25

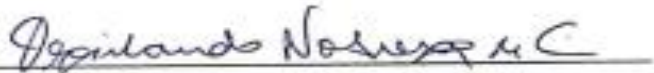
Luciana Vidal - CRB 4/1338

TERMO DE APROVAÇÃO

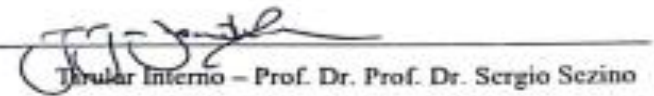
ANTÔNIO DENILSON DE SOUSA

MATRIMÔNIO E FAMÍLIA DO HORIZONTE ANTROPOLÓGICO À OBJETIVAÇÃO PASTORAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MAGISTÉRIO DE JOÃO PAULO II E PAPA FRANCISCO

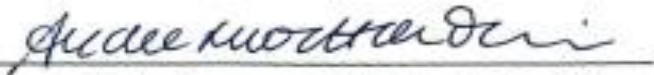
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) para obtenção do título de Mestre em Teologia. A presente dissertação foi defendida e aprovada em dezenove de janeiro de dois mil e vinte três pela banca examinadora constituída pelos professores doutores:



Orientador e Presidente da Banca: Prof. Dr. Prof.
Dr. Degislando Nóbrega de Lima



Titular Interno – Prof. Dr. Prof. Dr. Sergio Sezino
Douets Vasconcelos



Titular Externo – Prof. Dr. Prof. Dr. André Luiz
Holanda de Oliveira

Recife
2023

ANTÔNIO DENILSON DE SOUSA

**MATRIMÔNIO E FAMÍLIA DO HORIZONTE ANTROPOLÓGICO À
OBJETIVAÇÃO PASTORAL: UMA ANÁLISE A PARTIR DO MAGISTÉRIO DE
JOÃO PAULO II E PAPA FRANCISCO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Degislando Nóbrega de Lima

**Recife
2023**

OFERECIMENTO

Oferecer algo pessoal, classificado como de bom e de grande valor a outra pessoa só é possível quando se ama de verdade.

Quero oferecer esta etapa concluída e esta nova caminhada de minha vida à minha mãe – MARIA LIBRADA DE SOUSA (*In memoriam*) – uma pessoa que me deu a vida e ofereceu a sua a mim e a meus irmãos. Da mesma forma a meu pai – MANOEL CARNEIRO DE SOUSA - que mesmo não tendo a oportunidade para estudar, dedicou-se ao extremo pela formação de todos os seus filhos.

Ofereço este trabalho aos outros membros de minha família: Deidia, Deluz, Delino e Marquinhos (meus irmãos) e aos meus sobrinhos (Matheus, Davi, Victor, Luiza e João). Sei que se não tivesse um ponto de apoio, nada disso seria possível, gratidão a todos vocês.

AGRADECIMENTOS

A Deus e à minha família.

À CAPES e à Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) por ter aceito meu processo e assumido o compromisso neste processo formativo até a conclusão desta pesquisa.

À Diocese de Sobral, na pessoa de Dom José Luiz Gomes de Vasconcelos, aos padres amigos e incentivadores além dos seminaristas do Seminário São José (propedêutico), São João Paulo II (filosofia) e Imaculada Conceição (teologia). Sem o apoio teria sido muito mais difícil alcançar grandiosa dádiva em minha vida acadêmica.

Aos professores do programa de Pós-graduação em Teologia da UNICAP, na pessoa do professor Degislando Nóbrega de Lima agradeço aos demais professores que contribuíram em minha formação, além da ajuda ímpar da Jovem Isabela que tanto ajudou nas necessidades da secretaria.

Aos colegas do mestrado, onde pude ir vibrando com cada um deles em suas conquistas e sofrendo com suas dificuldades de outros, a todos muito obrigado.

A todos aqueles que, mesmo não sendo citados aqui, contribuíram de alguma forma para realização desta conquista. Gratidão!

*A família é o lugar do encontro, da partilha, da saída de si mesmo para acolher o outro e estar junto dele. É o primeiro lugar onde se aprende a amar.
(Papa Francisco)*

LISTA DE SIGLAS

- AA** - *Apostolicam Actuositatem*
- AL** - *Amoris Laetitia*
- CA** - *Centesimus annus*
- CELAM** – Conselho dos Episcopados Latino-Americanos
- CIC** - Catecismo da Igreja Católica
- CDC** – Código de Direito Canônico
- CNBB** - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CNPF** - Comissão Nacional da Pastoral familiar
- DAp** - Documento de Aparecida
- DPF** - Diretório da Pastoral Familiar
- DSI** – Doutrina Social da Igreja
- DM** - *Documento de Medellín*
- DVi** – *Donum Vitae*
- FC** - *Familiaris Consortio*
- EN** - *Evangelii Nuntiandi*
- GE** - *Gravissimum Educationis*
- GS** - *Gaudium et Spes*
- HV** - *Humanae Vitae*
- LG** - *Lumen Gentium*
- PCB** - Pontifícia Comissão Bíblica

RESUMO

A família é o resultado do amor humano entre pessoas que juntas resolvem constituir um lar. Desta relação amorosa a vida é gerada e seus membros passam por um processo de relação, comunhão e doação. Dentro da família não deve existir espaço para o isolamento, mas para a relação amorosa entre os membros que a compõem e praticam o amor-doação. Pretendemos mostrar que a compreensão e a crença nos valores da família são fundamentais para o bem viver e para a superação dos desafios que a vida a dois se encarrega de revelar. Não manteremos um discurso pessimista acerca da instituição família, mas ousamos mostrar a beleza fundamental desta união entre pessoas que se amam e que se lançam na vida para viverem o amor. Papa Francisco na exortação *Amoris Laetitia* (AL-2016) e São João Paulo II na *Familiaris Consortio* (FC-1981) nos apresentam normas, regras e orientações pastorais que servirão para corroborar com o ensinamento da Igreja acerca do homem e da mulher que se reconhecem enquanto seres que possuem razão e capacidade de amar. O homem e a mulher ao se unirem em matrimônio, descobrem-se seres capazes de constituírem uma família. Por isso, temos como objetivo deste trabalho analisar e refletir a partir do magistério de João Paulo II e de Francisco, o amor conjugal e a família. Faremos uma reflexão sobre a apresentação inicial da Pastoral Familiar apresentada na (FC) e complementada pela (AL) com o intuito de apresentar a continuidade e as novidades na evolução do pensamento entre os papas no tocante a algumas questões pastorais. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica e revisão de literatura, e enquanto tal, assume um caráter descritivo e explicativo fundamentado no Magistério da Igreja, no Catecismo, no Direito canônico, revistas e outras fontes pertinentes ao tema estudado. Nosso referencial teórico serão as duas exortações apostólicas citadas acima. Estas duas obras (FC e AL) servirão como base fundamental para mergulharmos na profundidade da Pastoral Familiar pensada e concretizada no seio da Igreja. Fundamentados nas interpelações pastorais dos papas referidos, queremos chegar a uma novidade pastoral quanto à formação para os novos casais com o firme propósito de melhor serem formados no tocante ao valor, significado e sacralidade do sacramento do matrimônio. Essa reflexão é importante tanto porque oferece para uma visão orgânica do matrimônio, quanto pelo que ilumina a práxis e vivência pastoral do matrimônio enquanto sacramento através do qual o homem e a mulher batizados se entregam e se recebem mutuamente, pelo bem do casal e educação dos filhos, constituindo com isso uma família na Igreja e na sociedade. Essa realidade, mais do que um fato social, é antes, manifestação da união sponsal existente entre Cristo e a Igreja e não menos que representativo do amor de Deus pela humanidade. Por isso, aos que desejam unir-se em matrimônio precisam passar pelos cuidados da Igreja que por meio da Pastoral Familiar irá formá-los e acompanhá-los antes e após o matrimônio.

Palavras-chave: Amor conjugal. Pastoral Familiar. Itinerário Catecumenal.

ABSTRACT

The family is the result of human love between people who together decide to build a home. From this loving relationship, life is generated and its members go through a process of relationship, communion and donation. Within the family, there should be no room for isolation, but for the loving relationship between the members who make it up and practice self-giving love. We intend to show that the understanding and belief in family values are fundamental for living well and for overcoming the challenges that life as a couple is responsible for revealing. We will not maintain a pessimistic discourse about the family institution, but we dare to show the fundamental beauty of this union between people who love each other and who throw themselves into life to live love. Pope Francis in Exhortation *Amoris Laetitia* (AL-2016) and Saint John Paul II in *Family Association* (FC-1981) present norms, rules and pastoral guidelines that will serve to corroborate the teaching of the Church about men and women who recognize themselves as beings who have reason and the capacity to love. When man and woman unite in marriage, they find themselves capable of constituting a family. For this reason, the objective of this work is to analyze and reflect, based on the teaching of John Paul II and Francis, on conjugal love and the family. We will reflect on the initial presentation of the Pastoral Familiar presented in the (FC) and complemented by (AL) with the aim of presenting continuity and novelties in the evolution of thought among the popes regarding some pastoral issues. This research is of a bibliographic and literature review nature, and as such, assumes a descriptive and explanatory character based on the Magisterium of the Church, the Catechism, Canon Law, magazines and other sources relevant to the subject studied. Our theoretical reference will be the two apostolic exhortations cited above. These two works (FC and AL) will serve as a fundamental basis for us to delve into the depth of the Family Pastoral conceived and carried out within the Church. Based on the pastoral interpellations of the mentioned popes, we want to arrive at a pastoral novelty regarding the formation of new couples with the firm intention of being better formed with regard to the value, meaning and sacredness of the sacrament of marriage. This reflection is important both because it offers an organic vision of marriage, and because of what it illuminates the praxis and pastoral experience of marriage as a sacrament through which the baptized man and woman give and receive each other mutually, for the good of the couple and education of the children, thus constituting a family in the Church and in society. This reality, more than a social fact, is rather a manifestation of the spousal union existing between Christ and the Church and no less than a representative of God's love for humanity. Therefore, those who wish to unite in marriage need to go through the care of the Church which, through the Family Pastoral, will train and accompany them before and after marriage.

Key words: Marital love. Family Pastoral. Catechumenal Itinerary.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA DA PESSOA	16
2.1 Uma abordagem sobre a natureza da Pessoa.....	16
2.2 Homem: um ser que pensa e ama	24
2.3 O dom de ser imagem de Deus	29
2.4 Homem e Mulher: união desejada por Deus	32
2.5 AMOR CONJUGAL: um ato da liberdade humana	35
2.6 Amor conjugal e a união matrimonial	40
2.7 A descoberta do amor conjugal na vida do casal.....	44
2.7.1 A reciprocidade enquanto parte inerente ao amor	49
3 DIMENSÃO RELACIONAL DO CASAL: A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA ..	55
3.1 Constituição da família cristã e sua visibilidade	55
3.2 Família: Igreja doméstica	61
3.3 Breves relatos sobre os membros da família nas catequeses do Papa Francisco	65
3.3.1 Ser mãe	66
3.3.2 Ser pai.....	68
3.3.3 Ser filhos e filhas.....	69
4 O ZELO PASTORAL COM A FAMÍLIA DESEJADA POR DEUS.....	71
4.1 Análise do artigo 7º da Carta dos Direitos Fundamentais da Família (1983)	71
4.2 PASTORAL FAMILIAR: caminho de superação para os desafios atuais da família	74
4.3 Uma nova esperança: Pastoral Familiar segundo João Paulo II.....	75
4.3.1 Pastoral familiar e suas respectivas estruturas	77
4.3.2 Uma união pensada e preparada: setor pré-matrimonial segundo a <i>Familiaris Consortio</i>	80
4.3.3 Contribuições do Papa Francisco na <i>Amoris Laetitia</i> para o Setor pré-matrimonial	86
4.3.4 Uma união abençoada e acompanhada: setor pós-matrimonial (<i>Familiaris Consortio</i>).....	95

4.3.5 Contribuição do Papa Francisco na <i>Amoris Laetitia</i> para o setor pós-matrimonial	96
4.3.6 Uma união em conflito: setor casos especiais na <i>Familiaris Consortio</i>	101
4.3.7 Contribuição do Papa Francisco na <i>Amoris Laetitia</i> para o setor casos especiais	104
4.4 Um novo itinerário catecumenal para a vida matrimonial.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS	117
BIBLIOGRAFIA	123

I

INTRODUÇÃO

Uma das chaves para a mudança do ser humano é que ele mesmo chegue ao autoconhecimento. O indivíduo está inserido em um mundo que exige o conhecimento de Deus, do outro e de si mesmo para poder chegar a um conhecimento completo sobre sua própria pessoa. Mas, atualmente, o homem parece não conhecer a Deus, nem o outro, nem ele próprio. Por isso, para chegar ao conhecimento é preciso aproximar-se de si, do outro e de Deus.

Ao falarmos do ser humano não podemos entendê-lo enquanto um ser dividido ou fragmentado, mas enquanto um ser íntegro em perfeita harmonia. Nos tempos hodiernos, há duas tendências visíveis na forma de pensar e agir do ser humano no que faz referência ao seu trato com o corpo, ou seja, nota-se uma supervalorização do mesmo com tendências animais que cai na perversidade e, percebe-se, também, um forte desprezo do corpo caindo no puritanismo com tendências angelicais.

De toda a criação, apenas o ser humano foi criado com corpo e alma, unidos e não divididos, e acima de tudo, à imagem e semelhança do seu criador. Embora se constate um grande avanço na compreensão da dignidade da pessoa humana e na sua integridade, ainda segue forte a influência platônica em se ver o corpo e a alma a partir de uma dualidade filosófica.

Na antropologia de João Paulo II o homem é apresentado enquanto um ser íntegro, isto é, composto e unido em corpo e alma. Para corroborar com tal afirmação, mergulhamos não somente nas questões antropológicas, mas também, em pontos fundamentais pertinentes às realidades pastorais que são abordadas pela Igreja, sobretudo, no tocante à realidade familiar a partir do pensamento e escritos de João Paulo II e do Papa Francisco em suas obras *Familiaris Consortio (FC)* e *Amoris Laetitia (AL)*, respectivamente.

Tendo como objeto de estudo o ser humano que provém e está inserido na família, pretendíamos mergulhar nos documentos citados, pois eles dar-nos-iam a oportunidade de trilharmos um caminho capaz de levar à descoberta da continuidade pastoral do Papa Francisco a partir do pensamento de João Paulo II no tocante à importância, vivência e prática cristã da Pastoral Familiar antes e

nos dias atuais. Eis a razão e o escopo deste trabalho, analisar e refletir o amor humano na família, navegando pela *Amoris Laetitia* com o intuito de encontrar a continuidade pastoral já apresentada na *Familiaris Consortio* e descobrir novidades práticas que ajudem na vida pastoral da família.

No primeiro capítulo, mergulhamos na dimensão antropológica da pessoa humana com o intuito de apresentá-la enquanto um ser capaz de amar. Não adiantaria apenas afirmar que o ser humano é um ser social e sociável, não bastaria afirmar que o ser humano deve viver em comunidade, mas sentimos o desejo de mostrar que existe na natureza humana uma propensão ou um elo que o liga ao outro, ou seja, que o une e desta união com o ser semelhante a si o ser humano deseja relacionar-se, deseja estar com e deseja amar os que lhe rodeiam.

Uma das melhores formas de se amar alguém é conhecendo-a. É bom saber que quando falamos de ser humano, nossa memória formula a imagem de um homem ou de uma mulher, ou seja, o homem e a mulher trazem consigo esta capacidade humana de não apenas viver e conviver, mas a capacidade cristã de amar, eis o que nos torna diferente dos outros animais, não apenas o raciocinar, mas ter a capacidade de amar. Fundamentados no pensamento de João Paulo II, compreendemos sua visão personalista que consiste no respeito à outra pessoa que não quer ser vista como instrumento, mas enquanto um ser capaz de amar e ser amado que o impede de ver o outro enquanto objeto, mas enquanto pessoa.

O ser humano, inserido neste mundo, foi apresentado enquanto aquele que toca o chão com seus pés e que experimenta as realidades humanas, dentre elas, a experiência do amor revelado. Por isso, mergulhamos na natureza do amor humano que revelou o amor enquanto agrado, ou seja, ambas as partes passaram a ser vistas enquanto um bem para o outro. Reconhece-se que existe um amor que busca uma reciprocidade diferente daquele que é individualizado, mas um amor partilhado com equidade onde todos possam amar e terem a mesma certeza de serem amados.

No segundo capítulo, refletimos sobre a dimensão relacional da pessoa humana dentro da realidade familiar. A base para a fundamentação do conteúdo a ser abordado foi a exortação *FC* de João Paulo II e *AL* do Papa Francisco. Estas exortações apresentaram um olhar amoroso sobre a família tecendo um

forte comentário sobre o processo de constituição, preparação, formação e acompanhamento. Consoante o pensamento do Papa Francisco, fundamentado em suas catequeses, vimos cada membro da família que compõe a igreja doméstica, igreja que em família se reúne, ora e celebra a vida. Mesmo valorizando cada uma das pastorais existentes na Igreja, demos um destaque especial à Pastoral Familiar com suas respectivas estruturas, com o escopo de mostrar o quanto a Igreja não abandona seus filhos, nem despreza ou desvaloriza seus tesouros, pois a família constituída ganhará um acompanhamento pela Pastoral Familiar desde a concepção até a separação pela morte.

Com este trabalho possibilitamos um conhecimento mais aprofundado acerca das exortações FC e AL que apresentam pontos referentes aos setores pré-matrimonial, pós-matrimonial e casos especiais. Assim, confirmamos o quanto a família desejada por Deus é valiosa. Portanto, a Igreja não medirá forças para orientar, formar e acompanhar a família após o matrimônio que revela a relação amorosa de Cristo com sua Igreja, refletida na união entre o homem e a mulher unidos em matrimônio.

O terceiro capítulo apresentou o zelo pastoral com a família desejada por Deus. A família não pode ser apresentada enquanto uma criação do Homem, mas precisa ser revelada enquanto uma vontade de Deus que se concretizou. Neste capítulo estivemos focados na Pastoral Familiar, tendo em vista as etapas necessárias para a formação dos casais que almejam o matrimônio. Veremos, em linhas gerais, o posicionamento do Papa João Paulo II e a forma de entender a família do Papa Francisco. Tanto a FC quanto a AL se voltam à família e querem comungar em palavras e ideias para melhor capacitarem os futuros nubentes, pois a preocupação maior é com o alto índice de separações e de matrimônios nulos.

Como alternativa, apresentamos a formação do matrimônio para os novos casais a partir da compreensão de uma formação que siga um itinerário catequético e catecumenal para formar os que querem o matrimônio. Temos em mãos um trabalho produzido para ajudar os agentes de pastorais a compreenderem melhor o sacramento do matrimônio, desde o seu início até a sua concretização.

II

DIMENSÃO ANTROPOLÓGICA DA PESSOA

Neste trabalho, não teremos a pretensão de defender a teoria da evolução ou da criação nem outra teoria que possa discursar acerca da origem do Homem. Nosso escopo é muito mais simples, apenas queremos partir do princípio da existência humana, onde se reconhece a presença neste mundo do homem e da mulher que juntos irão construir a sua história e deixar seu legado humano. É bem verdade que o leitor perceberá que, neste capítulo, o nosso trabalho estará propenso à teoria da criação, segundo a Sagrada Escritura, mas mesmo assim, cremos que a leitura ajudará a se ter uma compreensão mais pormenorizada do conceito de pessoa, ou seja, por um viés filosófico, bíblico e histórico mostrar a compreensão do ser humano enquanto Pessoa que é definido enquanto homem e mulher.

2.1 Uma abordagem sobre a natureza da Pessoa

Dentre tantos conceitos, lancemo-nos sobre um que não é questionado com frequência, ou seja, o conceito de pessoa. Dizer que nós somos uma pessoa, parece não gerar espanto, afinal, eu sou, todos são e nos consideramos indubitavelmente pessoas. Mas o que significa pessoa? O que é uma pessoa humana? O que nos torna pessoa?

Partindo do princípio de que o homem e a mulher são seres que fazem morada no mundo, cremos que eles se encontram e trazem consigo a capacidade de transformar e melhorar o ambiente em que habitam, afinal, este ambiente que os modificam, eles também, são capazes de modificá-lo. Numa visão cristã, ontológica e teológica o Homem¹ é a obra mais especial criada por Deus, porém, numa visão de mundo, seria apenas mais uma coisa ou um ser inserido neste grande montante de terra. Sendo uma coisa materializada, o Homem enquadra-se na categoria de todas as outras coisas e seres: em construção e finito. A finitude põe o homem e a mulher num espaço que os

¹ Em nosso trabalho ao citarmos o “Homem” com H maiúsculo, estaremos nos referindo ao homem e à mulher.

tornam limitados quanto ao tempo e espaço, tendo um início e um fim. Sendo limitados e finitos, condicionados pelo tempo e pelo espaço, eles se compreendem como seres cobertos de imperfeições, pois não estão completos e acabados, mas em construção e evolução, isto é, ambos estão em constante transformação, já falava o filósofo Heráclito de Éfeso. Na medida em que o mundo vai se construindo e evoluindo, a espécie humana vai seguindo o mesmo ritmo por ter a capacidade de adaptar-se e por sentir a necessidade de perpetuar a sua espécie.

Em muitas dinâmicas de grupo, em apresentações pessoais ou quando exigido da pessoa que apresente seu próprio ser, costuma-se apresentar a partir daquilo que se faz, por exemplo: sou fulano, assumo tal função há tanto tempo, sou graduado em determinadas áreas, trabalhei nisto, hoje trabalho em tal lugar etc. Fala-se de suas atividades, mas se deixa claro quem a pessoa realmente é. Não se fala da pessoa que é, não se faz uma apresentação ontológica; não se toca em profundidade na essência do ser humano enquanto pessoa.

Nesta dificuldade de autodefinição vão surgindo máscaras e dá-se vida a personagens que não definem a pessoa. Por isso, mesmo que inconscientemente, faz-se jus aos termos *prósopon* (grego) e *persona* (latim) que se traduzem por máscaras utilizadas pelos atores que praticam a arte do teatro. O termo *prósopon* “ao emigrar da linguagem teatral, depois jurídica, para a linguagem da teologia e depois da filosofia, caminhará para o polo oposto à sua significação original: em lugar de ‘máscara’ ou ‘título’ passará a significar a totalidade do sujeito na sua mais radical *originalidade* ou na própria raiz do seu ser que é, como tal, incomunicável e irrepresentável” (VAZ LIMA, 1992, p.220).

Nesta evolução do ser humano, a partir do personalismo, relatos são apresentados e revelam o quanto o termo pessoa foi evoluindo, pois vai sair de sua definição inicial (o que está por trás das máscaras e uma personagem irreal) para tornar-se alguém que age e atua no meio da sociedade, isto é, um ser real.

Consoante relatos da história Roma Antiga, a palavra pessoa já possuía uma conotação jurídica, pessoa civil, mas somente o homem livre era considerado cidadão romano. Somente o cidadão romano gozava de direitos e deveres pessoais, por isso, poderia ser tratado como pessoa. Já as categorias inferiores, tais como as mulheres, crianças e escravos não gozavam do mesmo tratamento, pois não eram considerados cidadãos e não traziam consigo direitos

peculiares às pessoas livres. Portanto, o termo pessoa não atingia todos os seres humanos, mas conforme sua posição ou status social e gênero ao qual pertencia, ou seja, não se referia ao indivíduo em si, mas às funções, atributos ou algo mais atribuídos ao indivíduo. Era um período de grande exclusão das crianças, das mulheres, dos escravos, dos que não serviam para oferecer forças ao exército, enfim, período onde o ser humano passava por critérios para ser considerado pessoa.

Aprendemos com a vida que tudo tem um início e caminha para um fim. Mas somente os seres dotados de razão (as pessoas) poderão ter a capacidade de conhecer e trilharem livremente esta etapa final da vida. Aristóteles, ao falar de *eudaimonia*, afirmará que o fim último do ser humano é a felicidade. Vejamos que são caminhos similares onde o homem, a pessoa, por ser dotada de corpo e alma poderá fazer esta escolha na liberdade para chegar a este fim. Destarte, a felicidade para ser alcançada pressupõe a razão e o uso correto das virtudes morais, pois numa visão filosófica um homem virtuoso será essencialmente um homem capaz de atingir a vida feliz.

O ser humano, enquanto sujeito de sua história, irá se tornar objeto de experiência para si, ou seja, o homem é sujeito e objeto de conhecimento, não objeto manipulado, uma coisa sem autonomia ou liberdade. A pessoa homem é um objeto de conhecimento para si mesmo, sobretudo, no seu autoconhecimento, pois pela razão e pela experiência ele apreendeu o que lhe foi oferecido para compreender e descobrir sua dignidade de pessoa, ou seja, ele descobre-se pessoa e ação, descobre-se pessoa e coloca-se em ação.

Ainda hoje o Homem traz consigo um profundo mistério que deve ser desvendado todos os dias. Não é difícil se encontrar estudos acerca do Homem que perpassam todos os períodos da filosofia (filosofia grega, cristã, moderna e contemporânea) e de outros campos como: antropologia, biologia, psicologia, sociologia ou teologia, ou seja, navega-se por todas essas áreas para tentar se chegar a uma compreensão aproximada do real quanto à questão: Quem é o Homem?

Percebamos que a pergunta sobre o Homem vai exigindo respostas conforme a época vivida, afinal, respostas do passado até então satisfatórias, parecem não completar ou responder em outro período, exigindo novos conceitos. Claramente justificamos tal afirmação quando afirmamos que o

homem foi estudado num determinado período a partir de uma perspectiva cosmocêntrica, em outro momento na perspectiva teocêntrica e num terceiro momento a partir de uma visão antropocêntrica, ou seja, filosofia grega, cristã e moderna e contemporânea respectivamente.

Observemos que nesta ótica cosmocêntrica, o pensamento vigente revelará uma grande “admiração (*thauma*) pela ordem e beleza que fazem do universo visível um todo bem ordenado (*kósmos*). Dessa admiração, segundo o testemunho de Platão e Aristóteles, terá origem a filosofia e, com ela, um estilo de vida que o homem grego reivindicará como próprio seu: vida teórica” (VAZ LIMA, 1991, p.28). Na contemplação da natureza, busca-se a origem e respostas para todas as coisas, inclusive, para a questão antropológica sobre quem é o homem. Na filosofia grega, o homem é visto enquanto um ser composto por corpo e alma, sendo a alma compreendida como superior ao corpo, justificam esta forma de pensar Platão, Aristóteles e outros filósofos. Podemos afirmar que a antropologia platônica é a que mais se destaca frente à compreensão do homem, afinal, até os dias de hoje, o pensamento de Platão sobre a composição de corpo e alma é aceita em nosso meio.

Muitas pessoas ao se referirem ao corpo o viam como a parte suja do ser, como o lado pecaminoso do homem. Faz-nos recordar a visão platônica (*Fédon*) ao se referir ao corpo enquanto aquele que aprisiona a alma, ou seja, o mundo sensível que acumula os podres da vida e acaba sujando a alma que está aprisionada, a saber:

É uma coisa bem conhecida dos amigos do saber, que sua alma, quando foi tomada sob os cuidados da filosofia, se encontrava completamente acorrentada, a um corpo e como que colada a ele; que o corpo constituía para a alma uma espécie de prisão, através da qual ela devia forçosamente encarar as realidades, ao invés de fazê-lo por seus próprios meios e através de si mesma; que, enfim, ela estava submersa numa ignorância absoluta [...] (PLATÃO, 1972, 82d-83-a, p. 94).

O corpo que é visto como prisão ou parte ruim do ser humano é o mesmo que gera no homem e na mulher uma alegria, prazer e satisfação; ele que o leva a pensar e agir, que permite o encontro sensível com pessoas boas ou ruins, ou

seja, a parte visível e real parece passar por um processo que o tornará desprezível.

Sendo no pensamento grego, a alma aprisionada pelo corpo, agora, na perspectiva teocêntrica, o cosmos e a natureza saíram de foco e se colocará uma ênfase maior ao transcendente, Deus. Não podemos afirmar que a filosofia grega será rejeitada, mas, juntamente com a tradição bíblica, vetero e neotestamentária, será formulada a concepção teológica do homem. Neste teocentrismo, parte-se de Deus que é o centro e a partir Dele o homem tentará encontrar respostas para seus questionamentos, afinal, é o período onde se percebe o ato de relacionar-se de Deus com a humanidade, todo o pensamento será regido pela Patrística e Escolástica, dando destaque a Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Mesmo nesta visão cristã, o homem é compreendido enquanto um ser criado por Deus corpo e alma, mesmo sendo o corpo importante e valioso, a alma ganhará uma atenção especial, já que é a parte eterna do ser humano. Na mesma proporção, revela-se o homem enquanto um ser que é semelhante e que se revela enquanto imagem de Deus. A própria Sagrada Escritura faz questão de afirmar o quanto a alma se sobressai como a parte mais importante diante do corpo, assim afirma o evangelista: “Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Temei antes aqueles que podem destruir a alma e o corpo na geena” (Mt.10,28).

Por sua vez, com a modernidade a perspectiva cosmocêntrica e a teocêntrica serão substituídas pela antropocêntrica, ou seja, não mais a natureza, nem mais Deus serão o centro donde tudo partirá, mas quem ganhará o espaço e o protagonismo será o próprio homem que vai sendo definido e compreendido a partir da ótica daquele que o estuda, ou seja, cada filósofo, segundo sua forma de pensar vai definindo o homem, vejamos definições a partir da antropologia filosófica:

Homem econômico: Marx; homem instintivo: Freud; homem angustiado: Kierkegaard; homem utópico: Bloch; homem existente: Heidegger; homem falível: Ricouer; homem hermenêutico: Gadamer; homem problemático: Marcel; homem cultural: Gehlen; homem religioso: Luckmann (MONDIN, 1980, p.13).

O ser humano se apresenta enquanto um ser ambivalente por se apresentar próximo e ao mesmo tempo distante; é acessível, mas também, isola-se; ele se alegra, canta, dança, mas maltrata e agride; é um andarilho, caminha por todos os lugares, mas se isola, recolhe-se em si mesmo; é lógico e ilógico. O que nos leva a crer que o homem faça uso de uma linguagem pluriforme é o fato dele dialogar com os outros e ao mesmo tempo viver um monólogo estéril; ele fala muito, mas cala ao ponto de não se perceber sua presença; ele dá sua opinião ao ofertar sua palavra, mas silencia ao ponto de não querer valorizar e recusar o que o outro pensa. O Homem é um ser que ama, dele escorre uma torrente de amor, ama, ama, ama. Mas, este que ama, também odeia. Este ódio pode se voltar até mesmo para a pessoa amada. A boca que abençoa passa a amaldiçoar. É a contradição humana, enquanto lhe serve o outro é amado, quando perder a serventia, passa a ser ignorado ou odiado. Outro ponto merecedor de destaque é a capacidade de criar, pois com sua inteligência, pelo uso da razão passa a ser entendido como um ser criativo. Mas, na medida em que cria, destrói; na medida em que se apegua, desapega-se; gera a paz, mas faz acontecer a violência; produz o alimento, mas promove a fome; re flora a natureza, mas a destrói. Gera e diz amar seus filhos, seus pais e amigos, mas causa males e males contra eles. O ser humano é um paradoxo antropológico, pois traz consigo esta grande capacidade de dizer e se contradizer, de se autodestruir, mas o rico é que tem a possibilidade de se reconstruir, de ressurgir e voltar à vida feliz. Com sua capacidade interna e com força externa poderá dar fim ao que destrói e intensificar a prática do que constrói: o amor responsável e solidário. Por fim,

O ser humano é oscilante. É paradoxo. Avança e recua, atrai e expulsa, ergue-se e recai, edifica e pulveriza, arrisca-se e amoita-se. O ser humano não é apenas herança. É decisão. É gênese existencial. É conquista de todos os dias. Lidar com o ser humano é lidar com o paradoxo (ARDUINI, 2002, p.8).

A filosofia, tendo por essência a força que leva o Homem a refletir acerca de si e sobre o que o envolve, gasta uma parcela de suas forças nesta tentativa de compreender o ser humano. Em muitas linhas de pensamento, o Homem quando é pensado, olha-se para ele enquanto um ser composto de corpo e alma, ou seja, não se olha para o corpo em si mesmo, mas sempre em relação à alma.

Sem muito esforço recordamos grandes nomes como: Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, São Tomás, Descartes, Espinosa, Nietzsche, dentre outros. Vale destacar que tanto os platônicos quanto os aristotélicos, mesmo tendo uma visão importante acerca do corpo, eles fazem uso do chamado método metafísico, ou seja, estuda-se ou volta-se a atenção primeiramente para as coisas mais perfeitas para somente depois se olhar para as menos perfeitas. Primeiro se estuda as causas para depois chegar aos efeitos.

E, dado que tanto os platônicos como os aristotélicos sustentam que a alma seja mais perfeita que o corpo e que exerça sobre ela uma atividade causal, logicamente concentram suas atenções sobretudo na alma (MONDIN, 1980, p.27).

O nosso olhar estará voltado, de início, para esta parte física e material que chamamos de corpo que traz consigo a razão de existir. Na composição humana corpo-alma, mesmo se reconhecendo a alma como superior ao corpo, não se pode desmerecer ou desvalorizar o valor do corpo. Conter matéria, por ser palpável, visível e terreno, não coisifica o corpo, ou seja, não exclui seu valor, afinal, em hipótese alguma, o corpo deverá ser rebaixado à condição de coisa. Em relação ao conceito coisa, numa visão filosófica, assim nos é relatado:

Tanto no discurso comum quanto no filosófico, esse termo tem dois significados fundamentais: 1º genérico, designando qualquer objeto ou termo, real ou irreal, mental ou físico, etc, de que, de um modo qualquer, se possa tratar; 2º específico, denotando os objetos naturais enquanto tais. No primeiro significado, a palavra é um dos termos mais frequentes da linguagem comum e também é amplamente empregada pelos filósofos. "coisa" pode ser o termo de um ato de pensamento ou de conhecimento, de imaginação ou de vontade, de construção ou de destruição, etc. Pode-se falar de uma coisa que existe na realidade como também de uma coisa que está na imaginação, no coração, nos sentidos, etc. Assim, pode-se dizer que, nessa acepção, coisa significa um termo qualquer de um ato humano qualquer ou, mais exatamente, qualquer objeto com que, de qualquer modo, se deva tratar (ABBAGNANO, 2000, p.149).

Não é pretensão nossa lançar um olhar científico onde o objeto de estudo seja o corpo em sua materialidade que o define como corpo-coisa, corpo-objeto, corpo-ser no mundo em matéria, mas queremos entender o corpo

sentido, vivenciado, experimentado consoante a visão fenomenológica e espiritual que o liga e o faz compreender em integridade com a alma.

Logo, na visão cristã, não será desprezando a alma que iremos compreender o corpo e não será rejeitando o corpo que chegaremos à compreensão da alma, pois ambos não podem ser dissociados já que quando Deus fez o ser humano, Ele o fez em corpo e alma. Assim, cremos que não podemos impor incoerência na natureza criada por Deus, jamais poderemos imaginar o ser humano apenas em sua dimensão corporal, se assim fosse, tudo estaria terminado na corrupção do corpo pelo pecado que o levou à morte, mas, há de forma intrínseca o desejo da eternidade tão pregado e ensinado pela doutrina da igreja. O Homem é também alma que traz consigo a forma do corpo, como afirma o Concílio de Vienne na 3ª sessão:

Outrossim, sempre com o consenso do referido Concílio, reprovamos como errônea e contrária à verdade da fé católica, toda doutrina ou tese que afirme temerariamente que a substância da alma racional ou intelectiva não é verdadeiramente e por si a forma do corpo humano, ou suscite dúvida a esse respeito; e, para que seja conhecida por todos a verdade da pura fé e fechado o caminho a todo erro, definimos que qualquer um que no futuro ouse afirmar, defender ou sustentar com pertinácia que alma racional ou intelectiva não é a forma do corpo humano por si essencialmente, deve ser herege (DENZINGER, 2007, n. 902).

Portanto, esta unidade de corpo e alma é tão forte que a alma chega a ser considerada como aquela que possui a forma do corpo, isto é, por causa desta alma espiritual que o corpo material é humano e vivo; o espírito e a matéria presentes no homem são duas naturezas que entram em comunhão e a sua integridade forma uma única natureza (CIC, n.365). Corrobora o documento conciliar:

O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador. Não pode, portanto, desprezar a vida corporal; deve, pelo contrário, considerar o seu corpo como bom e digno de respeito, pois foi criado por Deus e há-de ressuscitar no último dia. Todavia, ferido pelo pecado, o homem experimenta as revoltas do corpo. É, pois, a própria

dignidade humana que exige que o homem glorifique a Deus no seu corpo, não deixando que este se escravize às más inclinações do próprio coração. Não se engana o homem, quando se reconhece por superior às coisas materiais e se considera como algo mais do que simples parcela da natureza ou anônimo elemento da cidade dos homens. Pela sua interioridade, transcende o universo das coisas: tal é o conhecimento profundo que ele alcança quando reentra no seu interior, onde Deus, que perscruta os corações, o espera, e onde ele, sob o olhar do Senhor, decide da própria sorte. Ao reconhecer, pois, em si uma alma espiritual e imortal, não se ilude com uma enganosa criação imaginativa, mero resultado de condições físicas e sociais; atinge, pelo contrário, a verdade profunda das coisas (GS, n.14).

Por sua vez, São Tomás de Aquino entende o Homem como um composto de corpo e alma, fazendo eco, sobretudo, a teorias aristotélicas sobre o ser humano. Por isso, na Suma contra os gentios o filósofo afirma que “é impossível que o homem e o animal sejam uma alma servindo-se de um corpo, e não uma coisa composta de corpo e alma” (AQUINO, 1990, p.264). Embora muito se observe e cuide da alma, o corpo não pode ser esquecido, pois junto à alma formam o ser humano e o revela de forma integral. Este homem é imagem de Deus e, na sua finitude ou perfeição relativa, participa da perfeição absoluta de Deus, por isso, tona-se capaz de conhecer a verdade e agir moralmente segundo o bem.

Enfim, este ser composto por corpo e alma é o homem e a mulher que não foram postos neste mundo para experimentarem o isolamento e nem para viverem na solidão, mas para juntos se descobrirem enquanto seres de relação, de convívio e partilha de vida com o outro.

2.2 Homem: um ser que pensa e ama

Fazendo referência ao ser humano quem nunca se interrogou acerca do que pode nos diferenciar dos outros animais? Aristóteles e Platão afirmavam que o ser humano se diferencia dos outros animais pela sua capacidade de raciocinar? Para João Paulo II o grande diferencial não está apenas na arte de

pensar, mas, antes de tudo, na sua propensão para amar. Ou seja, ele não nega a racionalidade humana como um dom específico, mas justifica e afirma em seu pensamento que o ponto determinante para diferenciar o ser humano dos outros seres é a sua razão que o leva a amar e a doar-se, ou seja, que o leva a descobrir e viver o amor-doação. Não basta raciocinar, não basta refletir, não basta discernir, não basta escolher, não basta pensar, tem-se que amar.

O Homem é um ser de natureza racional, cuja natureza não encontramos em nenhum outro, pois em nenhum outro ser se encontra sinal de pensamento conceitual que versa sobre a verdade e o bem, sobre valores metafísicos. Fazer uso da razão, refletir acerca das coisas, agir eticamente, possuir uma vida interior e espiritual são características próprias do ser humano. Os animais, por sua vez, não possuem a capacidade de raciocinar, logo, não podem ser definidos como pessoa, mas como indivíduo pertencente a uma peculiar espécie, como um ser vivente nesta terra. Enquanto os animais irracionais passam por suas experiências de mundo pelos estímulos, os homens descobrem que suas ações, pensamentos, sentimentos e outras experiências que nascem a partir da razão, da inteligência, são objetos da sua própria consciência reflexiva e se apresentam como experiência e descoberta pessoa. Vale saber que

O termo “pessoa” foi escolhido para sublinhar que o homem não se deixa encerrar na noção de “indivíduo da espécie”; porque há nele alguma coisa mais, uma plenitude e uma perfeição de ser. O particular e o indivíduo se realizam de maneira ainda mais especial e perfeita nas substâncias racionais que têm o domínio de seus atos e não são apenas movidas na ação como as outras, mas agem por si mesmas. Ora, as ações estão nos singulares. Por isso, entre as outras substâncias os indivíduos de natureza racional têm o nome de pessoa. E eis por que, na definição acima, diz-se: a substância individual, para significar o singular no gênero substância. E acrescenta-se “de natureza racional”, para significar o singular nas substâncias racionais (TOMÁS DE AQUINO, 2001, p.523).

Fazendo uso da afirmação de Boécio, quando afirma que a pessoa é uma substância individual de natureza racional, Santo Tomás de Aquino, dando ênfase ao homem enquanto ser racional destaca que por meio dela a pessoa desenvolve a capacidade de na liberdade escolher e reconhecer os meios mais adequados para alcançar seus fins. Desta maneira, dotado de razão e de

liberdade, o ser humano se destaca frente aos demais ao ponto de ser visto como um dos seres mais perfeitos da terra.

Sendo o homem e a mulher seres racionais que os diferenciam dos outros seres, por este atributo ou característica peculiar, mostram-se como aqueles que trazem consigo a capacidade de autodomínio, de reflexão acerca de suas ações e, ainda mais, podem e devem agir por si mesmas, sem necessitar de outras forças para realizarem suas atividades. Portanto, a dignidade de pessoa irá ser clarificada a partir da prática desta capacidade racional que leva o homem a refletir, pensar e agir por si só.

Uma das características presente nas pessoas e que mostra claramente a diferença do ser que ama e pensa para o que age por instinto de sua natureza é a diferença entre os termos instinto, próprio dos animais irracionais e o impulso sexual próprio dos seres humanos. Não é difícil em nossa realidade humana, encontrarmos pessoas que agem sem pensar, como se fossem animais irracionais, que não pensam na ação a ser praticada e nem em suas consequências. Agindo assim, dão-se o direito de esquivarem-se da grande arte de pensar, de raciocinar e de fazer a reta opção pela atitude que enobrece o ser. Agindo assim, o ser humano tira de si o direito de agir eticamente correto, já que a ética é uma reflexão acerca de nossa ação; é o ato de refletir antes de agir e entender a razão da prática de tal ação. Kant, em sua obra “Fundamentação da metafísica nos costumes” na resposta à pergunta o que é esclarecimento, vai nos dizer que as pessoas que não fazem uso de sua própria razão optam por um estado de vida na menoridade, ou seja, período de infantilidade, de insegurança, de medo, de covardia por não quererem pela razão se sentirem capazes de agir segundo sua forma de pensar e sua verdade (KANT, 1985, p.100).

Abramos um parêntese e discorramos um pouco sobre a distinção entre instinto e impulso.

A partir do livro “Amor e responsabilidade” de Karol Wojtyła² o Instinto e o impulso a partir de sua etimologia estarão intimamente ligados, afinal, instinto vem do verbo latim *instinguere* que é sinônimo de *impellere*, ou seja, que

² Ao fazermos referência à obra “Amor e Responsabilidade” o autor apresentado será João Paulo II, mesmo à época o mesmo tenha dado como autor Karol Wojtyła. Isto se faz necessário para manter um padrão estético onde a mesma pessoa não se apresente com dois nomes.

significam instigar no português. Logo, “o instinto é impulso” (JOÃO PAULO II, 2016, p. 39). Agir instintivamente é realizar uma ação de forma irracional ou impensada, mas agir desta forma não corresponde ao ser humano em sua essência, pois ele traz consigo a capacidade de raciocinar, de refletir sobre a sua própria ação, onde se autodetermina. É bem verdade que os animais, no campo sexual, possuem o instinto natural, algo que o ser humano também possui, mas o homem e a mulher podem controlar, modelar por serem seres suprassensíveis. Jamais será o instinto sexual aquele que irá controlar os atos humanos, mas a autodeterminação humana, o controle racional irá impor ordens e regras aos seus instinto e impulsos sexuais.

Diante dos termos impulso e instinto, é comum associarmos instintos aos animais irracionais e impulsos aos seres racionais. O termo impulso, por sua vez, será compreendido como tendência, logo, impulsos sexuais denotarão a ideia de tendências sexuais, a saber:

A tendência sexual é a fonte do que sucede no homem, dos diversos acontecimentos que têm lugar na sua vida sensorial ou afetiva sem a participação de sua vontade. Isto prova que ela faz parte do ser humano como um todo, e não só de uma das suas esferas ou faculdades. Como abrange todo o homem, ela tem o caráter de uma força, que se manifesta não só através do que sucede no corpo do homem, nos seus sentidos ou nos seus sentimentos, sem a participação da vontade, mas também através do que se realiza com o concurso desta (JOÃO PAULO II, 2016, p. 41).

No seu caminhar, segundo a normalidade da vida, esta tendência sexual é algo que irá sempre estar voltada para o próprio ser humano, a tendência sexual do homem em sua naturalidade deve estar voltada para o ser humano, para uma pessoa. O mais comum é o homem voltar-se para a mulher e a mulher para o homem; mas, há casos onde esta tendência se desvia da naturalidade e o sexo oposto passa a ser o direcionamento de tal tendência. Por sua vez, no campo da anormalidade nos deparamos com pessoas que direcionam seus sinais sexuais a animais irracionais. O espanto está no fato de que a tendência sexual direcionada à outra pessoa, tende a elevar-se e chegar ao que chamamos de amor, pois é algo próprio do relacionamento e do mundo do ser humano, por sua vez, entre os animais o ato de relacionar-se não evoluirá ao amor, pois será

sempre instinto sexual. Não se ama sozinho, precisa-se do que ama e do que é amado. Num relacionamento sexual entre um ser humano e um animal não haverá amor, pois, o animal não evoluirá e nunca chegará a amar e o homem, por sua vez, far-se-á um animal, agindo apenas por instinto. Por fim,

O impulso sexual humano difere do animal, que dá origem a procedimentos instintivos, ditados exclusivamente pela natureza. No homem ele está por natureza subordinado à vontade e, por isso mesmo, sujeito ao dinamismo específico da liberdade. Pelo ato do amor, a tendência sexual transcende o determinismo da ordem biológica. Por essa razão as suas manifestações no homem devem ser avaliadas no plano do amor, e os atos que daí derivam seus objetos de uma responsabilidade, sobretudo da responsabilidade pelo amor. Isto é possível porque, psicologicamente, o impulso sexual não nos determina totalmente, mas deixa um campo à liberdade do homem (JOÃO PAULO II, 2016, p. 44).

Sendo o homem, por natureza, um ser sexuado ao se reconhecerem como homem ou mulher, ambos perceberão as diferenças e sentirão necessidade da aproximação. Na aproximação irão perceber que

[...] o homem não tem as propriedades que a mulher possui e vice-versa. Por conseguinte, cada um deles pode não só completar as próprias com as da pessoa de sexo oposto, mas pode às vezes até sentir vivamente a necessidade de semelhante complemento (JOÃO PAULO II, 2016, p. 42).

Percebamos que a vida sexual é uma parte integrante dos animais racionais e irracionais. Embora a prática sexual exista, há uma grande diferença entre as duas categorias, ou seja, entre os animais irracionais e os seres humanos. Para o primeiro o ato sexual é movido pelo instinto natural e tem sua finalidade na procriação e conservação da espécie. Já para os seres humanos, o ato sexual estará situado ao nível da pessoa e da moral, pois eles têm a consciência da finalidade da vida sexual, mas também do fato de elas terem consciência de serem pessoas e precisam entender que o outro não é objeto, mas uma pessoa para ser amada.

Por ser dotado de razão, o Homem tem a capacidade de discernir sobre o que lhe gera prazer e o que traz sofrimento. Por isso, não pode o homem ou a

mulher fazer do outro apenas um meio para se alcançar um fim, isto é, o prazer ou deleite sexual, mas deve ver no outro uma parte necessária de complemento do seu próprio ser, afinal, o homem e a mulher foram feitos à sua imagem e semelhança do criador, dotados de razão e valioso significado. A criação do ser humano é sendo a última obra do Criador será radicalmente diferente de tudo o que foi criado anteriormente.

Em Gn 1, 27 é repetido duas vezes que ‘Deus criou adam à sua imagem’, designando, como objeto da obra divina, o ser humano sem distinção de gênero, linhagem ou cultura. Precisamente porque é diferente dos animais, ‘criados cada um à sua espécie’ (Gn 1,21.24-25), precisamente porque é único na sua natureza, o homem é imagem do Deus único (Dt 6,4) (PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, 2022, p.50).

Por isso, trarão nesta terra a certeza do dom de que tudo foi feito para eles e de que neste mundo devem viver em comunidade para amar. A união amorosa e desejada por Deus entre o homem e mulher, imagem e semelhança de Deus, dará sentido à continuidade de nosso trabalho.

2.3 O dom de ser imagem de Deus

Em Gênesis 1, 27 está a mais bela característica do ser humano: ser a imagem do seu criador, imagem do amor, imagem segundo a sua semelhança. O Criador é quem chama à vida, por isso é ele mesmo que diz: é muito bom que o homem exista. É Ele quem o estabelece como dom na existência do mundo, dom de ser imagem do seu amor, para que seja reflexo vivo da sua presença; do dom de si no mundo ao mesmo tempo que revela a natureza especial e a dignidade extraordinária da pessoa humana.

João Paulo II nos deixa claro que o tema da *imago Dei*, que nos é apresentado no versículo do Gn 1, 27 envolve aspectos fundamentais da teologia bíblica e da antropologia cristã que nos permitem aprofundar o desenvolvimento de uma doutrina mais completa sobre o Homem, a sua origem, o sentido e a finalidade da sua existência, como se verá muito bem evocado no método da sua catequese na conhecida teologia do corpo.

O Papa, em seus estudos sobre a família e o amor humano, hauriu nesta fonte do ensinamento bíblico, do ensinamento patrístico e da tradição apostólica da Igreja, atualizando a Boa Nova sobre o corpo e enfatizando a profundidade da compreensão sobre a dignidade da pessoa humana, que é a premissa de que o homem e a mulher foram criados à imagem de Deus.

A sua abordagem personalista influencia positivamente a concepção antropológico-teológica do ser humano, na sua corporeidade e sexualidade, como uma obra muito boa criada por Deus, dotada de sentido, de uma identidade essencial da dinâmica relacional do ser e, por isso, intrínseca ao ser humano.

A imagem de Deus se reflete em toda a humanidade e tem por objetivo uma relação de comunhão entre o Criador e a criatura com uma finalidade sagrada. O ser humano é criado como interlocutor privilegiado de Deus, porque é a única criatura capaz de se relacionar com o Criador.

Embora o Homem esteja tão intimamente ligado ao mundo visível, a narrativa bíblica não fala da sua semelhança com o resto das criaturas, mas apenas com Deus: Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou.

A palavra "criou", na boca de Cristo, contém a mesma verdade que encontramos no livro do Gênesis. A primeira narrativa da criação repete esta palavra várias vezes esta palavra, desde o Gênesis 1, 1 ("no princípio criou Deus os céus e a terra"), até ao Gênesis 1, 27 ("Deus criou o homem à sua imagem"). Deus se revela a si mesmo sobretudo como Criador (JOÃO PAULO II, catequese n.13, §3).

No primeiro relato da criação, que tem maior foco na elaborada 'teologia do corpo', o papa aponta a obra da criação como um grande dom, apresentado a nós como uma epifania de seu amor. Nela, o homem criado como *imago Dei* é capaz de compreender o próprio significado desse dom no chamado do nada à existência e capaz de responder ao seu Criador, porque o fez aberto para comunicar e agir por meio desse amor revelado.

O Papa mostra que a chave para a correta interpretação da compreensão de quem é o homem e como deve conduzir a sua vida é a dimensão do dom. Com efeito, a realidade do dom determina a verdade essencial e a profundidade de sentido da dignidade originária do homem perante Deus e perante toda a criação.

Este é o dom: Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, criou-o na liberdade de participar da bondade divina, na infinita troca de amor por si mesmo. A criação como *imago Dei* é um dom especial para o homem, a sua plenitude e dimensão mais profunda é determinada por esta graça, isto é, pela participação na vida interior do próprio Deus, na sua santidade.

Esta é a felicidade suprema do homem, e tudo o que ele precisa fazer para experimentá-la é se abrir para receber o presente. Quando ela o faz, seu coração se enche de gratidão por receber um presente tão grande. Por isso, nada mais quer senão pôr a sua liberdade ao serviço do dom: primeiro, retribuir o dom do amor a Deus em ação de graças (eucaristia), e depois, partilhar este dom, ser o mesmo dom para outros como a vida é para ele.

Podemos então deduzir que o homem se tornou imagem e semelhança” de Deus não só mediante a própria humanidade, mas ainda mediante a comunhão de pessoas, que o homem e a mulher formam desde o princípio. A função da imagem está em espelhar aquele que é o modelo, reproduzir o seu protótipo. O homem torna-se imagem de Deus não tanto no momento da solidão quanto no momento da comunhão. Isto constitui mesmo talvez o aspecto teológico mais profundo de tudo o que se pode dizer acerca do homem. [...] Sobre tudo isto, desde o princípio, desceu a bênção da fecundidade, unida à procriação humana (JOÃO PAULO II, catequese n.9, §3).

A realidade do dom e do ato divino de doação, delineada nos primeiros capítulos do Gênesis, como da criação, confirma que a irradiação do amor é parte integrante deste mesmo mistério. Só o amor cria o bem e, em última análise, só pode ser percebido em todas as suas dimensões e perfis através das coisas criadas e sobretudo através do Homem. A sua presença é como o resultado final da hermenêutica do dom que aqui realizamos. A felicidade original, o princípio do homem que Deus criou "homem e mulher" (Gn 1,27), o significado nupcial do corpo na sua nudez original: tudo isto exprime o enraizamento no amor. Esta doação coerente, que remonta às raízes mais profundas da consciência e do subconsciente, aos últimos estratos da existência subjetiva de homens e mulheres, e que se reflete em sua recíproca experiência corporal, testemunha o amor enraizado.

2.4 Homem e Mulher: união desejada por Deus

Vimos, no tópico anterior, relatos importantes para compreendermos o conceito de pessoa. Discorreremos sobre o homem e a mulher enquanto seres compostos de corpo e alma que se diferenciam dos outros animais pela sua capacidade de pensar e amar, um agindo por impulso e o outro por instinto. Partindo da existência do homem e da mulher, veremos que ambos foram postos neste mundo para viverem em comunidade e, jamais, isolados. Ambos são seres de relação e juntos buscarão a felicidade que é vista como o fim último do ser humano.

Fundamentados na Sagrada Escritura, recordemos alguns pontos da teologia da criação que justificam a afirmação de que a união do homem e da mulher foi desejada por Deus. Na sequência cronológica, a Sagrada Escritura nos fala que, no ciclo dos sete dias da criação do mundo, Deus primeiro dá vida ao homem e depois à mulher. No ciclo dos sete dias, tendo sido criado o homem cujo nome recebido foi Adão, Deus determinou a Adão que nomeasse todas os seres.

Na teologia da criação, Deus cria e dá vida a todas as coisas necessárias para o suporte e bom viver da maior e última de todas as criações: o ser humano.

No livro do Gênesis encontramos o relato de que Deus criou o homem para habitar na terra. Afirmando-se que tudo o que é feito por Deus seja perfeito, ao se criar primeiro o homem e posteriormente a mulher, subentende-se que ambos foram criados completos, perfeito e por amor. Aqui, daremos passos para descobrirmos a beleza da complementariedade entre as duas maiores criações: o homem e a mulher.

Ninguém pode negar que o amor não deve ser individualista, mas coletivo e mutuamente oferecido. Não é possível amar sozinho, precisa-se de uma outra parte, de uma outra pessoa para receber e oferecer o amor. Ou seja, ninguém foi colocado neste mundo para viver só, principalmente o Homem que não foi colocado neste mundo para isolar-se, mas para viver em comunidade, já que é ele um ser social capaz e obrigatoriamente propenso a entrar em relação com o outro (GS, n.12).

A experiência da solidão original fundamentada na passagem bíblica "Não é bom que o homem esteja só" (Gn 2, 18) alude à experiência do homem com relação ao mundo, à sua relação com as realidades impessoais. Adão, uma vez cumprida a tarefa confiada pelo Criador de dar um nome a tudo o que foi criado, o que significa assumir o seu domínio vicário sobre a criação, descobre-se como alguém que está só. Ele conheceu tudo o que Deus criou para ele, mas nessa jornada pela criação, Adão não encontrou nada parecido com ele, nada que satisfaça suas necessidades de relacionamento, nada que esteja de acordo com seus padrões, porque nada do que ele vê é alguém ou pessoa semelhante a ele.

Esta experiência é a confirmação de uma falta, mas é, ao mesmo tempo, a confirmação da posição peculiar que Adão ocupa na criação, ou seja, que ele é a única criatura que Deus chama a ter um caráter exclusivo, original e irrepetível capaz de manter uma relação de amor filial com Ele. A experiência da solidão original serve também para iluminar a irreducibilidade pessoal, pois é a experiência que o homem faz de seu caráter único na existência. A razão de tudo isso é que ele foi feito à imagem de Deus.

Lembremo-nos de que toda experiência original é universal e concreta ao mesmo tempo. Por isso, como experiência original, a solidão de Adão é uma experiência própria de cada um dos homens, é uma experiência universal, e não apenas dada aos crentes. Todo ser humano se sente sozinho diante de um mundo impessoal, mesmo diante do mundo humano que o cerca. Pode ser visto no sentido de responsabilidade que emerge ao tomar decisões importantes que têm a ver com o seu projeto de vida, ou com a consciência da própria morte e a forma de lidar com ela, etc. É a experiência de que só a si mesmo responde por si e que só se responde plenamente quando se responde a Deus.

Mesmo estando os animais na companhia de Adão, nenhum deles poderia manter uma relação de diálogo com ele. Justifica-se tal sentimento o fato de ter visto todos os animais com seus pares semelhantes, porém, ao olhar para si, não viu nada que o assemelhasse a ninguém, pois nenhum dos seres trazia consigo características físicas próximas ou iguais à dele. Isto nos faz crer que o homem não viu seu reflexo em outro ser, não viu a sua imagem ser refletida.

O homem viu todos os pares brincando, correndo, transmitindo carinho, conversando entre si, vivendo uma sexualidade, mas, por sua vez, ele estava

num estado de isolamento sem poder relacionar-se da mesma forma com alguém semelhante a si. Mas, o homem não foi criado para expressar a solidão, mas a alegria e comunhão de pessoas fundamentada na trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Vivendo só o homem não seria capaz de refletir a sua imagem humana e nem se reconhecer enquanto imagem e semelhança do criador.

Tendo adormecido o homem, Deus viu que não era bom que o homem vivesse só (Gn 2,18), daí nasce a mulher.

Na descrição de Gênesis 2,18-25, a mulher é criada por Deus da 'costela' do homem e é colocada como um outro 'eu', como um interlocutor junto ao homem, o qual no mundo circunstancial das criaturas animadas, está só e não encontra em nenhuma delas um 'auxiliar' que lhe seja conforme. A mulher, chamada deste modo à existência, é imediatamente reconhecida pelo homem [...] (MD, 1988, n.06).

Ao ver a mulher pela primeira vez, o homem experimenta a unidade original ao afirmar: "Esta realmente é osso dos meus ossos e carne da minha carne!" (Gn 2, 23). Mostra a unidade homem-mulher na origem, sua igual dignidade e posição na criação. A mulher não vem do homem, mas da mesma origem de onde vem o homem: o amor criador de Deus. Sua existência tem, portanto, o mesmo caráter vocativo e a mesma promessa de plenitude. Além disso, Eva aparece como resposta ao grito de solidão de Adão, então essa experiência nos diz que a mulher é o maior dom da criação para o homem e vice-versa; e é porque a plenitude prometida é plenitude na comunhão interpessoal. A unidade original é uma unidade dual na qual o que é diferente de si mesmo – Eva para Adão, Adão para Eva – é reconhecido e acolhido como próprio.

Esta experiência original está na base do reconhecimento dos direitos humanos – a igual dignidade de todos os seres humanos – e da experiência universal do amor entre o homem e a mulher.

O homem se descobre enquanto ser de relação. Sai da solidão e põe-se em atitude de ação para auxiliar e ser auxiliado pela outra parte. Vive-se uma comunhão de pessoas onde um se lança e vive em função do outro, ou seja, estamos diante da verdadeira complementariedade humana. O homem com a mulher se reconhecem como seres de relação abertos para a capacidade de viver, conviver e amar.

2.5 AMOR CONJUGAL: um ato da liberdade humana

O amor é o motivo divino da criação, é o que antecipa a existência do homem, a fonte da qual brota: de fato, somente o amor inicia o bem e deleita-se com o bem. O Homem criado é a grande manifestação do amor do Criador, é um prodigioso assombroso, objeto de uma busca reflexiva sem fim (Sl 8,4-5), uma criatura privilegiada capaz de amar, porque é *capax Dei* e *imago Dei*. O amor humano é a vocação fundamental e inata da pessoa humana que a leva à perfeição na medida em que vive e pratica a experiência de amar.

Como possibilidade de se expressar no amor, Deus criou o ser humano, homem e mulher: à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou, Deus pretendeu ali estabelecer a capacidade de relacionamento pessoal na origem do ser humano de amor, visto que Deus sendo comunhão de amor, o ser humano, sendo *imago Dei*, tem portanto na sua natureza humana um traço originário fundamental deste amor divino, que lhe permite viver esta comunhão com o Criador e com o seu semelhante.

Neste ato de amor fundamentado no reconhecimento dos outros como parte integrante de si, o homem e a mulher ganham características de um dom para o outro, ou seja, um se sente parte essencial que complementa e realiza a outra parte. Ambos se realizam e realizam o outro por descobrirem o amor unitivo e por aceitarem o fato de que necessitam habitar, conviver e realizar um ato de entrega onde seus dias sejam partilhados. Portanto, esta união é desejada por Deus que faz nascer o sentimento de pertença e de entrega entre o homem e a mulher.

A mulher é o outro que afasta a solidão da vida humana, ou seja, a solidão dá espaço à comunhão, ao coletivo e permite a formação da comunidade com o outro. Neste momento da criação, compreendemos a gênese da união entre o homem e a mulher, a união esponsal se torna real, pois irão tornar-se um só corpo e uma só carne, deixando – futuramente – pai e mãe. Percebamos que o homem e a mulher não foram criados apenas para viverem se contemplando, mas para se tornarem existência um ao lado do outro com a prática do amor recíproco. E, como sinal e fruto deste amor irão povoar a terra.

Gn 2,24 fala da instituição, por parte de Deus, do matrimônio contextualmente com a criação do homem e da mulher como condição indispensável para a transmissão da vida às novas gerações dos homens, à qual o matrimônio e o amor conjugal são, por sua natureza, ordenados: sede fecundos e multiplicai-vos, povoai a terra; submetei-a Gn 1,28 (MD, 1988, n.06).

O ser humano não é formado apenas por razão, mas também, sentimento. Humanamente, os corpos se atraem não apenas para uma proximidade amical, não apenas para um relacionar-se pelo diálogo, mas pela interação de corpos e para um momento de intimidade mútua. O contato físico é necessário para fortalecer o amor existente entre ambos. No ato de unir-se, o homem e a mulher não servem apenas de companhia para o outro, mas outrossim, há um ato de entrega. O relacionar-se com o outro, o conviver gera a compreensão do conceito sexualidade que toca a realidade da própria pessoa desde a conversa até o momento mais íntimo do casal que visa a satisfação pessoal de ambos e a procriação. Percebamos a amplitude da compreensão do conceito de sexualidade, pois não deverá ser entendida apenas com a visão reducionista, onde a genitalidade e o ato sexual a esgotam. Esta compreensão vai além, a sexualidade refere-se ao ato de relacionar-se em todas as dimensões humanas com o outro ser.

A sexualidade não se reduz ao âmbito dos impulsos genitais; a sexualidade não se define pela genitalidade, nem muito menos pelo mero ato sexual. Todos os fenômenos genitais são sexuais, mas há uma grande quantidade de fenômenos sexuais que não tem nenhuma relação com o genital (VIDAL, 2000,p.19-20).

Ao lado do outro, o homem e a mulher deverão aprender a viver e conviver, pois precisarão desenvolver a capacidade de conversar, sorrir, discordar, concordar, decidir e recuar, ou seja, irão viver uma real sexualidade em seu sentido mais amplo.

A pessoa humana, segundo os dados da pesquisa científica contemporânea, é tão profundamente afetada pela sexualidade, que esta deve ser considerada como um dos fatores que conferem à vida de cada um dos indivíduos os traços principais que a distinguem. É do sexo, efetivamente, que a pessoa humana recebe aqueles caracteres que, no plano biológico,

psicológico e espiritual, a fazem homem e mulher, condicionando por isso, em grande escala, a sua consecução da maturidade e a sua inserção na sociedade (Congregação para a Doutrina da Fé, Declaração Persona humana sobre alguns pontos de ética sexual, n.1).

O primeiro homem e a primeira mulher foram criados por Deus, mas agora, esta missão de gerar a vida será uma ação específica do homem e da mulher que por amor, unindo seus corpos, por meio do sentimento e do ato sexual irão realizar o milagre da vida. Ao habitarem no mesmo espaço, o primeiro casal da terra irá passar por um processo de conhecimento de vontades, de desejos, de pensamentos, de sensações sentimentais, corpóreas e poderão corpo a corpo descobrir a beleza da autoentrega. Irão dialogar e em comum acordo tomarem suas decisões para que assim, possam conhecer melhor o mundo, o outro e a si mesmos.

Partindo do princípio de que Deus é amor (1Jo 4,8) e, sabendo que homens e mulheres foram criados pelo próprio “amor”, não encontraremos dificuldades em afirmar que ambos significam a personificação do amor, isto é, homem e mulher podem ser definidos como filhos do amor, a concretização mais perfeita deste amor o que os torna na graça, serem reconhecidos como imagem e semelhança do Criador (Gn 1,27). Foi oferecida uma sublime dignidade ao homem e à mulher que possui raízes na ligação íntima que une a criatura ao criador, sendo que, na criatura humana transfigura um reflexo da própria realidade de Deus.

Percebamos que o primeiro homem e a primeira mulher ao gerarem as primeiras vidas, Caim e Abel, eles começam a colaborar e realizar a missão dada por Deus; mas, não bastava gerar, pois a atividade maior era criar, ou seja, saber educar, formar, orientar e acompanhar. Eis o primeiro dever de Adão e Eva, sendo que, ainda hoje tal obrigação é atual aos pais, a saber:

Dando a vida, os pais cooperam com o poder criador de Deus e recebem o dom de uma nova responsabilidade: a responsabilidade não só de alimentar e satisfazer as necessidades materiais e culturais dos seus filhos, mas sobretudo de lhes transmitir a verdade da fé vivida e de os educar no amor de Deus e do próximo (Conselho pontifício para

a família, Sexualidade Humana: verdade e significado, orientações educativas em família, n.5).

Destaquemos que após a mulher ser criada e já no primeiro olhar do homem sobre ela, a Escritura faz questão de dizer que ambos estavam nus (Gn 2,25) e não era motivo de vergonha para um nem para o outro. Note-se que enquanto o pecado não existia na terra, o homem e a mulher no estado de graça, vivendo no paraíso e na certeza de que tudo o que havia sido criado por Deus era bom, a maldade não estava nos olhos nem no coração humano.

Os corpos eram dignos de apreciação, revelavam na sua nudez a beleza de Deus, pois assim haviam sido criados, e assim iriam permanecer. Os corpos se encontrarem, o olhar sobre o corpo do outro não era algo escandaloso, vergonhoso ou pecaminoso, mas bonito e agradável aos olhos humanos que eram reflexos dos olhos divinos.

Na compreensão da inocência original, o homem olhar pra a mulher e a mulher para o homem, mesmo nus a única visão que se tinha era da pessoa em sua dignidade, liberdade e vocação à comunhão. Com o ato de desobediência a Deus este amor original perdeu sua luz própria para o Homem e o amor verdadeiro deixou de ser a força para suas relações. Tal afirmação é corroborada com o surgimento da vergonha e do medo “Ouvi seus passos no jardim, respondeu ele, e tive medo porque estava nu. Por isso me escondi” (Gn 3, 10). A experiência da vergonha é uma experiência fronteira (limite, ruptura) porque ocorre em um novo contexto existencial, radicalmente diferente do contexto criador de Deus. É uma experiência que inaugura um novo horizonte: “Abriram-se então os olhos dos dois e descobriram que estavam nus” (Gn 3, 7). A imagem do "abrir os olhos" não indica a passagem da ignorância ao conhecimento, como sugeria a primeira tentação, mas a mudança radical do olhar para o outro (olhar objetivante, atitude de dominação).

Nossa razão e limitação humana não são capazes de alcançar as verdades e realidades espirituais ou divinas, pois são inefáveis e invisíveis aos olhos. Mas, pela contemplação do corpo humano, criado à imagem e semelhança, podemos notar e comprovar a história divina e espiritual se concretizando, isto é, tornando-se visível e se construindo. Isolados, os corpos humanos perdem o sentido, por isso, o homem unido à mulher, formando

comunhão e vistos à luz do outro, perceberemos o glorioso chamado a uma comunhão que gera vida. E esse é um sinal da vida interior de Deus.

Na antropologia e teologia moral-sexual de João Paulo II, encontra-se a explicação acerca do Homem onde vai revelar que o homem e a mulher podem ser considerados o lugar teológico, ou seja, o lugar para o conhecimento de Deus. Por isso,

O corpo, de fato, e só ele, é capaz de tornar visível o que é invisível: o espiritual e o divino. Foi criado para transferir para a realidade visível do mundo o mistério oculto desde a eternidade em Deus, e assim ser sinal d'Ele (JOÃO PAULO II, catequese 19,§ 4).

No início da criação, nem o homem e nem a mulher eram sinais de ameaça ao outro, isto é, não havia interesse e nem desejos possessivos. Nenhuma das partes era vista como objeto a ser explorado ou usado ou algo que deveria ser explorado sexualmente onde levasse à outra parte a uma atitude de autodefesa ao ponto de esconder-se para proteger-se. Dantes, o homem e a mulher não sabiam o significado da luxúria que, posteriormente, iria consumir o coração humano. Portanto, na pureza da criação, o homem e a mulher viviam na fidelidade e na justiça de Deus o que nos afirma a certeza de que a sexualidade (ato de relacionar-se e conviver com outro) já é apresentada como algo apreciado e permitido por Deus.

É por isso que a nudez como a ausência da vergonha é a chave para compreensão do plano de Deus para as nossas vidas – ela revela a teologia original dos nossos corpos e, por meio desta, a verdade do amor. Precisamos deixar este ponto penetrar profundamente em nós: Deus nos deu o eros “no princípio” para ser o próprio poder de amar como Ele ama – em um dom de si livre, sincero e total. Era assim que o casal descrito em Gênesis o experimentava. O desejo sexual não era sentido como uma compulsão ou instinto para a gratificação egoísta. A experiência da luxúria virá apenas com o surgimento do pecado (WEST, 2018, p.58).

Diante da nudez, sem experimentar do ato de envergonhar-se, segundo João Paulo II, revelava a intimidade e proximidade da criatura humana com o

criador, pois eram conhecedores da bondade e do plano glorioso de Deus para suas vidas.

Antes e agora, o ser humano é chamado para viver ao lado do outro na unidade num ato de entrega e amor. Na unidade pela qual o homem e a mulher se tornam uma só carne, possui assim, desde o início, o caráter de uma escolha, como dimensão de dom recíproco, cuja expressão é o ser humano corpo em toda a verdade original da masculinidade e da feminilidade. A masculinidade e a feminilidade conduzem-nos à plena consciência do próprio corpo como princípio de recíproco enriquecimento no amor, ou seja, a masculinidade e a feminilidade, são quase como duas “encarnações” diferentes, ou seja, em duas formas de *ser o corpo* do mesmo ser humano, criado à *imagem de Deus* (JOÃO PAULO II, catequese 8, n.01). Isto significa que a verdade mais profunda do corpo humano na dualidade sexual é ser, na criação, testemunho do dom, testemunho do Amor.

Uma vez unidos, o homem e a mulher ganham de Deus a permissão para crescerem e multiplicarem-se (Gn 9,7), ou seja, a formarem o sacramento do amor para continuarem seu ato criativo. Seguiremos tratando sobre o amor conjugal fundamentado na afirmação de que Deus é amor. A partir deste amor, em matrimônio o casal constitui sua família.

2.6 Amor conjugal e a união matrimonial

Quando falarmos de homem e mulher que se unem em matrimônio, não podemos pensar em apenas um ato humano, mas divino. O matrimônio não é algo pensado pelos homens, mas desejado e criado por Deus. Nos textos bíblicos, no magistério da Igreja e por meio de outras fontes, iremos descobrir a verdade sobre o casamento cristão. De início, partimos do princípio de que “Deus é o autor do casamento” (GS, n.48). Mas, poderíamos nos perguntar: Em que sentido Deus é o autor? Só porque Cristo o elevou à dignidade de sacramento? Em resposta podemos afirmar que Deus é o autor do matrimônio como instituição natural, sacramento da criação, porque é o autor do amor conjugal presente desde o princípio: sacramento originário. As contribuições decisivas do Concílio Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* permitem compreender o matrimônio como instituição do amor conjugal. O consentimento matrimonial,

aliança dos esposos, dá origem a uma íntima comunidade conjugal de vida e amor (amor conjugal) e ao mesmo tempo à instituição (o matrimônio constrangido como direito humano realidade e divino). Em outras palavras, o amor conjugal e o vínculo matrimonial nascem ao mesmo tempo como efeito do ato livre de consentimento matrimonial pessoal e irrevogável. Portanto, vale saber que

Fundada pelo Criador e de posse de leis próprias, a íntima comunidade conjugal de vida e amor se estabelece na aliança dos esposos, isto é, no seu consentimento pessoal e irrevogável. Assim, do ato humano, pelo qual os esposos se dão e se recebem, nasce uma instituição confirmada pelo direito divino, ainda antes da sociedade (GS, n.48).

O fim primário e o fim secundário do casamento também foram melhor integrados, pois não apenas o casamento como instituição divina, mas o amor conjugal por sua própria natureza é ordenado ao fim primário da procriação e educação dos filhos.

Para chegar a essas formulações personalistas do casamento, o Concílio Vaticano II teve que se esforçar para esclarecer a natureza do amor conjugal: declara que o amor conjugal não é fundamentalmente emoção ou sentimento, mas uma relação interpessoal muito específica entre homem e mulher, uma forma de amizade, que abrange o bem de toda a pessoa:

Esse amor, dado que é eminentemente humano pois vai de pessoa a pessoa com um afeto voluntário compreende o bem de toda a pessoa e, por conseguinte, pode conferir especial dignidade às manifestações do corpo e do espírito, enobrecendo-as como elementos e sinais peculiares do amor conjugal (GS, n.49).

Devemos a Paulo VI outro passo decisivo na investigação da natureza do amor conjugal. Para o referido papa o

Amor conjugal exprime a sua verdadeira natureza e nobreza, quando se considera na sua fonte suprema, Deus que é Amor, o Pai, do qual toda a paternidade nos céus e na terra toma o nome. O matrimônio não é, portanto, fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes: é uma instituição sábia do Criador, para realizar na humanidade o seu desígnio de amor. Mediante a doação pessoal recíproca, que lhes é própria e

exclusiva, os esposos tendem para a comunhão dos seus seres, em vista de um aperfeiçoamento mútuo pessoal, para colaborarem com Deus na geração e educação de novas vidas. Depois, para os batizados, o matrimônio reveste a dignidade de sinal sacramental da graça, enquanto representa a união de Cristo com a Igreja (HV, n.09).

Paulo VI aprofundando-se na abordagem personalista do Concílio, sistematizou o ensinamento da *Gaudium et spes* sobre a natureza do amor conjugal, definindo quatro notas essenciais do mesmo no nº 9 da sua encíclica profética *Humanae Vitae*. Em suas palavras o amor conjugal tem como características definidoras:

1. É um amor plenamente humano que abarca todas as dimensões do ser sensível e espiritual, sendo principalmente um ato de livre arbítrio para que nas alegrias e tristezas alcancem juntos a perfeição humana;

Não é, portanto, um simples ímpeto do instinto ou do sentimento; mas é também, e principalmente, ato da vontade livre, destinado a manter-se e a crescer, mediante as alegrias e as dores da vida cotidiana, de tal modo que os esposos se tornem um só coração e uma só alma e alcancem juntos a sua perfeição humana (HV, n.09).

2. Um amor total, uma forma singular. Onde o casal compartilha com o outro todas as coisas, isto é,

[...] uma forma muito especial de amizade pessoal, em que os esposos generosamente compartilham todas as coisas, sem reservas indevidas e sem cálculos egoístas. Quem ama verdadeiramente o próprio consorte, não o ama somente por aquilo que dele recebe, mas por ele mesmo, por poder enriquecê-lo com o dom de si próprio (HV, n.09).

3. Um amor fiel e exclusivo até a morte (monógamo e indissolúvel por natureza);

Assim o concebem, efetivamente, o esposo e a esposa no dia em que assumem, livremente e com plena consciência, o compromisso do vínculo matrimonial. Fidelidade que por vezes pode ser difícil; mas que é sempre nobre e meritória, ninguém o pode negar. O exemplo de tantos esposos, através dos séculos, demonstra não só que ela é consentânea com a natureza do

matrimônio, mas que é dela, como de fonte, que flui uma felicidade íntima e duradoura (HV, n.09).

4. Um amor Fecundo (sua missão inata é a recepção da vida humana) já que os filhos são os dons mais excelentes da vida matrimonial e que contribuem para o bem de seus pais. É um amor

[...] que não se esgota na comunhão entre os cônjuges, mas que está destinado a continuar-se, suscitando novas vidas. O matrimônio e o amor conjugal estão por si mesmos ordenados para a procriação e educação dos filhos. Sem dúvida, os filhos são o dom mais excelente do matrimônio e contribuem grandemente para o bem dos pais (HV, n.09).

O amor conjugal nasce, portanto, do ato livre de autodoação recíproca (consentimento), no qual se gera uma relação de amizade específica que abrange toda a pessoa física, mental e espiritualmente. Agora se compreende que a unidade e a indissolubilidade do matrimônio e a abertura à vida são requisitos derivados da própria natureza do verdadeiro amor conjugal.

O amor conjugal é uma relação interpessoal singular que só nasce em virtude do ato de fé que é o consentimento conjugal. Antes do consentimento válido, existe a autoestima do casal, que, normalmente, os levará a acreditar nesse amor e, através do consentimento matrimonial, gerar uma nova etapa, uma nova realidade, essencialmente diferente da anterior. É o amor conjugal que vivifica o vínculo matrimonial. Portanto, a diferença não está entre ser casado ou não, entendendo o casamento como uma cerimônia, a diferença está entre o afeto dos noivos e o novo amor gerado pela fé e a entrega matrimonial recíproca.

Nesta mesma linha, São João Paulo II completou a relação entre o amor conjugal e a instituição do matrimônio na sua *Exortação Familiaris Consortio* (1981), acrescentando uma quinta nota essencial ao amor conjugal que o liga ainda mais claramente à instituição jurídica.

Para João Paulo II, o amor conjugal é público por natureza. Em outras palavras, tem um caráter intrínseco de bem social que exige ser reconhecido pela sociedade como pertencente ao seu bem comum.

A instituição do casamento não é interferência indevida da sociedade ou da autoridade, nem imposição extrínseca de uma forma, mas exigência interna do pacto de amor conjugal que se confirma publicamente como único e exclusivo, para que a

plenitude seja viveu, fidelidade ao desígnio de Deus Criador (FC, n.11).

No matrimônio ou no pacto de amor conjugal, acontece um ato consciente, carregado de liberdade e vontade entre o homem e a mulher querida por Deus e concretizada pelo consentimento de ambos. Imagina-se que a instituição matrimonial seja uma imposição da sociedade ou de outra força externa, mas deve-se entendê-lo enquanto “um pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade ao desígnio de Deus Criador” (FC, n.11).

Por sua vez, Papa Francisco dá ênfase ao amor enquanto o ponto gerador e unificador da união matrimonial e constituição da família. Será o amor conjugal o suporte para uma boa relação familiar e a superação dos problemas ou dificuldades que é próprio da vida a dois unida em matrimônio. O caminho da perfeição deverá ser trilhado por aqueles que se uniram em matrimônio e somente pelo amor-doação poderão fortalecer e dar sentido a vida conjugada. A saber:

Tudo o que foi dito não é suficiente para exprimir o Evangelho do matrimônio e da família, se não nos detivermos particularmente a falar do amor. Com efeito, não poderemos encorajar um caminho de fidelidade e doação recíproca, se não estimularmos o crescimento, a consolidação e o aprofundamento do amor conjugal e familiar. De facto, a graça do sacramento do matrimônio destina-se, antes de mais nada, a aperfeiçoar o amor dos cônjuges (AL, n.89)

A exemplo do que falamos antes, o amor conjugal vai se dá a partir da união entre o homem e a mulher que unidos irão viver a vocação para o amor, capaz de gerar descobertas profundas sobre si e sobre o outro.

2.7 A descoberta do amor conjugal na vida do casal

Eis, de início, um grande problema: como definir por meio de palavras o que é inefável? De que forma iremos definir este princípio metafísico, sendo que ele, indubitavelmente, não possui uma única definição? Em meio às limitações humanas, fundamentado nos conhecimentos racionais e empíricos, sabemos que definir algo é colocar um fim, ou seja, afirmar que esta questão se entenda

como esgotada dentro das linhas em que ela foi apresentada, ou seja, isso não se aplica ao amor. Temos que entender que “o amor é coisa muito complexa e de variado e equívoco conteúdo; chama-se amor a muitas coisas que são diferentes, ainda que a raiz seja a mesma” (Revista espanhola de Derecho Canónico, 1982, p. 112).

Frente a esta incapacidade de chegar ao esgotamento por meio de uma definição da palavra amor, torna-se mais sensato e viável mudarmos nossa postura quanto à tentativa de uma definição para assumirmos o viés de descrevermos a experiência de amor no âmbito relacional entre o homem e a mulher ou outros que se dão o direito de amar. Portanto, abandonaremos a tentativa de uma definição para trilharmos a via descritiva das experiências vividas entre um casal, entre os seres que possuem a capacidade de se relacionarem humana e espiritualmente em sua profundidade. Portanto, tendo por base o pensamento de São João Paulo II, o homem é um ser de relação, sendo este ponto até mais importante do que a racionalidade, pois é neste ato de relacionar-se, ele irá assemelhar-se com Deus.

Segundo o dicionário de filosofia de Nicola Abbagnano, publicado no ano de 2007, ao analisar a palavra amor, assim define:

Os significados que este termo apresenta na linguagem comum são múltiplos, díspares e contrastantes; [...] a) em primeiro lugar, com a palavra amor designa-se a relação intersexual, quando essa relação é seletiva e eletiva, sendo, por isso, acompanhada por amizade e por afetos positivos (solicitude, ternura, etc). Do amor, nesse sentido, distinguem-se frequentemente as relações sexuais de base puramente sensual, que não se baseiam na escolha pessoal, mas na necessidade anônima e impessoal de relações sexuais. Muitas vezes, porém, a mesma linguagem comum estende também para esse tipo de relações a palavra amor, como quando se diz "fazer amor"; b) em segundo lugar, a palavra Amor designa uma vasta gama de relações interpessoais, como quando se fala do amor entre amigos, entre pais e filhos, entre cidadãos, entre cônjuges; c) em terceiro lugar, fala-se do amor por coisas ou objetos inanimados: p. ex., amor ao dinheiro, a obras de arte, aos livros, etc; d) em quarto lugar, fala-se de amor a objetos ideais: p. ex., amor à justiça, ao bem, à glória, etc; e) em quinto lugar, fala-se de amor às atividades ou formas de vida: amor ao trabalho, à profissão, ao jogo, ao luxo, ao divertimento, etc.;) em sexto lugar, fala-se de amor à comunidade ou a entes coletivos: amor à pátria, ao partido, etc;

g) em sétimo lugar, fala-se de amor ao próximo e de amor a Deus (ABBAGNANO,2000, p.38-39).

Na definição apresentada, sob o olhar da racionalidade filosófica, percebemos claramente o quanto é difícil se falar ou compreender o amor se não se partir do princípio da relação com o outro que se encontra à frente ou ao redor. Ninguém ama sozinho, isoladamente, pois a condição para amar é também se sentir amado. Temos o amor, mas precisamos direcioná-lo a alguém ou a alguma coisa que, por sua vez, retribuirá este amor. É fácil compreender o amor quando se ama e é amado. Quando se realiza grandes ou pequenas atitudes à outra pessoa e ela retribui à sua maneira de tal forma a gerar satisfação. Mas, como entender um amor direcionado a um objeto já que é um ser inanimado, sem reações ou sem vida? Bom, imaginemos uma pessoa que ama seus bens, quando ela vê seus bens progredirem, crescerem como resultado de seu esforço, aquilo é o retorno. Ou seja, a pessoa fica feliz em poder ver seus bens crescerem, mesmo sem a relação pessoa com o outro. Mas, este não será o foco de nossa questão, pois iremos nos deter na relação entre pessoas.

O ponto de partida, no pensamento de João Paulo II, especificamente, no segundo capítulo da obra amor e responsabilidade, ao retratar sobre a pessoa e o amor, faz uma análise geral do amor e nos afirma que “o amor é sempre uma relação recíproca entre pessoas, tendo por base a atitude individual e comum delas a respeito do bem” (JOÃO PAULO II, 2016, p.67). Este amor se manifesta e é alimentado pelo encontro do homem e da mulher, onde juntos experimentam uma abertura e liberdade para dar-se e receber o outro, logo, este amor é dom de Deus (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, 2002, n.03). O amor, que se alimenta e se exprime no encontro do homem e da mulher, é dom de Deus. Mesmo estando o autor voltado a um amor que interliga o homem à mulher, ou seja, a uma destas concretizações do amor em geral, podemos sair deste campo restrito amoroso que envolve intimidade e afetividade numa categoria dupla e sponsal, para aprofundarmos o campo da relação que se abre a todos os que desejem compreender o que significa amor na experiência de comunhão e partilha de vida, sendo casais ou não, mas que vivam a prática do respeito, da cumplicidade e da doação mútua.

Na relação amorosa entre homem e mulher, o ponto unificador será o amor. Este amor irá ganhar algumas facetas ou ser personificado para melhor ser vivido e compreendido. Primeiramente, entendamos o amor enquanto agrado. Sendo o amor compreendido enquanto a relação mútua entre o homem e a mulher, temos que afirmar que esta relação é um resultado da presença agradável de um para com o outro, ou seja, um deve ser um bem para o outro, a presença terá que ser agradável para tornar-se duradoura ou perpétua, afinal, agradar o outro é passar a ser visto como um bem na vida. Cremos que pelo conhecimento, pelos sentimentos e pela vontade o homem e a mulher irão agradar-se mutuamente; ou seja, este ato de agradar na reciprocidade entre o homem e a mulher segue a via da razão (fatores ultrarracionais), do sentimento e da vontade (fatores ultracognitivos). Na razão, pensa-se no outro como um bem, desenvolvem-se os sentimentos “que participam no nascimento do amor, pois contribuem para a formação da atração (agrado) recíproco entre o homem e a mulher” (JOÃO PAULO II, 2016, p. 69) e gera-se a vontade da união e da permanência conjugal.

Ao falar do sentimento ou das emoções, requer-se um cuidado maior, pois precisamos ter a garantia de que o relacionamento que partiu do agrado, não fique nas quimeras da vida ou apenas nas emoções, mas navegue no campo da razão. Ao unir-se ou enamorar-se, o casal estará encantado um pelo outro. Recordemos os simples fatos ou atos de duas pessoas que namoram. Na fase inicial, cada um dos envolvidos está encantado, hipnotizado, apaixonado pelo outro. Parece não haver tempo para se analisar ou refletir sobre o relacionamento, não se percebe os defeitos ou limites do outro, pois se vê apenas uma coisa: o belo momento que se vive naquele instante, só há maravilhas e perfeições. Nesta fase inicial, tudo será motivo para sorrir e lembrar, vejamos: lembra-se com detalhes do sorriso, do simples toque de mão, do pé embaixo da mesa que toca o outro; lembra-se do joelho que sentiu o outro, do perfume exalado naquele encontro, do cheiro do cabelo, cultiva-se o simples toque nos lábios, etc. esta é uma fase do encantamento, já há amor, é verdade, - mesmo que não racional ou solidificado -, mas apenas superficial, pois está quase que total no campo das emoções. Depois de um tempo, este encantamento vai embora e o que era belo, parece não ser mais; os detalhes já não falarão por si, logo, se não se enraizou o amor, não se sustentará este

relacionamento ou união, mas, se deste relacionamento o amor já foi desenvolvido, aí sim, terá solidez e juntos vencerão o desencantamento para viverem o verdadeiro amor.

Portanto, não se pode vivenciar um amor superficial, onde o bem querer pelo outro ou o agrado se limite à exterioridade humana, ou seja, fundamentada na beleza física e visível, mas precisa-se abranger o outro na sua totalidade, na sua integralidade, isto é, interna e externamente. Afinal, entre o homem e a mulher a verdade sobre o valor da pessoa é algo fundamental e decisivo. Vejamos que segundo nossas observações, as reações emotivo-afetivas podem ajudar, mas podem levar os que vivem o agrado mútuo a um erro, pois, caso siga apenas as emoções, estará sujeito ao erro caso não desenvolva algo mais sólido, ou seja, o amor que será a junção do conhecimento mútuo da parte externa e interna do que ama e do que é amado. A saber:

Portanto, além da beleza externa, é preciso saber descobrir igualmente a sua beleza interior e nela também agradecer-se e até agradecer-se de preferência. Esta verdade é particularmente importante para o amor entre o homem e a mulher, que é, ou em qualquer caso deveria ser, um amor de pessoas. O agrado em que se funda este amor não pode nascer somente da pessoa física e visível, mas é preciso que abranja em profundidade a beleza integral da pessoa (JOÃO PAULO II, 2016, p. 72).

Na mesma linha de João Paulo II, afirma Francisco.

Na história dum casal, a aparência física muda, mas isso não é motivo para que a atração amorosa diminua. Um cônjuge enamora-se pela pessoa inteira do outro, com uma identidade própria, e não apenas pelo corpo, embora este corpo, independentemente do desgaste do tempo, nunca deixe de expressar de alguma forma aquela identidade pessoal que cativou o coração. Quando os outros já não podem reconhecer a beleza desta identidade, o cônjuge enamorado continua a ser capaz de a individuar com o instinto do amor, e o carinho não desaparece. Reitera a sua decisão de lhe pertencer, volta a escolhê-lo, e exprime esta escolha numa proximidade fiel e cheia de ternura. A nobreza da sua opção pelo outro, por ser intensa e profunda, desperta uma nova forma de emoção no cumprimento desta missão conjugal (AL, 164).

Depois de discorrer sobre o agrado enquanto um dos elementos do amor, deter-nos-emos na reciprocidade que é compreendida enquanto um dos aspectos do amor e que vai estar inserida na essência do amor que há entre o homem e a mulher.

2.7.1 A reciprocidade enquanto parte inerente ao amor

O que apresentamos dantes é o ideal. Contudo, este amor verdadeiro pode ser na vida de alguém uma quimera, uma ilusão ou um fato irreal. Claro que isoladamente um “eu” pode ver, conhecer, agradar-se, sentir desejos, mas, mesmo assim, não obter retorno do outro que seria capaz de gerar o “nós”. Falar em reciprocidade é o mesmo que imaginar um casal que se conhece, desperta sentimentos, manifesta seu carinho, amor e respeito pelo outro. Mas, isso acontece, por existir algo interior que os une, ou seja, há algo comum que faz com que na medida em que um ama, sente-se amado. Na medida em que um é amado, coloca-se à disposição para amar.

Quem ama se vê no amado, e olha o amado como um outro eu, passando a compartilhar seus próprios fins, que ele toma como seus, sua própria determinação existencial da meta última e do sentido da vida, até considerar os bens do outro como seus (Noriega, 2005, p. 124).

Saibamos que “o amor sem reciprocidade está condenado desde o princípio a vegetar e depois a morrer. E, muitas vezes, ao desaparecer, extingue até a própria faculdade de amar. Evidentemente, este é um caso limite” (JOÃO PAULO II, 2016, p. 76).

Entre o homem e a mulher para que o amor acontece é preciso que aja a compreensão da adição matemática que resultará no amor, ou seja, um eu + tu = nós. A junção do homem com a mulher ou da mulher com o homem possibilitará a união de duas pessoas que passarão a se unir e formar uma única pessoa no amor. Saibamos que não basta a união do eu com o tu, pois pode ser que desta união o “eu” se realize, se satisfaça, seja feliz, mas o “tu” não encontre na mesma proporção esta satisfação. Portanto, é indispensável a reciprocidade nesta dinâmica do ato de doar-se e entregar-se ao outro.

Se o casal é capaz de fazer promessas de amor por toda a vida, antes de tudo, desenvolveram-se sentimentos que os uniu na emoção e na afetividade. Aqui, entraremos na compreensão da simpatia que será um caminho para uma amizade ou para um amor.

A palavra simpatia, segundo sua etimologia, formada pela junção de *syn* (com, junto com) e *pathein* (junto com), faz-nos entender que ela significa - aquela que nos faz sentir com alguém alguma coisa, ou seja, sentir junto com (alguém). “A simpatia significa o que acontece entre as pessoas na esfera dos seus sentimentos, o que une as pessoas pelas vivências emotivo-afetivos” (JOÃO PAULO II, 2016, p. 80). Pela simpatia, as pessoas se aproximam mesmo sem o intuito de descobrir no outro um objeto de amor. Muitos são colocados à nossa frente como simpáticas, agradam-nos, mas não conseguem atingir a profundidade de nosso ser; em contrapartida, caso a pessoa seja antipática, experimentará nossa rejeição. Logo, qualquer uma das partes para se aproximar da outra deve fazer-se simpática ou beber da simpatia na vida.

A simpatia coloca uma pessoa no âmbito da outra como alguém próximo, faz que se sinta um pouco toda a sua personalidade, que se viva no seu âmbito, reencontrando-a, ao mesmo tempo, no próprio âmbito. Por isso, precisamente, a simpatia é para as pessoas um sinal experimental e verificável do amor (tão importante na relação homem e mulher). Graças à simpatia, sentem o seu amor recíproco e sem ela, por assim dizer, desencontram-se e caem num vazio também sensível. Por isso, lhes parece normalmente que o amor acaba tão depressa como desaparece a simpatia (JOÃO PAULO II, 2016, p. 81).

Torne-se claro que a simpatia é apenas um elemento do amor (campo da afetividade) em meio a tantos outros. Ela não possui em si elementos capazes de oferecer o alcance do amor pleno. O amor descoberto e amadurecido entre o homem e a mulher não poderá parar na simpatia, mas terá que alcançar o nível da amizade. Esta, por sua vez, possui uma fórmula própria para ser compreendida: “Quero o bem para ti como o quero para mim, para o meu próprio eu”. Para podermos desenvolver uma amizade com o outro, precisamos assumir um compromisso maduro da vontade em relação à outra pessoa visando o seu bem. Ou seja, a vontade vai preceder a amizade, pois é fundamental que a

pessoa se agrada e queira, pela vontade, desenvolver uma amizade madura e responsável com a outra parte.

Não estamos afirmando que a simpatia não seja importante, pois sem a simpatia a amizade poderá ficar fria e sem atração. Toda amizade tem seu início na simpatia, pois depois dela, amadurece-se pela vontade o desejo de perpetuar uma amizade, ou seja, a amizade é uma evolução da simpatia. No campo amoroso, há casais que fazem uso da simpatia para fazerem do outro um objeto para seu uso e fruto, isto é, voltam-se apenas para o ato sexual (atração sensitivo-carnal) e não se dão o direito de evoluírem para uma amizade; mas, mesmo após o namoro os casais, precisam conservar-se amigos. Em meio à simpatia e à amizade, existe a camaradagem que é o ato de viver e conviver ao lado do outro, frequentar o mesmo trabalho, o mesmo ofício, estar nos mesmos lugares e, mesmo assim, não desenvolver uma amizade ou algo mais maduro pelo outro. Afinal, no ato de fazer uma escolha por alguém, quando se escolhe alguém por simpatia e por amizade, este ato de relacionar-se torna-se mais restrito e seletivo, coisa que na camaradagem não existe, já que, convive-se com todos sem interesses maiores. A camaradagem é importante, pois deste convívio, do meio daqueles em que nos encontramos é possível despertar um maior agrado, um amor de concupiscência, um amor benevolente, uma reciprocidade, uma simpatia e uma verdadeira amizade capaz de nos apresentar um verdadeiro amor digno de um matrimônio.

Recordemos que até o momento trilhamos um caminho que nos fez navegar na essência do amor expresso entre homem e mulher. Na pessoa, individualmente, o amor forma-se a partir da experiência do agradado, da concupiscência e da benevolência. Aqui estamos diante da presença do eu, mas este “eu” precisa conhecer a comunhão de pessoas e chegar no “nós”. No contato com o outro, experimenta-se a amizade que os coloca diante da simpatia e reciprocidade, logo, “o amor é sempre uma síntese interpessoal e uma sincronização de agrados, de desejos e de benevolência” (JOÃO PAULO II, 2016, p. 85).

Quando falamos de amor entre duas pessoas que já firmaram entre si um compromisso, não parcial (namoro), mas por toda a vida (matrimônio), percebamos que falamos do ponto mais alto a ser alcançado; ou seja, estamos

diante de uma situação onde a doação faz-se completa, há uma entrega de si para o outro e vice-versa.

O matrimônio não é, portanto, fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes: é uma instituição sábia do Criador, para realizar na humanidade o seu desígnio de amor. Mediante a doação pessoal recíproca, que lhes é própria e exclusiva, os esposos tendem para a comunhão dos seus seres, em vista de um aperfeiçoamento mútuo pessoal, para colaborarem com Deus na geração e educação de novas vidas (HV, n.09).

Todos os passos dados até aqui que ligavam uma pessoa a outra, onde se reconheceu o outro como um bem, agora, torna-se pequeno diante da dimensão do amor esponsal. O eu apenas não quer o outro, mas eles se confundem, juntos passam a formar um só corpo e uma só alma, pois há uma entrega mútua de ambas as partes.

Ao falarmos em entregar-se ao outro, na visão de muitos, surge a visão sexual, isto é, o homem oferecer-se à mulher e a mulher ao homem como um instrumento de satisfação sexual. Mas estamos em outra dimensão, o ser humano não é somente sexualidade, ele é amor, é afeto, é carinho. O ato de entregar-se por completo ao outro não é possível, isto é, a vida é sua, e você deve administrá-la. Contudo, no campo metafísico que envolve o amor, a moral nesta entrega é real e possível. Portanto, uma pessoa pode entregar-se à outra e a Deus; nesta entrega, forma-se “uma forma particular de amor, que definimos como o amor esponsal” (JOÃO PAULO II, 2016, p.86). A saber:

O amor esponsal, [...] consiste na entrega da própria pessoa. A sua essência é a entrega de si mesmo, do próprio eu. Ele constitui algo diferente e, ao mesmo tempo, alguma coisa mais do que agrado, concupiscência e até benevolência. Todas estas formas de orientar-se para a outra pessoa sob o aspecto do bem não chegam nem perto do amor esponsal. Dar-se é algo mais do que só querer bem, ainda que por causa disto, o outro eu se tornasse quase o meu próprio, como na amizade. [...] Quando o amor esponsal concretiza a relação interpessoal, então começa algo diferente de amizade: a entrega mútua das pessoas (JOÃO PAULO II, 2016, p. 85).

A atitude de sair de si e entregar-se ao outro, quando fundamentada no amor, jamais diminuirá nem destruirá aquele que se doa, pelo contrário, ele irá se desenvolver e enriquecer no sentido suprafísico, moral completando-se muito mais.

Segundo o evangelista Mateus, “quem quiser conservar a sua vida, a perderá; e quem, por amor a mim, perder a vida, a reencontrará” (Mt 10,39). De início é muito contraditório, pois como entender que cuidar da vida implicará numa morte e quem a perder irá viver? Sob a ótica do amor tudo fica mais fácil. Hoje, aquele que ainda não descobriu um verdadeiro amor vive com a sua vida particular. Ao descobrir uma pessoa e por livre decisão firmar com a outra parte um compromisso de amor, sua vida deixa de ser como era e passará a ser construída segundo a forma de pensar do casal. Renunciar a si pelo outro é uma atitude de amor; entregar-se e receber a entrega do outro é também uma atitude de amor. “A entrega de si mesmo como forma de amor brota no interior da pessoa com base numa visão madura dos valores e numa disponibilidade da vontade capaz do engajamento precisamente desta maneira” (JOÃO PAULO II, 2016, p. 87). Esta entrega de si não deve ser apenas uma entrega em sua dimensão física, ou seja, sexual. Caso isso aconteça, a pessoa passa a ser considerada um objeto, ou uma pessoa que se deixa dominar e manipular pela outra, deixando de viver. Mesmo assim, o fato sexo desempenha um papel particular na formação do amor sponsal. Por fim, este amor sponsal traz no seio de sua autoafirmação o amor de concupiscência, amor benevolente à amizade e, vai ainda mais além, na entrega de si conforme apresenta o paradoxo evangélico de perder-se para ganhar-se.

O amor conjugal ou matrimonial é um amor de natureza e características próprias, que o distinguem de todos os outros tipos de amor. Pode-se dizer que é o amor que ocorre entre um homem e uma mulher, enquanto são pessoas diferentes e sexualmente complementares. Portanto, há três coordenadas que necessariamente definem esse amor: a) originam-se da aliança matrimonial, ou seja, da celebração do casamento; b) ser eminentemente humanos; c) comprometer a dimensão sexual. O amor conjugal é um amor comprometido (SARMIENTO, 2015, p.92).³

³ Texto original: El amor conyugal o matrimonial es un amor de una naturaleza y características propias, que lo distinguen de todas las demás clases de amor. Se puede decir que es el amor

Portanto, afirmámos que não há amor conjugal fora do casamento. O amor do casal deve preparar a doação conjugal, mas não a substitui. Faltam-lhe elementos essenciais: o amor plenamente humano que abarca todas as dimensões do ser, é um amor total que significa doação irrevogável de si (da qual se deduz a indissolubilidade), é fiel e exclusivo (monógamo por natureza) e também fecundo (tem missão inerente à constituição da família e à aceitação da vida humana na instituição matrimonial). Seguiremos entendendo que o amor conjugal dá-se na união e compromisso matrimonial firmado entre duas pessoas que se unem numa celebração religiosa realizada entre pessoas de razão, vontade e liberdade para comprometerem-se um com o outro no amor.

que se da entre hombre e uma mujer, em tanto que son personas distintas y sexualmente complementarias. Son tres, por tanto, las coordenadas que definen necesariamente ese amor: a) originarse a partir de la alianza matrimonial, es decir, la celebración del matrimonio; b) ser eminentemente humano; c) comprometer la dimensión sexual. El amor conyugal es un amor comprometido.

III

3 DIMENSÃO RELACIONAL DO CASAL: A CONSTRUÇÃO DA FAMÍLIA

Até então vimos que o homem não foi criado para viver só, mas para estar em relação. Há no ser humano uma espécie de um grandioso motor que o faz sentir e perceber a importância da necessidade do outro, por isso, toma a atitude de sair do seu próprio eu, de sua solidão e vai ao encontro do próximo que permite um relacionamento amical ou amoroso. É, sem dúvida, um apelo interior que o tirará da timidez e o fortalecerá para ir em direção ao outro.

Nos dias atuais, no mundo da impessoalidade, do individualismo, da competição, do egoísmo exacerbado, do narcisismo, dentre outros deméritos, cremos que um dos grandes desafios comum a todos os seres humanos é a luta contra a solidão, pois o fechamento tira a liberdade para o diálogo e a comunhão com o outro.

A partir da decisão livre para unir-se com o outro, o homem e a mulher, em matrimônio, tiram a solidão e dão espaço para a comunicação relacional. A família será a antítese do ato de estar sozinho. Dentro do convívio familiar, o ser humano estará sempre acompanhado por outros que compõem sua comunidade específica. Ora, como só é integrado aquele que sai de si e vai ao encontro do outro, dentro da convivência familiar, encontramos uma personalização humana, afinal, o ser que ama vai se conhecendo e se definindo enquanto um ser de relação. Na intimidade com o outro, o conhecimento é certo, ou seja, há uma descoberta maior sobre si, os sentimentos são confrontados, o diferente é apresentado, o amor é amadurecido e, com tudo isso, a realização pessoal se torna mais possível em todas as dimensões.

Fazendo um jogo de palavras com os pronomes pessoais, afirmamos que a família não deve ser entendida apenas num âmbito individual, mas coletivo. Deve ir além do eu, do eu com o tu, para atingir o nós. Deve ser vivida em conjunto, onde seja capaz um relacionamento aberto capaz de abrir a porta para que muitos outros possam entrar nos laços amicais.

3.1 Constituição da família cristã e sua visibilidade

Encontramos, no discurso da criação, o relato de que no momento em que Deus criou o ser humano, Ele viu que sua obra criada era muito boa. O ser humano, compreendido enquanto homem e mulher, literalmente, é o reflexo mais sublime e o espelho mais fiel da natureza divina. O rosto da trindade se torna conhecido nestes rostos humanos que trazem consigo todas as realidades possíveis. Neles encontramos o Deus Uno e Trino que sorri e que chora; que trabalha e que repousa; que conhece e se deixa conhecer; que se alegra e que se entristece; que ama e que nunca deixa de amar. Em outras palavras, no contraste da vida, Deus vai se revelando no ser humano.

Deus que é bom o tempo todo e, por isso, deve ser celebrado todos os dias, pois seu amor é para sempre (Sl 136,1-2). É impossível imaginar o Deus que é amor permitir a união entre um homem e uma mulher para que trilhem um caminho de tristeza e de infelicidade, de maldições ou de desgraças. Deus foi bom ontem, é bom hoje e será bom amanhã. Com a união do homem com a mulher, amor conjugal, os frutos deste amor brotaram, isto é, os filhos.

A pessoa humana deve ser acolhida no gesto de união e de amor dos seus pais; a geração de um filho, por isso mesmo, deverá ser o fruto da doação recíproca, que se realiza no ato conjugal, no qual os esposos cooperam com a obra do Amor Criador, como servidores e não como senhores (DVi, n. 76-77).

A origem de uma pessoa humana, na realidade, é o resultado de uma doação. O concebido deverá ser o fruto do amor dos seus pais. O amor conjugal nunca será um peso na vida do casal, mas uma força. Deus não põe cargos nas costas de quem não pode carregar (1Cor 10,13), afinal, tentações virão sobre a vida, mas a força para suportar e superar virá do Senhor. Logo,

Sendo queridos por Deus com a própria criação, o matrimônio e família estão interiormente ordenados a complementarem-se em Cristo e têm necessidade da sua graça para serem curados das feridas do pecado e conduzidos ao seu princípio, isto é, ao pleno conhecimento e à realização do desígnio de Deus (FC, n.3).

A união matrimonial é uma ação e um ambiente para que o casal caminhe junto rumo à santificação. A ajuda mútua será um ponto fundamental para a conversão e superação do que gera sofrimento na vida a dois. Em tempos

em que a família, o amor e o horizonte de relações duradouras estão em descrédito, torna-se imperativo refletir acerca da importância do matrimônio nos dias atuais. Imaginamos que o maior desafio da reflexão acerca do matrimônio enquanto sacramento e da família é, sem dúvidas, colocar em prática, na vida pessoal, conjugal e familiar, as bases desta reflexão do matrimônio enquanto uma união desejada por Deus.

A Igreja, assumindo a sua maternidade, trabalha e investe suas energias humanas e espirituais para acolher em seus braços cada filho e filha que está com os pés fincados neste mundo. Ela é a mãe que não desiste, mas que luta com todas as forças para resgatar os seus que, por ventura, estejam distantes de seus ensinamentos e, todos os dias, luta para fazer com que os que não se afastaram permaneçam na graça e no amor. Hoje, numa cultura cada vez mais mundana e laica, percebe-se uma nomenclatura diferente para família, pois a imagem de uma família formada pelo Pai, Mãe e Filhos, parece não se conceituar e nem se visualizar. Fala-se em famílias mono ou multiparentais que refletem os novos arranjos familiares. Percebem-se as famílias fragilizadas nos aspectos antropológicos, sociais, culturais, psicológicos e religiosos. O resultado de tudo isso está no número elevado de separações, o desejo da não procriação, nota-se um medo de se encarar os valores fundamentais do matrimônio que contemplam a fidelidade e a fecundidade e outras situações. Tais pontos são consequências das “profundas e rápidas transformações da sociedade e da cultura” (FC, n.1).

Para nós cristãos, é mister, urgente e necessário repensar e voltar a compreender a família no seu conceito inicial consoante o projeto divino, pois no projeto de Deus será na família que encontraremos a verdadeira referência para o equilíbrio e convivência neste mundo. Há, na Igreja, documentos do magistério três definições que nos ajudam a repensar a família:

Na *Christifideles Laici*, de João Paulo II, a família define-se como “espaço social onde a vida acontece, cresce e se desenvolve até à plenitude da felicidade de todos os seus membros” (CL, n.40). Na *Familiaris Consortio*, a família é uma comunidade de pessoas, ao serviço da vida, para o desenvolvimento da humanidade, participando na vida e missão da Igreja, enquanto comunidade crente e evangelizadora, comunidade de diálogo com Deus e comunidade de serviço aos mais pobres (FC, III

parte). Em inúmeras outras situações o mesmo Papa refere a família como projeto de felicidade, pelo amor que se partilha, a missão que se assume e a santidade que se vive (PAREDES, 2018, p.6).

O Catecismo da Igreja Católica não contraria o pensamento unificador dos outros muitos documentos da Igreja quanto à definição de família, pois, em seus números 2201 a 2203, apresenta a família como o resultado da união do homem com a mulher em matrimônio, capazes de gerarem filhos como frutos do amor. A Doutrina Social da Igreja (DSI) apresenta a família como santuário da vida, espaço sagrado onde Cristo é pregado e se manifesta.

De facto, ela é sagrada: é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico (JOÃO PAULO II, Centesimus annus, n.39).

Contra a denominada cultura da morte, a família constitui a sede da cultura da vida. Uma vez gerado o fruto, juntos, trabalharão pela educação física, psicológica e cristã de seus filhos. Note-se que o amor dos cônjuges e a geração dos filhos estabelecem, entre os membros de uma mesma família, relações pessoais e responsabilidades primordiais e seus membros são pessoas iguais em dignidade, dotados de responsabilidades, direitos e deveres.

A finalidade da união matrimonial está expressa no Catecismo da Igreja Católica quando nos diz: “A comunidade conjugal está fundada na aliança e no consentimento dos esposos. O matrimônio e a família estão ordenados para o bem dos cônjuges e para a procriação e educação dos filhos” (CIC, n.2249). “O matrimônio e o amor conjugal destinam-se por sua própria natureza à geração e educação da prole” (GS, n.50), ou seja, o casal precisa conhecer a profundidade do amor, onde experimentem uma reciprocidade na arte de amar, pois na medida em que se ama a parte deve ser amada. No matrimônio, resultado do amor existente entre duas pessoas, ambos veem na geração de filhos e na sua educação humana e cristã, um coroamento daquilo que se propuseram diante de Deus, da Igreja e da comunidade de fé: amarem-se e amarem os seus. Fundamentados na Sagrada Escritura, tendo sido criado o homem e a mulher sexuados (Gn 1,27), devemos ir além e notar que o ser humano não foi criado

apenas para a procriação, mas também, precisa-se levar em consideração que foi criado para viver e conviver e, neste exercício, haverá um misto de alegria de dificuldades. Deve-se levar em consideração, além da procriação os

[...] aspectos psicológicos e emocionais cuja importância para cada pessoa é conhecida por todos, mesmo que não seja nada fácil especificar qual a modalidade própria para cada um dos dois sexos. Quando se fala de amor, com as forças da dedicação, da fidelidade e da criatividade, é espontâneo pensar na imagem esponsal, porque nela a dimensão afetiva se conjuga com a livre escolha e ainda porque de tal união se origina uma história muitas vezes rica de frutos (Pontifícia Comissão Bíblica, 2022, n.150).

Vejamos o quanto a procriação é importante já que é fruto da entrega e do amor dos cônjuges, mas também, o fim unitivo do matrimônio compreende o crescimento a dois no amor, a partilha da vida através de uma ajuda mútua onde cada um, com o esforço do outro, encontre a felicidade, tudo isso se une à procriação (AL, n.36). A união abençoada por Deus entre o casal pelo sacramento do matrimônio, ou seja, nesta aliança matrimonial, o casal deve despertar para a verdade de que a única função ou razão da união não é apenas continuar o ato criativo de Deus, não é apenas uma ação para conservar a perpetuidade da raça humana, mas precisam entender que pelo amor que gerará seus frutos, os filhos, poderão ver a personificação e a concretização de um amor que não diminui, mas que se expande e se torna maior a partir de cada vida gerada. Assim, este amor começa a caminhar em todas as categorias humanas, isto é, em todos os membros da família, pois o esposo ama a esposa e a esposa ama o esposo; unidos por amor e no amor geram a vida, chamada de filhos; os pais amam estes filhos que retribuem este amor aos pais e, os irmãos também fazem trocas de amor um pelo outro. Enfim, a família é constituída para ser instrumento e concretização do amor divino entre si e entre os outros.

Segundo a *Familiaris Consortio*, esta mesma família além de amar tem a missão de guardar, viver, manifestar e transmitir este amor infindável em Cristo que fortalece e dá sentido à união matrimonial e à vivência familiar, a saber:

A família tem a missão de se tornar cada vez mais aquilo que é, ou seja, comunidade de vida e de amor, numa tensão que, como para cada realidade criada e redimida, encontrará a plenitude no

Reino de Deus. E numa perspectiva que atinge as próprias raízes da realidade, deve dizer-se que a essência e os deveres da família são, em última análise, definidos pelo amor. Por isto é-lhe confiada a *missão de guardar, revelar e comunicar o amor*, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa (FC, n.17).

O documento conciliar, Constituição Pastoral *Gaudium Et Spes* também reforça a ideia de que a família está voltada para o amor, geração da prole e educação dos filhos, vejamos:

A íntima comunidade da vida e do amor conjugal, fundada pelo Criador e dotada de leis próprias, é instituída por meio da aliança matrimonial, ou seja, pelo irrevogável consentimento pessoal. Deste modo, por meio do ato humano com o qual os cônjuges mutuamente se dão e recebem um ao outro, nasce uma instituição também à face da sociedade, confirmada pela lei divina. Em vista do bem tanto dos esposos e da prole como da sociedade, este sagrado vínculo não está ao arbítrio da vontade humana. O próprio Deus é o autor do matrimônio, o qual possui diversos bens e fins, todos eles da máxima importância, quer para a propagação do gênero humano, quer para o proveito pessoal e sorte eterna de cada um dos membros da família, quer mesmo, finalmente, para a dignidade, estabilidade, paz e prosperidade de toda a família humana. Por sua própria índole, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados para a procriação e educação da prole, que constituem como que a sua coroa. O homem e a mulher, que, pela aliança conjugal “já não são dois, mas uma só carne” (Mt. 19, 6), prestam-se recíproca ajuda e serviço com a íntima união das suas pessoas e atividades, tomam consciência da própria unidade e cada vez mais a realizam. Esta união íntima, já que é o dom recíproco de duas pessoas, exige, do mesmo modo que o bem dos filhos, a inteira fidelidade dos cônjuges e a indissolubilidade da sua união (GS, n.48).

O Documento papal de João Paulo II, *Familiaris Consortio* afirma que

[...] o lugar único, que torna possível esta doação (*amorosa*) segundo a sua verdade total, é o matrimônio, ou seja, o pacto de amor conjugal ou escolha consciente e livre, com a qual o homem e a mulher recebem a comunidade íntima de vida e de amor, querida pelo próprio Deus que só a esta luz manifesta o seu verdadeiro significado. A instituição matrimonial não é uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, nem a

imposição extrínseca de uma forma, mas uma exigência interior do pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade ao desígnio de Deus Criador. Longe de mortificar a liberdade da pessoa, esta fidelidade põe-na em segurança em relação ao subjetivismo e relativismo, fá-la participante da Sabedoria Criadora (FC, n.11).

O Código de Direito Canônico nos aponta para a finalidade do matrimônio sacramental quando nos diz:

§ 1. O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si o consórcio íntimo de toda a vida, ordenado por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os batizados foi elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de sacramento (CDC, can.1055).

Note-se que se destaca o matrimônio como a via pela qual os cônjuges se unem por amor, assumem o compromisso de viverem as propriedades essenciais do matrimônio, de gerar seus filhos e assumem o compromisso de educá-los na fé. O amor conjugal do homem e da mulher está, assim, colocado sob a dupla exigência da fidelidade e da fecundidade.

A Sagrada Escritura e a Igreja sustentam a lei da indissolubilidade e da unidade como propriedade essencial do matrimônio (Cân. 1056) que defende a união como um ato válido por toda a vida (Gn. 2,24; Mc 10,2-12; Mt 19,6; Lc 16,18). Esse amor, ratificado pela promessa de ambos e, sobretudo, sancionado pelo sacramento de Cristo, é indissolúvelmente fiel, de corpo e de espírito, na prosperidade e na adversidade; exclui, por isso, toda e qualquer espécie de adultério e divórcio. A unidade do matrimônio, confirmada pelo Senhor, manifesta-se também claramente na igual dignidade da mulher e do homem que se deve reconhecer no mútuo e pleno amor (GS n.49).

Tendo em vista que a família será constituída a partir da união entre duas pessoas que se amam e que juntas assumem o compromisso de gerarem a vida e satisfazerem amorosamente uma a outra, vale a pena discorrermos um pouco sobre o matrimônio, este sacramento do amor conjugal.

3.2 Família: Igreja doméstica

Durante o período de pandemia, mesmo com o alto índice de mortes e sofrimentos, conseguimos no isolamento, resgatar uma expressão que parecia estar esquecida, ou seja, a ideia de Igreja doméstica ou a família que ora unida. Esta igreja é o lugar propício onde para os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada.

Em nossos dias, num mundo que se tornou estranho e até hostil à fé, as famílias cristãs têm importância primordial, como lares de fé viva e irradiante. Por isso, o Concílio do Vaticano II, usando uma antiga expressão, chama a família de '*Ecclesia domestica*' (CIC, n.1656).

Uma vez unidos no amor, tomados de razão, vontade e liberdade, os cônjuges recebendo validamente o sacramento do matrimônio começarão a participar do mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja (Ef. 5,32). Desta união, fundamentada no amor, trilharão o caminho para a santidade pela vida de doação e entrega amorosa capaz de gerar a vida, como fruto do amor entre ambos. Após o matrimônio, os cônjuges unidos pela Igreja formam um casal que recebeu as bênçãos da Igreja para manterem uma vida de amor. Porém, somente após a geração da vida, ou seja, de um filho, irão formar uma família. Deste amor que continuará a obra criativa de Deus, ou seja, a geração da vida, iremos ser testemunha da formação da família. Assim nos falou São João Paulo II em sua carta às famílias, por ocasião do Ano da Família em 1994, a saber:

A família tem a sua origem naquele mesmo amor com que o Criador abraça o mundo criado, como se afirma já “ao princípio”, no livro do Gênesis (1,1). Uma suprema confirmação disso mesmo, no-la oferece Jesus no Evangelho: “Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho unigênito” (Jo 3, 16). O Filho unigênito, consubstancial ao Pai, Deus de Deus, Luz da Luz, entrou na história dos homens através da família: Pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-Se de certo modo a cada homem. Trabalhou com mãos humanas, [...] amou com um coração humano. Nascido da Virgem Maria, tornou-Se verdadeiramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado”. Se é certo que Cristo “revela plenamente o homem a si mesmo”, fá-lo a começar da família onde Ele escolheu nascer e crescer. Sabe-se que o Redentor passou grande parte

da sua vida no recanto escondido de Nazaré, “submisso” (Lc 2, 51) como “filho do homem” a Maria, sua Mãe, e a José, o carpinteiro. Esta sua “obediência” filial não é já a primeira manifestação daquela obediência ao Pai “até à morte” (Fil 2, 8), por meio da qual redimiu o mundo? O mistério divino da Encarnação do Verbo está, pois, em estreita relação com a família humana. Não apenas com uma — a de Nazaré —, mas de certa forma com cada família, analogamente a quanto afirma o Concílio Vaticano II do Filho de Deus que, na encarnação, “Se uniu de certo modo com cada homem”. Seguindo a Cristo que “veio” ao mundo “para servir” (Mt 20, 28), a Igreja considera o serviço à família uma das suas obrigações essenciais. Neste sentido, tanto o homem como a família constituem “a via da Igreja (GS, 1994, n.02).

O resultado do amor manifestado e celebrado pelo casal que se une em matrimônio, com a geração dos filhos, constitui-se a família. Esta família em sua sacralidade ganha a definição de Igreja doméstica. O documento conciliar *Lumen Gentium* assim apresenta a existência da igreja doméstica:

Finalmente, os cônjuges cristãos, em virtude do sacramento do Matrimônio, com que significam e participam o mistério da unidade do amor fecundo entre Cristo e a Igreja (Ef. 5,32), auxiliam-se mutuamente para a santidade, pela vida conjugal e pela procriação e educação dos filhos, e têm assim, no seu estado de vida e na sua ordem, um dom próprio no Povo de Deus (1 Cor. 7,7) Desta união origina-se a família, na qual nascem novos cidadãos da sociedade humana os quais, para perpetuar o Povo de Deus através dos tempos, se tornam filhos de Deus pela graça do Espírito Santo, no Baptismo. Na família, como numa igreja doméstica, devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um, especialmente a vocação sagrada (LG, n.11).

O decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o apostolado dos leigos, também afirma:

Foi a própria família que recebeu de Deus a missão de ser a primeira célula vital da sociedade. Cumprirá essa missão se se mostrar, pela piedade mútua dos seus membros e pela oração feita a Deus em comum, como que o santuário doméstico da Igreja (AA, n.11).

Na mesma linha de pensamento, o Documento de Aparecida nos revela:

Agradecemos a Cristo que nos revela que “Deus é amor e vive em si mesmo um mistério pessoal de amor” e, optando por viver em família em meio a nós, eleva-a à dignidade de ‘Igreja Doméstica’ (DAp, 115).

Nesta igreja doméstica, redescobrimos o significado e o valor da família cristã enquanto comunidade de fé, de esperança e de caridade revestida duma importância singular na Igreja. A família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai e do Filho, no Espírito Santo. O ato de criar e educar no amor é um reflexo amoroso da pessoa do Pai. E, pela oração e leitura cotidiana da Palavra de Deus, esta família cristã que forma a Igreja doméstica, torna-se evangelizadora e missionária. (CIC, n. 2204-2205, 2685). A Igreja Doméstica é um Santuário da vida e patrimônio da humanidade, portanto, segundo João Paulo II ela precisa anunciar o Evangelho da vida, por isso revela:

Como igreja doméstica, a família é chamada a anunciar, celebrar e servir o Evangelho da vida. Esta tríplice função compete primariamente aos cônjuges, chamados a serem transmissores da vida, apoiados numa consciência sempre renovada do sentido da geração, enquanto acontecimento onde, de modo privilegiado, se manifesta que a vida humana é um dom recebido a fim de, por sua vez, ser dado. Na geração de uma nova vida, eles tomam consciência de que o filho “se é fruto da recíproca doação de amor dos pais, é, por sua vez, um dom para ambos: um dom que promana do dom” (EV, n.92).

A *Familiaris Consortio* afirma: “A evangelização do futuro depende em grande parte da Igreja Doméstica” (FC, n.52)

A Igreja Doméstica anuncia o Evangelho da vida quando gera seus filhos e repassa a educação cristã a partir do exemplo de vida e amor oferecido a cada membro da família. Outra forma de celebrar o Evangelho da vida é por meio do esforço de pôr os filhos no hábito da oração, ou seja, por meio da oração diária que envolva a família inteira e cada membro individualmente.

Eis a família desejada por Deus. Uma família constituída no amor que se reconhece enquanto igreja que ora e que caminha junto à santificação. Muito falamos em família, na sequência, iremos discorrer em breves linhas acerca dos membros que compõem esta família sonhada e criada por Deus.

3.3 Breves relatos sobre os membros da família nas catequeses do Papa Francisco

Muitos são os relatos acerca dos membros e funções dentro da família. Há uma vasta bibliografia que tratam sobre o assunto, porém, com o propósito de apresentar os membros da família (os pais, os filhos, os irmãos e os avós) queremos nos fundamentar e ter como base as catequeses do Papa Francisco realizadas em audiência sobre a família em seus mais variados aspectos.

Imaginamos que a perspectiva pastoral de Francisco, desde o início de seu pontificado, está voltada à arte do cuidar. Seu cuidado sempre foi voltado à família como um todo, ou seja, todos os membros da família ganharam uma atenção especial nas suas catequeses. A fundamentação do papa acerca da família não se limita a questões bíblicas, mas também, pastoral. Ele nos fala numa linguagem simples e compreensível a todas as categorias de pessoas, por isso, vamos sinteticamente discorrer sobre os membros da família cristã. Muito se fala em família, mas sobre qual família o Papa se refere? À família formada por amor e defendida pela Igreja, ou seja, à família composta pela mãe, pelo pai, pelos filhos, avós e outros membros.

Vale saber que iremos discorrer sobre as catequeses a seguir: no dia 7 de janeiro do ano de 2015, a catequese do santo padre fez referência à figura da mãe; no dia 28 de janeiro de 2015 à figura do Pai; no dia 11 de fevereiro de 2015 discursou sobre os filhos; no dia 18 de fevereiro de 2015 apresentou os irmãos e no dia 4 de março de 2015 foi a vez dos avós e, no dia 18 de março as crianças ganharam o seu destaque no momento catequético do discurso de Francisco. Assim, percebamos o quanto a família em seus respectivos membros, faz parte do discurso do Papa Francisco. Não nos causa estranheza ver o papa discursar sobre a família e expor sua preocupação com o zelo moral e pastoral desta instituição sagrada chamada de família.

O cuidado com a família é real ontem, hoje e sempre. Nos dias atuais, a família está sendo bombardeada por falsas doutrinas, formações e informações que prometem sucesso e lazer, mas perde-se o amor e a dignidade. São muitos os pais que trabalham pesadas cargas horárias, tais como, três ou dois turnos durante o dia para garantirem um futuro financeiro melhor aos filhos. Assim

agindo, cegos para a vida familiar e para a convivência em família, esquecem que não basta ter o material, tem que ter o amor que é conquistado, plantado e regado nas relações. São muitos os pais que não conhecem os filhos e filhos que não conhecem os pais, pois seus horários não permitem um encontro familiar, mas apenas, momentos de finais de semana e, ainda com a interferência de amigos ou outras pessoas, ou seja, ficar em um momento família parece ser muito difícil nos dias de hoje. Por esta e outras razões, a família vai se fragilizando e tornando-se mais fraca frente às diversas dificuldades do dia a dia.

Mesmo sofrendo influência de muitas forças externas em sua formação inicial, o ser humano tem como primeiro educador a família, ela assume o lugar de proteção e formadora dos membros que foram gerados no amor, a saber, ou seja, por ela a dignidade da pessoa humana, o caráter, a importância dos sadios relacionamentos, tudo isso é transmitido pela família. A saber:

A família tem a ver com os seus membros durante toda a existência de cada um, desde o nascimento até à morte. Ela é verdadeiramente 'o santuário da vida (...), o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico'. Por isso, o papel da família é *determinante e insubstituível na construção* da cultura da vida (EV, n.92).

Através das palavras do Papa Francisco, direcionadas ao mundo inteiro por meio de suas catequese, vamos apresentar em linhas gerais cada membro da família para facilitar nosso trabalho. Primeiro, descobriremos o que nos fala sobre a Rosa que é uma mãe, depois o pai e depois os filhos. Mesmo sabendo do papel fundamental de cada membro da família, poderíamos explorar as realidades sócio, psíquico e pastoral dos membros que a compõem, mas, mesmo diante desta possibilidade deter-nos-emos apenas em apresentar a mensagem do papa Francisco em sua catequese direcionada a todos os fiéis cristãos.

3.3.1 Ser mãe

A Igreja é mãe. A Igreja dá vida, protege, forma e oferece seus filhos para irem ao encontro de outros e colocarem em prática aquilo que foi apreendido. Partindo de um princípio básico, podemos afirmar que não há filho que não provenha de uma mãe. Todos somos filhos, mas nem todos são mãe, a mãe é um dom específico dado apenas às mulheres. A condição para termos uma vida é termos um papai e uma mamãe. Caso perguntemos aos filhos quem são as pessoas que eles mais amam, responderão: “meus pais” e, por sua vez, os pais responderão: “nossos filhos”. É uma troca de amor manifestada publicamente, porém, no tocante às atitudes, nem sempre encontramos ligação do que se fala com o que se vive. Quem ama cuida! Será que os filhos estão cuidando dos pais? Pais que tanto amam e em vez de exporem seu sorriso, por causa das falhas dos filhos derramam suas lágrimas. Existem muitos filhos que colocam trabalho, amigos, viagens, passeios, lazer, bebedeira, festas e tantas outras coisas acima de seus pais. Alguns pais se sentem escravos, isolados, ignorados, mal-amados dentro de casa com o tratamento recebido por seus filhos.

Os filhos devem à mãe e ao pai sua existência, formação humana e religiosa. São eles que se apresentam como primeiros catequistas, são eles que os levam à igreja, são eles que nos falam sobre Deus e nos apresentam Deus como Pai e Maria como Mãe.

As mães transmitem, muitas vezes, também o sentido mais profundo da prática religiosa: nas primeiras orações, nos primeiros gestos de devoção que uma criança aprende, está inscrito o valor da fé na vida de um ser humano. É uma mensagem que as mães que acreditam sabem transmitir sem tantas explicações: estas chegarão depois, mas a semente da fé está naqueles primeiros, preciosíssimos momentos. Sem as mães, não somente não haveria novos fiéis, mas a fé perderia boa parte do seu calor simples e profundo (Audiência Geral, dia 7 de janeiro de 2015).

Por fim, ao falarmos de mãe, recorda-se a mãe biológica e a mãe espiritual, Maria, mãe de Jesus. Eis a mãe terrena e a espiritual. Destaca-se a vocação ao martírio das mães terrenas, pois diante do amor, por amor aos filhos as mães sacrificam a própria vida. Todo filho cresce crendo que um dia irá sepultar seu pai e sua mãe, mas nenhuma mãe ou pai imaginam sepultar um filho ou uma filha. Quando o filho está diante da fase final de seus pais, pede-se

a Deus a cura ou a morte para que o sofrimento tenha um fim. Outros, por sua vez, aproveitam para agradecer pela doação em vida; os pais, quando estão diante de um filho em estado terminal, o pedido é um só: “Deus, em vez de levar meu filho (a) leva a mim”. Eles querem morrer por seus filhos, este é o amor de mãe e de pai doar a vida pelos filhos. É o amor dos pais que se assemelha ao amor de Deus.

Nossos pais têm muito o que nos surpreender, pois o amor é dinâmico e surpreendente. Enfim,

Ser mãe não significa somente colocar um filho no mundo, mas é também uma escolha de vida. O que escolhe uma mãe, qual é a escolha de vida de uma mãe? A escolha de vida de uma mãe é a escolha de dar a vida. E isto é grande, é bonito (Audiência Geral, dia 7 de janeiro de 2015).

3.3.2 Ser pai

Para dar a vida por alguém precisamos conhecer aquele ou aquela por quem queremos doar a nossa vida. O lado materno sempre se sobressai e torna a mãe mais presente na vida dos filhos. É bem verdade que ainda numa cultura patriarcal os homens se ausentam para trabalhar e as mulheres permanecem em casa cuidando da casa e dos filhos, o que as tornam mais próximas dos filhos. Enquanto as mães estão presentes, os pais têm se feito ausentes. “Por vezes os pais estão tão concentrados em si mesmos e no próprio trabalho ou então nas próprias realizações pessoais, que se esquecem até da família. E deixam as crianças e os jovens sozinhos” (Audiência Geral, dia 28 de janeiro de 2015).

Recordemos que ser pai é uma grande responsabilidade na vida dos filhos. A Sagrada Escritura afirma que Jesus ensinou que se chamasse Deus de Pai (Mt 6,7-15). Vejam quanta responsabilidade lançada sobre os pais. Quando crianças se aprende que Deus é pai. Prega-se a existência de um pai do céu, mas o pai que a criança conhece é o papai da terra que habita o mesmo teto que o seu. Com isso, entende-se que a imagem de pai que a criança conhecerá será aquela revelada por seu pai terreno, logo, a imagem de Deus para a criança estará associada ao pai terreno. Sendo o terreno ausente da vida do filho, assim

pensará de Deus também é; se o pai briga com a mamãe, a criança imaginará que Deus é estressado e cheio de raiva; mas, caso contrário, sendo o pai presente, amoroso e atencioso, assim será a imagem de Deus. O Pai revela Deus que é Pai na vida de seus filhos, por isso, grande deverá ser o testemunho de fé na vida do filho.

Portanto, a primeira necessidade é precisamente esta: que o pai esteja *presente* na família. Que se encontre próximo da esposa, para compartilhar tudo, alegrias e dores, dificuldades e esperanças. E que esteja perto dos filhos no seu crescimento: quando brincam e quando se aplicam, quando estão descontraídos e quando se sentem angustiados, quando se exprimem e quando permanecem calados, quando ousam e quando têm medo, quando dão um passo errado e quando voltam a encontrar o caminho; pai presente, sempre. Estar presente não significa ser controlador, porque os pais demasiados controladores anulam os filhos e não os deixam crescer (Audiência Geral, dia 04 de fevereiro de 2015).

3.3.3 Ser filhos e filhas

Quando um casal resolve se unir em matrimônio, aquela união dá-lhes o direito de se reconhecer enquanto casal abençoado por Deus para buscarem a felicidade. Enquanto não gerarem uma vida, serão apenas um casal. Mas a partir do momento em que o amor entre ambos se concretizar, ou seja, quando por amor gerarem uma vida, deixarão de ser um casal para formarem uma família. Assim entendemos a família, uma constituição formada por um pai, uma mãe e os filhos. Já discorreremos sobre a figura da mãe e do pai, agora, deter-nos-emos na imagem dos filhos.

Os filhos são uma dádiva! Cada um é único e irrepetível; mas, ao mesmo tempo, está inconfundivelmente ligado às suas raízes. Com efeito, ser filho e filha, segundo o desígnio de Deus, significa trazer em si a memória e a esperança de um amor que se realizou precisamente acendendo a vida de outro ser humano, original e novo. E para os pais cada filho é singular, diferente, diverso (Audiência Geral, dia 11 de fevereiro de 2015)

Faz-me recordar minha mãe que teve nove filhos, porém, criando-se apenas quatro, somado a um adotivo. Declaradamente, em nossas percepções de filhos nos revelam um maior cuidado, uma maior preferência por um dos filhos; até interrogamos e afirmamos que mamãe gosta mais de um do que dos outros. Literalmente, mamãe afirmava que não gostava de nenhum de forma diferenciada, mas que amava e gostava de todos por igual. Na condição de filhos percebemos que há uma diferenciação, mas na visão de mãe, o amor é distribuído com equidade para todos.

Nossa mamãe não mente, realmente nos ama por igual e na mesma intensidade. A grande diferença é que sempre tem aquele filho que dá mais trabalho, que a preocupa muito mais, que se irrita com maior facilidade e por amor, a mãe faz sacrifícios para conservar o bem-estar e a paz entre todos os irmãos e membros da família.

Nos tempos hodiernos, os filhos passaram a serem vistos como um peso ou como um peso que pode impossibilitar os casais realizarem seus planos e projetos profissionais, pois em sua visão, não poderão estudar, trabalhar, passear e outras coisas caso os filhos existam, por isso, não ter filhos é a opção mais acertada para cada um deles. Não podemos esquecer que no direito canônico uma das condições para o casal receber validamente o matrimônio é estar aberto à fecundidade, ou seja, o casal precisa firmar o compromisso diante de Deus e da comunidade que testemunham aquele matrimônio o desejo de continuar o ato criativo de Deus. Portanto, o filho não pode ser visto como um peso, mas como uma graça e um milagre concedido por Deus ao homem e à mulher.

Ser filho é a condição fundamental para conhecer o amor de Deus, que é a fonte derradeira deste autêntico milagre. Na alma de cada filho, por mais vulnerável que seja, Deus põe o selo desse amor que está na base da sua dignidade pessoal, uma dignidade que nada, ninguém, poderá destruir (Audiência Geral, dia 11 de fevereiro de 2015).

Portanto, a família tem que ser evangelizadora da sua e das outras famílias. Cada membro familiar, cada cristão traz consigo a responsabilidade para bem viver seu batismo e ser na prática um discípulo e missionário de Cristo.

IV

4 O ZELO PASTORAL COM A FAMÍLIA DESEJADA POR DEUS

Em nosso caminhar já discorremos acerca da visão antropológica do homem, tendo como foco o desejo da descoberta daquele ser que é capaz de amar. Vimos que este amor se dá entre duas pessoas: o homem e a mulher. Ambos imitam e se fundamentam no amor primeiro, no amor-doação que está na Trindade. A experiência do encontro entre o homem e a mulher faz brotar o desejo do estar junto, ou seja, na vontade e liberdade se escolhem em matrimônio. Pela união matrimonial compreendem o significado real do que vem a ser o amor conjugal. Este, por sua vez, fez brotar a vida. Com a presença do pai, da mãe e dos filhos, descobrimos a família sonhada e desejada por Deus. Mas, uma vez existindo, esta família que é uma Igreja doméstica precisa ser cuidada. Eis o nosso propósito neste capítulo: apresentar o zelo pastoral da Igreja com as famílias existentes.

As famílias foram constituídas a partir da união entre o homem e a mulher que se receberam em matrimônio. Mas vale saber que esta união, legalizada pelo sacramento, não se sustenta sem esforços, pois os cônjuges precisam fazer a junção da oração com a ação para que seja por toda vida esta união.

Tendo em vista que é direito dos pais educarem na fé seus filhos oferecendo uma educação humana e religiosa dos filhos, iremos apresentar uma breve reflexão acerca do artigo sétimo dos direitos da família.

4.1 Análise do artigo 7º da Carta dos Direitos Fundamentais da Família (1983)

Cada família tem o direito de levar livremente a própria vida religiosa em casa, sob a direção dos pais, bem como o direito de participar em atos de culto livremente escolhidos em programas públicos e de instrução religiosa, sem sofrer qualquer discriminação (PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A FAMÍLIA - Carta dos Direitos da Família, art. 7º).

Nesta breve análise do artigo 7º da Carta dos Direitos Fundamentais da Família (1983), enfocaremos o direito que a família tem de viver livremente sua

identidade religiosa, de professar e propagar publicamente sua fé, sob a direção do pais, como descreve o próprio parágrafo da carta.

A família é uma instituição que tem suas bases na religião, é mais antiga que o Estado, e se constitui como a célula germinal da comunidade estatal, sendo considerada a primeira célula de organização social, evoluindo gradativamente desde os tempos mais remotos até o presente.

Na antiguidade, a principal forma de constituição da família era a religião, e por sua vez, a própria religião editou as primeiras regras e fundamentos da família, considerando-a como uma associação sagrada. A fé unia seus membros e gerava comunhão com as raízes dos ancestrais.

A família é o ambiente mais propício para a educação e o desenvolvimento integral das crianças. É um ambiente em que o amor de cada um de seus membros vive pelo que são e não pelo benefício que proporcionam.

Nesta perspectiva, concebe-se o dever de criar e educar filhos, dever dos pais mais importantes, a que corresponde aos pais, o dever de zelar pela formação dos filhos bem como pela sua sobrevivência, de modo a torná-los úteis à família e sociedade. Esta atribuição implica, além do zelo material, uma educação moral, que atenda à formação do espírito e do caráter.

Em sentido lato, "criar e educar" significa cultivar, promover o crescimento, no sentido jurídico, implica zelar seriamente pela observância dos direitos fundamentais da pessoa humana, garantindo o bem-estar físico das crianças, apoio alimentar, cuidados de saúde e tudo o que é necessário para a sobrevivência. Abrange não só a escolarização, mas também a vida familiar, carinho, amor, ir ao parque, brincar, passear, visitar, estabelecer paradigmas, criar condições para a presença do pai, ajudando no desenvolvimento da criança.

Esse dever dos pais se insere nesse contexto com o objetivo de direcionar uma melhor orientação para os filhos, que estão em suas fases de desenvolvimento e, muitas vezes, em vários momentos, carecem de certo discernimento necessário para escolher o que é melhor para eles.

Aqui entra o papel da religião que está estritamente ligada às ações morais do sujeito e aos costumes que foram herdados na memória. Os pais têm um direito originário sobre a educação religiosa dos filhos, direito que o próprio Deus lhes concede. Sendo natural, também é inalienável; ninguém pode tirá-los,

embora certas circunstâncias possam fazer com que sejam cortados ou condicionados.

Na Carta dos Direitos Fundamentais da família, esta é uma prerrogativa muito importante, reafirmando que nos valores familiares a primazia da formação dos filhos vem dos pais, nos aspectos relacionados à educação moral, sexual e religiosa.

Os pais gozam da graça e da ajuda de Deus necessárias para o cumprimento de sua missão de educar os filhos, missão que com razão chamaríamos de sagrada, relacionada com a felicidade de cada membro da família. Como afirma São João Paulo II: “O direito e o dever da educação são primordiais e inalienáveis para os pais” (FC, n.36).

Este é um direito dos pais, ou seja, de garantir a educação e o ensino de seus filhos de acordo com suas crenças religiosas, e deve ser respeitado, pois a religião ajuda as crianças a adquirirem uma visão mais ampla da realidade de si mesmas e do mundo, contribui para o desenvolvimento de suas ações e favorece uma maior riqueza para a abertura da vida em comunhão com os outros.

O Catecismo da Igreja Católica ensina que a família cristã é o primeiro lugar na educação para a oração. Fundada no sacramento do matrimônio, e que a família é “a Igreja doméstica” onde os filhos de Deus aprendem a rezar e perseverar na oração (CIC, n.2685).

Afirma também que “a educação para a fé, por parte dos pais, deve começar desde a primeira infância. Ocorre quando os familiares se ajudam mutuamente a crescer na fé, testemunhando uma vida cristã segundo o Evangelho. A propagação da fé familiar precede, acompanha e enriquece outras formas de ensinar a vida de seus membros. Os pais têm a missão de ensinar seus filhos a rezar e descobrir sua vocação para serem filhos de Deus” (CIC, n.2226).

O Concílio Vaticano II, por sua vez, lembra-nos que a graça do sacramento do matrimônio deu aos pais a responsabilidade e o privilégio de evangelizar seus filhos. Portanto, eles os iniciarão desde cedo nos mistérios da fé, dos quais as crianças são os “primeiros arautos” (LG, n.11).

Esta procura de dar aos filhos não só a maturidade da pessoa humana acima descrita, mas principalmente de os fazer batizar, permite-lhes ser introduzidos no conhecimento do mistério da salvação e tornarem-se cada vez

mais conscientes do dom da fé que recebeu; e se propõem a aprender, sobretudo na ação litúrgica, a conduzir a própria vida segundo o homem novo nascido da graça. Além disso, conscientes da sua vocação, podem ajudar a conformar o mundo ao Cristianismo, no qual cooperam os valores naturais assumidos na consideração integral do homem redimido por Cristo.

Os pais, que transmitiram a vida aos filhos, têm a gravíssima obrigação de educar os filhos e, por isso, devem ser reconhecidos como seus primeiros e primeiros educadores.

Esta função educativa é tão importante que, onde não existe, dificilmente pode ser cumprida. Com efeito, é dever dos pais criar um ambiente tão animado pelo amor e pela misericórdia para com Deus e para com os homens que favoreça a plena educação pessoal e social dos filhos. Eis a importância de uma Igreja doméstica capaz de gerar e educar na fé os seus membros.

4.2 PASTORAL FAMILIAR: caminho de superação para os desafios atuais da família

Quem ama cuida. Com esta expressão apresentamos a Igreja enquanto mãe e que possui muitos filhos. Os filhos precisam ser cuidados pelos pais. Mas os pais sozinhos não conseguem assumir o grande compromisso cuidar, formar e de acompanhar. Por isso, precisam contar com forças externas que os auxiliem nesta missão. A família é um grande tesouro, afinal, ela é a base de tudo e de todas as vocações.

Com o mesmo discurso, em encontros com padres e religiosos, fala-se que os dois grandes desafios da atualidade são: família e juventude. Recordemos os papas João Paulo II (ontem) e Francisco (hoje), ambos com ações pontuais voltadas às famílias, oferecem luzes para que a ação pastoral dentro da família seja mais contundente e eficaz. Temos como propósito mostrar que podemos caminhar livremente no pensamento de ambos os Papas no tocante às suas propostas para uma boa e eficaz evangelização da família.

No Discurso à III Assembleia dos bispos da América Latina, no ano de 1979, o Papa João Paulo II afirmava que era preciso a Igreja empregar todas as suas forças para que houvesse uma Pastoral Familiar. Assim afirmou:

Empregai todos os esforços para que haja uma pastoral familiar. Atendei a um campo tão prioritário, com a certeza de que no futuro a evangelização depende em grande parte da Igreja doméstica. Ela é a escola do amor, do conhecimento de Deus, do respeito pela vida e pela dignidade do homem. Esta pastoral é tanto mais importante, quanto a família está a ser objeto de graves ameaças. Pensai nas campanhas a favor do divórcio, de práticas anticoncepcionais, do aborto, que destroem a sociedade (JOÃO PAULO II, Discurso à III Assembleia Geral dos Bispos da América Latina, n.7).

A Pastoral, preocupada com o matrimônio, irá preparar com sabedoria os cônjuges e as famílias para que assumam com singular responsabilidade o sacramento do amor. É desafiadora a missão de ajudar os nubentes e formá-los para a descoberta de uma vocação matrimonial que visa a santidade. Todo processo formativo estará embasado na Sagrada Escritura, nas normas do Direito Canônico, no Catecismo da Igreja e no magistério, tendo em vista que a formação para os noivos não é algo criado sem fundamento, mas, embasado daquilo que a Igreja ensina. A Pastoral Familiar irá ser apresentada enquanto uma realidade concreta que torna a Igreja presente e atuante no seio familiar e que faz despertar para o resgate e para a luta por uma maior dignidade humana, onde cada membro seja reconhecido como importante e agradável aos olhos de Deus. Assim, formada e evangelizada, a família apresentar-se-á enquanto uma instituição realizada “na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade” (AL, n.201). Nas linhas seguintes, iremos melhor compreender a Pastoral Familiar e descobrir o seu campo de atuação.

4.3 Uma nova esperança: Pastoral Familiar segundo João Paulo II

Antes de tudo a Pastoral familiar deve preparar e acompanhar, desde os primeiros momentos, os jovens e adultos para a compreensão e recepção consciente do matrimônio. Em meio a uma sociedade líquida, que muda todos os dias e vive muito uma forte inversão de valores, urge mudanças de atitude por parte da sociedade e, principalmente, da Igreja para oferecer a formação adequada que correspondam às realidades de hoje. A Igreja, a família e a sociedade devem se empenhar ativamente no que faz referência à preparação

dos jovens quanto aos desafios do futuro. Não há como duvidar que um jovem bem preparado para a vida, com valores e princípios cristãos e morais não esteja mais preparado para enfrentar os muros da vida.

O sacramento do matrimônio é um dom da Igreja que é oferecido aos homens e mulheres da terra. Por isso, sendo cada um filho e filha da Igreja, precisam receber a formação necessária para entrarem na graça do sacramento e o receberem com dignidade cristã. Portanto, exige-se uma reta preparação.

É importante entendermos o grau de importância do termo pastoral para a Igreja. Sempre falamos que a Igreja está em movimento, ou seja, os que a compõem estão sempre agindo. O agir que leva o cristão a concretizar o que Deus pede é uma ação pastoral.

A pastoral nada mais é do que a ação evangelizadora da Igreja. Tem, portanto, como finalidade, o anúncio do Evangelho, a fim de construir comunidades (igrejas), desenvolvê-las e alimentá-las através da Eucaristia, sacramento para a vida do mundo (Jo 6,33), isto é, para a construção do Reino de Deus (SANTOS, 1978, p.71).

A Pastoral é o espaço propício para se agir em nome de Cristo. A Família, quando se organiza, realiza uma ação pastoral capaz de evangelizar. Para manter uma identidade dos agentes responsáveis pela formação familiar, a Igreja oficializou a existência da Pastoral Familiar.

O Santo padre, Bento XVI, em sua viagem apostólica ao Brasil por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe, em seu discurso inaugural da Conferência, expressou a importância da Pastoral Familiar no tocante à formação humana e espiritual da família. Assim relatou:

A família, "patrimônio da humanidade", constitui um dos tesouros mais importantes dos povos latino-americanos. Ela foi e é a escola de fé, palestra de valores humanos e cívicos, lar em que a vida humana nasce e é acolhida generosa e responsabilmente. Todavia, na atualidade sofre situações adversas provocadas pelo secularismo e pelo relativismo ético, pelos diversos fluxos migratórios internos e externos, pela pobreza, pela instabilidade social e pelas legislações civis contrárias ao matrimônio que, ao favorecer os anticoncepcionais e o aborto, ameaçam o futuro dos povos. Em algumas famílias

da América Latina persiste infelizmente ainda uma mentalidade machista, ignorando a novidade do cristianismo que reconhece e proclama a igual dignidade e responsabilidade da mulher em relação ao homem. A família é insubstituível para a tranquilidade pessoal e para a educação dos filhos. As mães que desejam dedicar-se plenamente à educação dos seus filhos e ao serviço da família devem gozar das condições necessárias para o poder fazer, e por isso têm direito de contar com o apoio do Estado. De fato, o papel da mãe é fundamental para o futuro da sociedade. O pai, por seu lado, tem o dever de ser verdadeiramente pai que exerce a sua indispensável responsabilidade e colaboração na educação dos seus filhos. Os filhos, para o seu crescimento integral, têm o direito de poder contar com o pai e com a mãe, que se ocupem deles e os acompanhem rumo à plenitude da sua vida. Portanto, é necessária uma *Pastoral Familiar* intensa e vigorosa. É indispensável de igual modo promover políticas familiares autênticas que respondam aos direitos da família como sujeito social imprescindível. A família faz parte do bem dos povos e da humanidade inteira (BENTO XVI, Discurso inaugural, Aparecida, 2007, n. 5).

Na quarta parte da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, de São João Paulo II, iremos encontrar nas palavras do Papa um profundo discurso sobre a necessidade da criação da Pastoral Familiar com suas respectivas etapas, estruturas, responsáveis e situações. Para isso, orienta conferências episcopais a publicarem um diretório para a Pastoral da Família. Neste, deverá estabelecer, antes de tudo, os elementos mínimos de conteúdo, de duração e de métodos dos cursos de preparação, levando em conta os diversos aspectos - doutrinários, pedagógicos, legais e médicos - e estudando-os de modo que quantos se preparam para o matrimônio, para além de um aprofundamento intelectual, sintam-se estimulados a inserirem-se vitalmente na comunidade eclesial. (FC, n.66)

Considerando a realidade brasileira e a experiência eclesial, a Comissão episcopal Pastoral para a vida e a Família, propõe a seguinte organização em nível diocesano e paroquial para bem viver e organizar a Pastoral Familiar Diocesana e Paroquial

4.3.1 Pastoral familiar e suas respectivas estruturas

Quando lançamos nosso olhar sobre nossas paróquias, após termos iniciado nosso processo querigmático, após conhecermos a pessoa de Jesus, somos incentivados a doarmos nosso serviço em alguma atividade pastoral. As pastorais são os meios que encontramos para distribuímos nossos serviços e ministérios e melhor evangelizar o Povo de Deus com seus mais variados carismas. Pastoralmente, a Igreja, no Brasil, está dividida em Comissões Episcopais Pastorais, elas são responsáveis por promoverem a pastoral orgânica nacional, apresentando suas dimensões globais e seus respectivos setores organizados. Destacamos a ação de cada comissão pastoral que irá assumir a responsabilidade para criar e oferecer propostas pastorais que deverão estar em sintonia com as outras muitas variadas comissões para garantir e fazer entender o real significado de pastoral orgânica, ou seja, a Igreja reunida em suas pastorais visando o mesmo fim, a ação missionária evangelizadora. Além das comissões pastorais existem aquelas que são eleitas pela Assembleia Geral dos Bispos e pelo Conselho Permanente da CNBB, tudo para um melhor acompanhamento e evangelização.

Conforme consta no site da CNBB assim estão apresentadas as comissões: Comissão para os Ministérios Ordenados e Vida Consagrada; Comissão Episcopal Pastoral para o Laicato; Comissão Episcopal Pastoral para a Ação Missionária; Comissão Episcopal Pastoral para Animação Bíblico-Catequética; Comissão Episcopal Pastoral para a Doutrina da Fé; Comissão Episcopal Pastoral para Liturgia; Comissão Episcopal Pastoral para o Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso; Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, Justiça e Paz; Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação; Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família; Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude; Comissão Episcopal Pastoral para a Comunicação. Cada comissão episcopal tem sua responsabilidade quanto às muitas pastorais existentes no nosso país; por sua vez, destacamos a comissão para a Vida e Família que assume como objetivo o serviço e a promoção da cultura da vida e do amor, por meio do anúncio do evangelho da família e do evangelho da vida. Sob a responsabilidade de acompanhar e oferecer estrutura para um bom funcionamento da Pastoral Familiar que se encarrega de ver a família da forma que ela é e procurar meios possíveis para trazer de volta a dignidade do ser humano e preservar os valores da família cristã.

A partir da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* sobre a missão da família cristã no mundo de hoje de 1981, organizou-se e estruturou-se a Pastoral Familiar na Igreja. Hoje, no Brasil, como fruto do trabalho da Comissão Nacional da Pastoral Familiar (CNPf) temos como subsídio o guia de implantação composto por oito encontros a serem realizados nas paróquias onde se deseja implantar a pastoral. Na sua organização, deve ter um assessor eclesial, um casal coordenador e um casal vice-coordenador, um casal secretário e membros para comporem os três setores: o pré-matrimonial, pós-matrimonial e casos especiais.

Toda Pastoral deve ter seus articuladores ou coordenadores. Por questões de organização existem as pessoas que são responsáveis pelo reto acompanhamento para que se garanta a formação, compreensão e prática das ações ou objetivos propostos para aquela determinada pastoral. Na exortação *Familiaris Consortio*, ao apresentar a estrutura da pastoral familiar é-nos revelado os responsáveis por esta pastoral, ou seja, os sujeitos principais que não são os religiosos ou sacerdotes, mas as próprias famílias. Sendo as famílias os sujeitos principais, não tira a responsabilidade e o compromisso pastoral dos bispos, padres, diáconos, religiosos e religiosas que devem com amor assumir o acompanhamento e zelo pela formação das famílias (FC, n.73-76).

Recordemo-nos que a Pastoral Familiar, a exemplo de tantas outras, é uma pequena força existente dentro da comunidade paroquial que unida às outras pastorais formam o corpo e agentes evangelizadores existentes. A ideia da Pastoral Familiar é que seja uma realidade paroquial, onde as famílias enquanto protagonistas da evangelização possam contribuir na evangelização de outras famílias. Não importa o lugar, quer seja na maior ou menor rua, na entrada ou na saída da cidade, próximo ou distante da matriz, no centro ou nas periferias, na cidade ou no campo ali se encontra uma família que deve ser enxergada, evangelizada e acompanhada para a vida cristã.

Normalmente, quando vamos formar determinadas pastorais, costumamos escolher em meio à comunidade pessoas consideradas livres, de bom convívio, de boa índole, de bom testemunho de vida para que possam compor nossas pastorais. Uma vez lançado o convite e aceito, a Igreja se encarrega de formar e capacitar. A Pastoral Familiar não exige apenas das famílias uma formação, mas oferece meios para que seus diretores espirituais

também experimentem a formação, ou seja, os presbíteros, os diáconos as religiosas e religiosos, os catequistas, os casais e as famílias, todos os envolvidos necessitam de uma formação específica para entenderem ou serem apresentados às complexidades existentes na paróquia no âmbito familiar.

A beleza desta pastoral é que ela não se volta apenas para o casal, para as crianças, para os jovens ou para os idosos, mas está formada para a família em sua completude e com suas realidades que lhes são próprias. A saber:

A Pastoral Familiar abraça a família em todos os seus aspectos. Pretende atingir todos os seus integrantes, nas diferentes idades e diversas situações. Dirige-se a todos os tipos de família: bem constituídas, irregulares e também os casos especiais e difíceis. A todas, quaisquer que sejam a realidade e as circunstâncias, a Igreja, através da Pastoral Familiar, deseja levar palavra de apoio, orientação, conversão, sempre animada e impulsionada pelo espírito do Bom Pastor (Estudos da CNBB 65, nº 7).

Por isso, quanto melhor formados os seus agentes, mais eficaz será o seu trabalho e resultado. Quanto alegria seria ter na Pastoral Familiar assistentes sociais, psicoterapeutas, médicos, enfermeiros, advogados, educadores físicos, sociólogos, economistas, contabilistas, enfim, tantas profissionais que juntos poderiam formar projetos, articular ações enquanto pastoral para favorecerem e ajudarem muito mais nossas famílias paroquiais.

4.3.2 Uma união pensada e preparada: setor pré-matrimonial segundo a *Familiaris Consortio*

O setor pré-matrimonial é muito importante no processo formativo da pessoa, afinal, pode e deve ser responsável pela preparação da pessoa desde o namoro ao casamento.

No ano de 1978, em Itaiaci-SP, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em assembleia extraordinária aprovou o documento 12 da CNBB que tratava sobre as orientações pastorais sobre o sacramento do matrimônio. Especificamente no tópico dois, vai falar sobre a preparação para o matrimônio e, já em 1978 a CNBB chamava a atenção dos bispos, padres e outras lideranças religiosas acerca da maneira como estava sendo feita a formação dos casais

para o matrimônio, pois os cursos rápidos pareciam não responder às reais necessidades formativas para aqueles que desejam o matrimônio, por isso, apresentou-se a preparação remota e próxima ao casamento.

Em 1981, como resultado do sínodo dos bispos, o papa João Paulo II nos apresentou a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, fundamentado neste documento e considerando a natureza do matrimônio e da família, todas as suas implicações quer sejam humanas, sociais, teológicas ou eclesiais, a preparação da pessoa humana e, principalmente, do casal é um dado fundamental para o bem-estar futuro da pessoa e daquilo que a circunda. Portanto, na quarta parte do documento referido, serão apresentados três tipos de preparação para o matrimônio: não apenas uma preparação remota e próxima, mas como novidade, a preparação imediata.

A preparação remota tem seu início desde o momento da concepção, pois pelo amor manifestado o homem e a mulher assumem o compromisso de serem luz e apresentarem a verdade àquele que se prepara para nascer. Começa na primeira etapa da vida, no seio familiar. Ela se inicia na infância, segue na pré-adolescência e atinge a adolescência e se realiza no seio familiar, na escola e em outros espaços formativos. É momento para se descobrir que o amor humano tem que ser partilhado assim como Cristo ama e é amado pela Igreja. Esta etapa acompanha a criança na escola, na preparação dos sacramentos da iniciação até o namoro, pois para o noivado segue-se uma nova etapa.

É uma oportunidade para aproveitar as oportunidades que a comunidade paroquial oferece aos jovens. Numa compreensão bem atual, da forma que entendemos a catequese nas paróquias, esta preparação remota se volta à formação das crianças na catequese que vai desde a preparação à primeira eucaristia até a crisma. Depois deste período, a formação próxima já os atinge quando unidos em casal rumo ao matrimônio.

Neste primeiro período formativo dos filhos, da família, é muito importante que a Igreja ofereça uma formação séria e integral para as crianças, adolescentes e jovens, pois servirá de base para a continuidade de sua vida cristã. O matrimônio, desde cedo, precisa ser tocado e compreendido, pois caso não haja pela Igreja uma formação sobre o assunto, o mundo com seus

conceitos distorcidos sobre o sacramento do amor, irá formar e deformar quando deveria ser a função da Igreja capacitar seus filhos.

À luz dos ensinamentos do Evangelho e do Magistério da Igreja, formem a sua consciência crítica com relação às falsas ideias e imagens veiculadas pelos meios de comunicação social: estes ferem a identidade do matrimônio e da família segundo o projeto de Deus. Nessa matéria é preciso ser claro: sem medo, colocar no seu devido lugar atitudes e mentalidades comuns no meio social, mas contrárias à lógica do Evangelho. Jesus também não foi aceito com facilidade. As suas exigências desafiavam e chocavam as pessoas de sua época (DPF, n.266).

A preparação próxima pode coincidir com o noivado. Por isso, é um momento propício para uma evangelização específica para o matrimônio, ou seja, deve ser entendido enquanto um encontro de preparação à vida matrimonial em tempo hábil e atualizado.

É um período onde o sacramento do matrimônio ganhará uma nova compreensão, pois passa-se da visão de que o matrimônio seja apenas a união entre duas pessoas para a crença de que ele é algo desejado por Deus e concretizados por aqueles que se amam. Neste processo formativo, os noivos poderão despertar para a liberdade ao consentimento livre e desimpedido, entenderão que a vocação para o amor os levará à descoberta do real significado da unidade e da indissolubilidade matrimonial. Sendo assim, despertarão para a maternidade e paternidade e descobrirão o valor da sexualidade dentro do sacramento do matrimônio.

A preparação próxima compreende um preparo mais específico, que pode coincidir com o período de noivado. É um momento adequado de evangelização peculiar. Nesse sentido, os noivos sejam orientados a descobrir que a sua vocação para o amor é também vocação para a paternidade e maternidade e que existe uma conexão inseparável entre a relação sexual e a abertura à vida (DPF, n.267).

Nesta etapa de preparação, a Pastoral Familiar deverá ter o máximo de cuidado para garantir que aqueles que almejam o matrimônio possam ter em suas formações os elementos fundamentais para a recepção do matrimônio. “A preparação próxima deverá certamente prever que os noivos possuam os

elementos basilares de carácter psicológico, pedagógico, legal e médico, concernentes ao matrimônio e à família” (Conselho pontifício para a família - preparação para o matrimônio, n.35).

O Diretório da Pastoral Familiar, ao se referir à preparação próxima, faz uma colocação que foge muito de nossa realidade, ou seja, orienta que

Os candidatos ao matrimônio deveriam participar do encontro com pelo menos seis meses de antecedência em relação à data do casamento. Assim, terão não apenas ocasião, mas também tempo hábil e necessário para colocar intenções e propósitos os mais sólidos possíveis para sua vida cristã ao abraçarem o matrimônio. Ainda terão oportunidade até para considerarem a conveniência de adiarem, contraírem ou não o matrimônio, em face das responsabilidades que o Encontro venha a descortinar (DPF n.268).

É impossível? Claro que não, mas, na realidade atual, parece muito difícil se concretizar tal orientação. Os casais de hoje não suportam formações demoradas, pois alegam falta de tempo por causa do trabalho, da família, da distância, etc. são muitas as dificuldades apresentadas. Por isso, dificulta-se um prolongamento do tempo para a preparação dos noivos. Mas, o certo é que não se pode abrir mão do que é essencial para uma boa formação daqueles que buscam o sacramento do matrimônio.

Existindo uma formação catecumenal para o batismo, João Paulo II dá luzes e pistas para que o sacramento do matrimônio siga este mesmo caminho de formação. A saber:

É nesta base que, em seguida e mais amplamente, se porá o problema da preparação próxima, que - desde a idade oportuna e com adequada catequese, como em forma de caminho catecumenal - compreende uma preparação mais específica, quase uma nova descoberta dos sacramentos. Esta catequese renovada de todos os que se preparam para o matrimônio cristão é absolutamente necessária, para que o sacramento seja celebrado e vivido com retas disposições morais e espirituais (FC, n.66).

Uma formação com um maior tempo para sua execução, tempo para rever o conteúdo passado, tempo para discutir, tempo para avaliar e reavaliar,

sem dúvida nos coloca diante de uma formação mais duradoura e de maior possibilidade para se atingir os objetivos almejados.

Tendo percorrido a preparação remota e a preparação próxima, vamos discutir sobre a preparação imediata. É o momento em que o casal será preparado para a vida matrimonial. É assim que a maioria dos casais deseja, uma preparação rápida e o mais próximo do ato religioso a ser celebrado. Esta preparação imediata implica num diálogo com o padre, retiro espiritual, rito sacramental e a celebração litúrgica. Nesta preparação imediata, para muitos chamados de curso de noivo, temas específicos deveriam ser tocados, embora saibamos de sua inexistência, não por má vontade, mas por falta de conhecimento ou despreparo de nossos catequistas. Deveria de observar:

a) sintetizar o percurso do itinerário precedente, especialmente nos conteúdos doutrinários, morais e espirituais, preenchendo assim as eventuais carências da formação básica; b) realizar experiências de oração (retiros espirituais, exercícios para nubentes) em que o encontro com o Senhor possa fazer descobrir a profundidade e a beleza da vida sobrenatural; c) realizar uma conveniente preparação litúrgica que preveja mesmo a participação ativa dos nubentes, com cuidado especial no sacramento da Reconciliação; d) valorizar, por um conhecimento mais aprofundado de cada um, os colóquios canonicamente previstos com o pároco (Conselho pontifício para a família - preparação para o matrimônio, n.50).

Ao falamos em preparação imediata, imaginamos que o casal já fez o curso preparatório para o matrimônio ou já estará para fazer em breve.

A preparação imediata para a celebração do sacramento do matrimônio deve ter lugar nos últimos meses e semanas que precedem as núpcias quase a dar um novo significado, um novo conteúdo e forma nova ao chamado exame pré-matrimonial exigido pelo direito canônico. Sempre necessária em todos os casos, tal preparação impõe-se com maior urgência para aqueles noivos que apresentam carências e dificuldades na doutrina e na prática cristã (FC, n.66).

Será de grande valor esta aproximação do casal com a Igreja, pois poderão ser acompanhados e orientados acerca de passos importantes e necessários sobre o matrimônio, dentre eles: a importância do sacramento da

penitência para ambos, pois é bom que estejam em estado de graça para melhor receberem o sacramento; o esclarecimento acerca da unidade e da indissolubilidade do matrimônio; a obrigação no amor de gerarem a vida e o zelo por ela; uma melhor compreensão da celebração do sacramento para que possam mergulhar de forma mais profunda no mistério do matrimônio.

Entre os elementos a comunicar neste caminho de fé, análogo ao do catecumenato, deve incluir-se uma profunda consciência do mistério de Cristo e da Igreja, dos significados de graça e de responsabilidade do matrimônio cristão, assim como a preparação para tomar parte ativa e consciente nos ritos da liturgia nupcial (FC, n.66).

São muitas as exigências para se repassar numa preparação imediata, mas, na maioria de nossas paróquias, não conseguimos atingir este objetivo, pois nos falta material humano, disposição, tempo e catequistas preparados para esta realidade preparatória. A preparação imediata está mais visível à grande comunidade de fé, pois os que desejam casar se dispõem a seguirem as orientações paroquiais com cursos breves, formação breve, conversa com o padre, recepção do sacramento da confissão e conhecimento do rito que conduzirá a celebração religiosa. Mesmo assim, sabemos que, pastoralmente, temos os nossos desafios, embora se exija algo, existem situações em que podemos analisar. A preparação imediata é indispensável, mas, na eventualidade de tal impossibilidade, cabe ao pároco tomar decisão de como proceder para fazer valer a certeza de que o sacramento do matrimônio não será assistido sem maior consciência e responsabilidade por parte dos cônjuges.

Deve-se levar os noivos ao uso pleno da razão, da vontade e da liberdade para que, publicamente, manifestem a certeza acerca do sacramento que buscam. Por isso, o casal precisa estar consciente acerca das três perguntas litúrgicas do matrimônio como meio pedagógico para conscientizar o compromisso matrimonial:

1ª) Viestes aqui para unir-vos em matrimônio. Por isso, eu vos pergunto perante a Igreja: É de livre e espontânea vontade que o fazeis? 2ª) Abraçando o matrimônio, ides prometer amor e fidelidade um ao outro. É por toda a vida que o prometeis? 3ª)

Estais dispostos a receber com amor os filhos que Deus vos confiar, educando-os na lei de Cristo e da Igreja? (DPF, n.273)

Respondendo conscientemente estas perguntas, o casal afirma que está assumindo o sentido verdadeiro da liberdade, do amor e da paternidade responsável.

Portanto, a preparação imediata é um momento oportuno para apresentar uma verdadeira pastoral familiar perpétua capaz de passar de geração em geração, pois conhecendo a missão da Igreja direcionada à família, cada casal que se propõe formar sua família deveria trilhar os caminhos de Cristo e assumir o mesmo relacionamento de Cristo com a Igreja.

4.3.3 Contribuições do Papa Francisco na *Amoris Laetitia* para o Setor pré-matrimonial

A família está no coração do Papa Francisco. Depois de um longo ciclo de catequeses sobre a Igreja, motivado pelos sínodos da família, o Papa iniciou uma caminhada formativa acerca da família contemplando desde os membros que compõem a família até os desafios que lhes são presentes. Partindo do princípio de quem ama cuida, o Papa ama e se preocupa com a solidez e perseverança do amor conjugadas entre os casais. Uma das razões pelas quais se justificam a liquidez no matrimônio, ou seja, as razões que justificam a não solidez nos relacionamentos conjugais é o fato da Igreja não ter feito e não fazer

[...] um bom acompanhamento dos jovens casais nos seus primeiros anos, com propostas adaptadas aos seus horários, às suas linguagens, às suas preocupações mais concretas. Outras vezes, apresentamos um ideal teológico do matrimônio demasiado abstrato, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades efetivas das famílias tais como são. Esta excessiva idealização, sobretudo quando não despertamos a confiança na graça, não fez com que o matrimônio fosse mais desejável e atraente; muito pelo contrário (AL, n.36).

Precisa-se de uma Nova Evangelização para os que almejam o matrimônio, ou seja, deve-se adotar um discurso e uma linguagem atraente para

os jovens ao se falar de Jesus e da família. Deve ser na família o início para se anunciar Jesus Cristo. A Igreja forma e envia para dentro da família que assume este papel catequético e evangelizador. A igreja doméstica, apresentada anteriormente, deve ser reconhecida como agente de evangelização. A família é o canal privilegiado para que a Palavra se difunda e se espalhe por todos os confins do mundo, atingindo o coração e a vida dos que a escutam. Tendo em vista que a igreja, povo de Deus, acontecia e se reunia na casa dos cristãos, o Papa reforça a ideia de que urge retornar às origens, isto é, voltar à evangelização dentro da igreja doméstica, isto é, da família. A família transmite a fé, a devoção, as virtudes humanas e é um grandioso lugar de santificação.

O Papa Francisco espera que os pastores acompanhem as famílias em sua totalidade a partir da realidade pastoral que atinge cada membro. Percebemos que na exortação *Amoris Laetitia* não há soluções universais para os diversos questionamentos pastorais referentes ao matrimônio, mas, mesmo assim, o papa ensina que aqueles que orientam e que conduzem devem fazer uso da misericórdia para ajudarem as famílias sofridas a chegarem a um resultado menos doloroso e coberto da caridade pastoral.

No período pós-sinodal, muitas foram as especulações sobre as questões pastorais, tais como: comunhão para os casais em segunda união, ordenação de mulheres, etc. Mas, o documento *Amoris Laetitia* ao ser publicado não trouxe uma nova doutrina, nem canônica e nem disciplinar, mas a orientação que se deu foi mostrar o que se pode fazer para aplicar esta doutrina a partir da realidade de cada membro da família, de cada cristão. Os padres e os pastores da Igreja devem imitar Jesus e ter uma atitude de escuta e prática da misericórdia de Deus. O conselho pastoral dos pastores não pode estar desvinculado da doutrina cristã. Mesmo dando a liberdade para que os pastores juntamente com as comunidades locais para elaborarem suas propostas no intuito de enfrentarem os desafios pastorais, o papa recorda que a doutrina da Igreja deve ser posta à frente de qualquer decisão, afinal, a fé recebida dos apóstolos não pode ser esquecida. A moral cristã nasce de um encontro da pessoa com Cristo na luz do Espírito Santo e não de uma regra.

A Pastoral Familiar, segundo o papa, oferece um caminho diferente capaz de levar os casais a saírem de um curso breve para uma formação séria que os leve a pensar e discernir com maior seriedade acerca do sacramento do

amor. Não é segredo, mas os papas, os bispos, as lideranças religiosas falam num só discurso sobre o quanto se precisa fazer para levarmos nossos jovens a descobrirem e os casais a redescobrirem o valor e o grande tesouro que é o matrimônio. Segundo o Papa Francisco os jovens numa preparação formativa anterior ao sacramento do matrimônio

Devem poder captar o fascínio de uma união plena que eleva e aperfeiçoa a dimensão social da vida, confere a sexualidade o seu sentido maior, ao mesmo tempo que promove o bem dos filhos e lhes proporciona o melhor contexto para o seu amadurecimento e educação (AL, n.205).

No tocante à preparação daqueles que almejam o matrimônio devem unir forças à família, à sociedade e à Igreja, para que, juntas ofereçam bases e estruturas aos jovens nubentes. Não podemos mais acreditar e passar a ideia de que o matrimônio tenha apenas uma função procriativa, claro que além do desejo iminente de gerar a vida, deve vir junto a convicção do acompanhamento, da educação séria e madura que levará a criança, o adolescente e o jovem a uma educação cristã capaz de viver os valores fundamentais do ser humano; deve primar-se, também, pela satisfação sexual, humana e comunitária dos cônjuges onde o amor mútuo seja partilhado e vivenciado.

Sendo conhecedora dos desafios atuais que amedrontam e assolam as famílias, mais do que nunca a preparação cristã dos que sonham com o matrimônio deve ser melhor realizada para que o resultado seja mais eficaz e duradouro. Uma caminhada tem que ser feita para se chegar ao matrimônio. Nos dias atuais, aqueles que chegam às secretarias paroquias em busca do matrimônio muitos são apenas batizados e sem prática religiosa, ou seja, nunca fizeram uma catequese, não receberam os sacramentos da crisma, da eucaristia e nem da penitência, mas estão ali em busca do matrimônio. Não podemos apenas oferecer o sacramento como se oferecem tantas coisas, precisa-se compreender o que se pede e o que se recebe.

A Pastoral Familiar surge como iniciativa para solucionar a grande lacuna existente neste processo de maturidade na fé, por isso, oferece três tipos de preparação necessárias: a remota, a próxima e a imediata. Mas, esta proposta não é algo novo, pois documentos da Igreja já acenavam há muito

tempo para uma renovada e mais eficaz preparação dos jovens que almejam o sacramento do matrimônio.

As famílias cristãs são chamadas cada vez mais a se tornarem discípulas- missionárias de Cristo. Sobre a preparação remota e participação da família nos fala Papa Francisco,

Na realidade, cada pessoa prepara-se para o matrimônio, desde o seu nascimento. Tudo o que a família lhe deu, deveria permitir-lhe aprender da própria história e torná-la capaz dum compromisso pleno e definitivo. Provavelmente os que chegam melhor preparados ao casamento são aqueles que aprenderam dos seus próprios pais o que é um matrimônio cristão, onde se escolheram um ao outro sem condições e continuam a renovar esta decisão. Neste sentido todas as atividades pastorais, que tendem a ajudar os cônjuges a crescer no amor e a viver o Evangelho na família, são uma ajuda inestimável a fim de que os seus filhos se preparem para a sua futura vida matrimonial (AL, n.208).

Vivendo o evangelho da família na vida, os pais poderão dar um testemunho de fé aos filhos e os filhos apresentar-se-ão como resultado da formação cristã oferecida pelos pais. Portanto, a família e a Igreja precisam caminhar juntas neste processo formativo dos que um dia irão receber o sacramento do amor. Como vimos a preparação remota tem seu início nos primeiros momentos de vida da criança e vai perpassando os seus primeiros passos com a sábia pedagogia familiar que a instrui e insere nos caminhos formativos da psicologia, da sociedade e da religião. Nesta dimensão religiosa, a criança é a apresentada à Igreja que lhe oferece uma catequese adequada e capaz de fazer com que se reconheça como cristã dotada de direitos, mas também, de obrigações. Por fim, a união do homem com a mulher em matrimônio, após a geração dos filhos, constituindo a família passam a anunciar o evangelho da vida, principalmente, na educação em todos os âmbitos de seus filhos. Nesta fase inicial a educação

[...] procura dar não só a maturidade da pessoa humana acima descrita, mas tende principalmente a fazer com que os batizados, enquanto são introduzidos gradualmente no conhecimento do mistério da salvação, se tornem cada vez mais conscientes do dom da fé que receberam; aprendam,

principalmente na ação litúrgica, a adorar Deus Pai em espírito e verdade (*Jo.* 4,23), disponham-se a levar a própria vida segundo o homem novo em justiça e santidade de verdade (*EL* 4, 22-24); e assim se aproximem do homem perfeito, da idade plena de Cristo (cfr. *Ef.* 4,13) e colaborem no aumento do Corpo místico. Além disso, conscientes da sua vocação; habituem-se quer a testemunhar a esperança que neles existe (cf. *1 Ped.* 3,15), quer a ajudar a conformação cristã do mundo, mediante a qual os valores naturais assumidos na consideração integral do homem redimido por Cristo, cooperem no bem de toda a sociedade (GE, n. 2).

O testemunho, a palavra, o exemplo, o amor mútuo manifestados, o respeito, o diálogo, a compreensão, e tantos outros valores favorecerão para um ambiente saudável e eficaz para o crescimento daquele que será educado e ensinado à luz da fé para quando adulto fizer um reto discernimento acerca do matrimônio (EV, n.92).

Após a preparação remota, encontramos a preparação próxima, ou seja, é a evangelização ou acompanhamento espiritual dos jovens que namoram e pretendem dar passos significativos para chegarem ao matrimônio. O namoro não pode ser visto com um período da vida onde apenas se diverte, apenas se curte a presença do outro sem maiores compromissos, pensar assim é uma visão mundana. Para o cristão entrar em estado de namoro é assumir diante do outro um conhecimento e compromisso que os leve a pensar, compreender e ensaiar os valores fundamentais presentes no matrimônio, tais como: diálogo, compreensão, fidelidade, carinho, cuidado, presença, respeito, sendo tudo isso reflexos de uma pessoa que ama. Destarte, neste momento, os jovens compreenderão que no consentimento, na aceitação do outro por toda a vida pelo matrimônio exigirá de si um abandono de práticas contrárias ao matrimônio.

Quanto à preparação próxima percebamos que

Não se trata de lhes ministrar o Catecismo inteiro nem de os saturar com demasiados temas, sendo válido também aqui que “não é o muito saber que enche e satisfaz a alma, mas o sentir e saborear interiormente as coisas”. Interessa mais a qualidade do que a quantidade, devendo-se dar prioridade – juntamente com um renovado anúncio do querigma – àqueles conteúdos que, comunicados de forma atraente e cordial, os ajudem a comprometer-se num percurso da vida toda “com ânimo grande e liberalidade”. Trata-se duma espécie de “iniciação” ao

sacramento do matrimônio, que lhes forneça os elementos necessários para poderem recebê-lo com as melhores disposições e iniciar com uma certa solidez a vida familiar (AL, n.207).

Além dos noivos descobrirem os valores fundamentais do matrimônio, precisam analisar a vida de ambos desde o início do namoro até os dias de noivado, pois cada um precisa entender que a resposta positiva ao matrimônio é para uma vida inteira, por isso, não se pode casar em dúvida ou acreditando que depois tudo se resolverá. O diálogo aberto e sincero deve prevalecer neste momento crucial de suas escolhas. Para isso, o Papa Francisco chama atenção quando nos afirma:

Os noivos deveriam ser incentivados e ajudados a poderem expressar o que cada um espera de um eventual matrimônio, a sua maneira de entender o que é o amor e o compromisso, aquilo que se deseja do outro, o tipo de vida em comum que se quer projetar. Estes diálogos podem ajudar a ver que, na realidade, os pontos de contato são escassos e que a mera atração mútua não será suficiente para sustentar a união (AL, n.209).

O Papa Francisco chama atenção para os noivos não focalizarem no que é secundário, ou seja, na resposta à sociedade com as comidas e bebidas. O Santo padre chama atenção dos casais para que não façam da festa social o ponto fundamental do matrimônio, quando o ápice deveria ser a celebração religiosa. Não é difícil, relata o papa, encontrarmos casais que não se concentram na hora do matrimônio, pois estão preocupados com a bebida, com a comida, com o bolo, com as cadeiras, a decoração, o bolo e com outras coisas secundárias. Entretanto, é bem verdade que em nossa sociedade o sacramento matrimonial corre o risco de ser mera obrigação social e um vago desejo religioso. O desafio passa a ser então o de um exercício de uma sacramentalidade da união conjugal chamada a crescer, consolidar-se e aprofundar-se, ou seja, o amor que os uniu terá que ser cultivado cuidadosamente, no dia a dia da vida conjugal e familiar para que cada vez mais se pareça com o amor de Deus. Mas, afinal, para este casal o que é realmente importante? A preparação próxima além dos pontos já apresentados deve clarificar que o centro é o sacramento e não o movimento social que vem após

o matrimônio. “O que importa é o amor que vos une, fortalecido e santificado pela graça. Vós sois capazes de optar por uma festa austera e simples, para colocar o amor acima de tudo” (AL, n.212) e que a preparação não é para um acontecimento, mas para a vida inteira.

O Papa Francisco chama a atenção da Pastoral Familiar para que façam os noivos compreenderem neste tipo de preparação a verdadeira profundidade da celebração litúrgica para uma sólida compreensão dos gestos e significado de cada parte do sacramento. É importante que os noivos percebam que o rito do matrimônio se preocupa em deixar claro através das leituras e das orações que o matrimônio sempre esteve presente na história da salvação e que esta realidade humana foi utilizada para refletir a aliança traçada entre Deus e a humanidade. Na escolha das leituras é bom que os nubentes possam optar por aquelas que tenham a ver com sua história de amor.

O consentimento, momento importantíssimo na celebração, deve ser realizado de maneira clara e marcante. Este é solicitado pelo sacerdote, mas antes de os contraentes o manifestarem são interrogados na busca de saber se há alguma coisa que torne impossível a celebração do matrimônio; as questões são a respeito da liberdade, do amor e do compromisso proveniente do casamento, quer seja o ter filhos, quer educá-los na fé católica. Somente depois de obter as repostas devidas é que o sacerdote pede o consentimento dos nubentes que manifestam o amor, a unidade e a indissolubilidade do sacramento matrimonial. O sacerdote, como testemunha qualificada da Igreja, acolhe este propósito realizado entre os nubentes e reafirma a indissolubilidade do matrimônio. A saber:

Às vezes, os noivos não percebem o peso teológico e espiritual do consentimento, que ilumina o significado de todos os gestos sucessivos. É necessário salientar que aquelas palavras não podem ser reduzidas ao presente; implicam uma totalidade que inclui o futuro: ‘até que a morte vos separe’. O sentido do consentimento mostra que ‘liberdade e fidelidade não se opõem uma à outra, aliás apoiam-se reciprocamente quer nas relações interpessoais quer nas sociais. De fato, pensemos nos danos que produzem, na civilização da comunicação global, o aumento de promessas não mantidas (...). A honra à palavra dada, a fidelidade à promessa não se podem comprar nem vender. Não podem ser impostas com a força, nem guardadas sem sacrifício’ (AL, n.214).

A bênção e a entrega das alianças são dos momentos mais marcantes nesta celebração, pois, sendo um compromisso indissolúvel, a aliança de ouro simboliza a realeza e o valor que ele sempre deve ter na vida dos nubentes, representando que não tem início e nem fim, pois é para a vida toda. Assim devem se ter o cuidado por deixá-la sempre brilhando, como o amor entre os dois deve sempre estar vivo e reluzente, manifestando o brilho do amor de Deus por nós. Assim esclarece o Papa Francisco:

Também se pode meditar com as leituras bíblicas e enriquecer a compreensão do significado das alianças que trocam entre si, ou doutros sinais que fazem parte do rito. Mas não seria bom chegarem ao matrimônio sem ter rezado juntos, um pelo outro, pedindo ajuda a Deus para serem fiéis e generosos, perguntando juntos a Deus que espera deles, e inclusive consagrando o seu amor diante duma imagem de Maria (AL, n. 216).

Os contraentes vêm à presença da comunidade e do sacerdote pedir as bênçãos de Deus sobre seu matrimônio; por este motivo, o momento no qual o sacerdote pede a bênção de Deus para esta nova família é importante que o faça de maneira clara, podendo, antes de rezar a fórmula proposta pela igreja, levar a comunidade presente a rezar intercedendo pela nova família. Nesta oração se destaca a afirmação de que a bênção que se pede nesse momento é a única que não foi abolida nem pelo castigo do pecado original, nem pelo dilúvio: isso vem mostrar a grandiosidade de tal sacramento. Nesta bênção, há um elemento que dá a receita para a durabilidade do casamento: o casal firmar seu matrimônio na caridade de Deus, ou seja, num amor que busca trazer e promover a realização e a felicidade do outro; não se deve casar simplesmente para ser feliz e sim para fazer o outro feliz. Se cada um procurar a felicidade do outro ambos serão felizes.

A entrega da sagrada comunhão, a quem for católico, é um momento de alimentar-se da graça de Deus; a nova família daqui deve receber as forças para que seja perseverante na fé e na vivência do sacramento recebido, como símbolo real da aliança traçada entre Deus e a humanidade. A Igreja prescreve ainda, além do rito para celebração do matrimônio dentro ou fora da missa,

outros ritos, a saber: para casamentos entre católicos e não católicos, que sejam batizados em igrejas onde a Igreja Católica reconheça como válido o batismo e entre católicos e não-cristãos, que tenham assinado um termo se comprometendo em não atrapalhar a vivência da fé da parte católica.

A preparação para o sacramento do matrimônio é para a vida que se lhe segue, emerge como uma grande necessidade pastoral para o bem dos esposos, para toda a comunidade cristã e para a sociedade. Assim, implica um processo de evangelização que é maturação e aprofundamento na fé. Esta preparação é, portanto, um itinerário de fé, que não termina no ato celebrativo assistido pelo padre, diácono ou testemunha qualificada pela Igreja, e realizado pelos nubentes, mas segue a vida familiar num estado permanente. O matrimônio não é graça instantânea, é graça permanente.

A condição sacramental da família é, portanto, um bem que perpassa o social e o religioso, numa questão de sobriedade e salvação. Por esse fator, é válida a tentativa de salvaguardar e promover a dignidade e singularidade do sacramento do matrimônio.

O período do noivado deve ser um tempo de redescoberta recíproca e de aprofundamento da fé. A riqueza do matrimônio deve passar a ter maior relevo nas conversas do casal, ou seja, uma vez assumida no noivado, a beleza do casamento poderá ter uma solidez maior no cotidiano dos envolvidos no enlace matrimonial.

Portanto, quer seja na preparação remota, próxima ou imediata os noivos precisam compreender que o ensinamento e acompanhamento da Igreja não finda com a cerimônia religiosa, mas continua no pós-matrimônio, afinal, será na fé e com a ajuda dos membros de nossa Igreja que poderão encontrar apoio nos momentos das provações e dos momentos difíceis da vida a dois. “Tanto a pastoral pré-matrimonial como a matrimonial devem ser, antes de mais nada, uma pastoral do vínculo, na qual se ofereçam elementos que ajudem quer a amadurecer o amor quer a superar os momentos duros” (AL, n.211).

A Pastoral familiar não tem o propósito de ficar apenas espalhando doutrinas, mas estará junto dos que casaram para os acompanharem com conselhos pastorais mostrando a necessidade da comunhão, da confissão, da oração do casal e, ao mesmo tempo, mostrando vias possível para se procurar profissionais que muito poderão contribuir no acompanhamento e maturidade do

casal. Mostre-se aos casais que pelo matrimônio “o significado procriador da sexualidade, a linguagem do corpo e os gestos de amor vividos na história de um casal de esposos transformam-se numa continuidade ininterrupta da linguagem litúrgica e a vida conjugal torna-se de algum modo liturgia” (AL, n.215).

4.3.4 Uma união abençoada e acompanhada: setor pós-matrimonial (*Familiaris Consortio*)

O setor pós-matrimonial tem a missão de promover a formação continuada dos cônjuges. É um dos três setores da Pastoral Familiar, localizando-se no espaço pastoral onde os casais já se prepararam e receberam validamente o sacramento do matrimônio. Partimos do princípio de que se o casal chegou à união sacramental foi porque entre eles existia amor e livremente decidiram firmar um compromisso de amor não por um tempo, mas por toda a vida, até que a morte os separe. Mesmo certos do amor de ambos, mesmo que transmitam grande alegria e satisfação por ter um ao lado do outro, a Pastoral Familiar deve insistir na prática de não parar a formação ou acompanhamento pós-matrimônio, pois precisa continuar presente para estar junto do novo casal, principalmente, para encarar as dificuldades da vida a dois. Portanto, não basta formar, não basta casar, precisa-se acompanhar.

Partindo do princípio de que o sacramento do matrimônio faz valer o desejo da constituição de uma família, este setor pós-matrimônio vai acompanhar, orientar e ajudar no processo formativo dos pais e filhos rumo à melhor formação humana e cristã. Uma vez acompanhado o casal até o matrimônio, após o sacramento do amor este setor “tem a responsabilidade de promover a formação contínua para a vida conjugal, familiar e comunitária” (DPF, n.464).

Muitos são os meios ou subsídios utilizados para um bom acompanhamento familiar, dentre eles podemos recordar os muitos contatos individuais, eventos paroquiais festivos que sempre acontecem, cursos, ciclos de conferências, encontros de reflexão e de trabalho, grupos de estudo voltados à família, dentre outros. Recordamos o subsídio “Hora da Família”, o boletim

informativo da Pastoral Familiar (Revista Vida e Família) que são publicados periodicamente pela Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família além de outras muitas iniciativas que são oferecidas e estão espalhadas pelo mundo todo com o mesmo propósito: evangelizar a família cristã.

Este momento pós-matrimônio, dentro da dinâmica da Pastoral Familiar, demonstra o zelo e o cuidado que a Igreja possui com os jovens casais para ajudá-los a viverem sua nova vocação e missão no seio familiar. Por serem casais inexperientes, estão sujeitos e expostos às muitas dificuldades reais dos primeiros anos de união matrimonial, por isso, os jovens cônjuges devem estar abertos para acolherem com humildade e amor os conselhos, orientações e testemunhos de casais mais experientes no tocante ao matrimônio e à família. O intuito maior deste setor é fazer com que o novo casal e, posteriormente, a nova família se transformem numa verdadeira comunidade de amor.

No tocante à ação pastoral para com as famílias jovens a Igreja deverá

[...] prestar uma atenção específica para as educar a viver responsabilmente o amor conjugal em relação com as exigências de comunhão e de serviço à vida, como também a conciliar a intimidade da vida de casa com a obra comum e generosa de edificar a Igreja e a sociedade humana. Quando, com a vinda dos filhos, o casal se torna em sentido pleno e específico uma família, a Igreja estará ainda próxima dos pais para que os acolham e os amem à luz do dom recebido do Senhor da vida, assumindo com alegria a fadiga de os servir no seu crescimento humano e cristão (FC, n.69).

Sendo o setor pós-matrimonial um dos mais amplos no campo de atuação da Pastoral Familiar, afinal, trabalha com os casais: casados, recém-casados, em situações regulares e irregulares; famílias completas e mono parentais, filhos sem pai e mãe, viúvos, idosos e pessoas sem lar ou sem familiar, enfim, atinge todas as situações ou estados em que se encontra a família.

4.3.5 Contribuição do Papa Francisco na *Amoris Laetitia* para o setor pós-matrimonial

É dentro do território paroquial que se encontram os novos casais. Foi dentro da realidade eclesial que buscaram a Igreja, prepararam-se e receberam o sacramento do matrimônio. Esta, por sua vez, deveria oferecer uma estrutura de acompanhamento para estes novos casais unidos na e pela Igreja, eis a razão de existir deste setor pós-matrimonial formado por casais sérios, estruturados, equilibrados e com testemunho de vida para acompanhar estes novíssimos casais. Dentre tantas funções, após o matrimônio este setor deve

[...] encorajar os esposos para uma atitude fundamental de acolhimento do grande dom dos filhos. É preciso sublinhar a importância da espiritualidade familiar, da oração e da participação na Eucaristia dominical, e animar os cônjuges a reunirem-se regularmente para promoverem o crescimento da vida espiritual e a solidariedade nas exigências concretas da vida. Liturgias, práticas devocionais e Eucaristias celebradas para as famílias, sobretudo no aniversário de matrimônio, foram citadas como vitais para favorecer a evangelização através da família (AL, n.223).

O acompanhamento deve acontecer, pois é de se imaginar que nem todos aqueles que casam estejam completamente convictos no tocante às suas decisões. Muitos casaram mas trouxeram suas dúvidas que, no entender de ambos, não seria um grande problema futuramente. As dúvidas surgem por entendermos que nem sempre o tempo de noivado foi um tempo suficiente para a certeza unitiva, por isso, em meio a situações adversas (gravidez, sexo antes do casamento, viagem para outra cidade, opiniões familiares, etc) apressaram-se para casar. Outros casaram por suas motivações pessoais, como falamos dantes. Mas, se a causa do matrimônio não foi o amor, mas outra motivação, sem dúvida, o sofrimento, as crises, as fragilidades ganharão forças. Por se saber da existência destes momentos sofríveis na vida do casal, a Pastoral Familiar precisa agir por meio do acompanhamento dos esposos, principalmente, nos primeiros anos de união matrimonial para que possam “enriquecer e aprofundar a decisão consciente e livre de se pertencerem e amarem até o fim” (AL, n.217). Até mesmo a preparação para o matrimônio, os catequistas envolvidos neste belíssimo trabalho não podem se contentar em trabalhar para um momento, mas para a vida. Eis a razão de ser deste setor, isto é, preparar o casal para a vida a dois e para a família após o matrimônio.

Tudo isso nos faz entender a dinamicidade do matrimônio, ou seja, ele não é algo acabado sem brilho, acabado ou que para no tempo, mas está sempre em movimento, afinal, as pessoas envolvidas têm uma vida que não para.

Todos os casais trazem consigo suas esperanças, sonhos e desejos. Imagina-se que o matrimônio é para a felicidade. Correto, é para ambos serem felizes. Mas, não podem viver enganados em relação às dificuldades que surgirão. Sabe-se que o fim último da humanidade é buscar felicidade e os novos casais buscam isso em mútua parceria. Mas, sabemos que não vivemos isolados em uma bolha onde nada nos atinge; estamos envoltos de muitas pessoas que nos amam e que nos odeiam. Enquanto alguns se alegram com nossa felicidade, há outros que se entristecem. Que vida triste, a pessoa ser feliz com a infelicidade do outro. Mas é uma realidade.

Quando perdemos alguém de nossa família, diante da experiência da morte, pensamos: a vida é breve e o tempo passa consoante as normas de Deus. Não sabemos o dia nem a hora, temos que viver. É urgente vivermos o agora intensamente já que não temos domínio sobre o dia de amanhã. Precisamos viver a data de hoje como se fosse o último dia. Amemo-nos, enquanto podemos amar, abracemo-nos, declaremo-nos e entreguemo-nos enquanto podemos, amanhã poderá ser o dia do desejo e não poderemos mais. Que o amor seja manifestado agora para que na despedida final estejamos felizes por termos amado, estado presente, declarado os mais verdadeiros sentimentos enquanto podemos.

Em contrapartida, no matrimônio acontece o inverso: devemos viver todos os dias como se fosse o primeiro. Recordar este momento de forte ansiedade, de manifestação pública diante dos amigos e parentes e diante da igreja é necessário. Este dia da aceitação, da entrega e da união do amor entre duas pessoas nunca deverá ser esquecido. Vivam por meio da lembrança, dos vídeos e fotografias este ato de amor que a cada dia deverá se perpetuar mais e mais em vossas vidas. Necessitamos viver todos os dias como se fosse o primeiro.

Estamos diante de um caminho de amadurecimento mútuo onde “a maior missão de um homem e de uma mulher no amor seja esta: a de se tornarem, um ao outro, mais homem e mais mulher” (AL, n.221). Ambos assumem a responsabilidade por si e pelo outro, pois nesta nova configuração a

partir do matrimônio devem caminhar juntos no tocante à formação humana e matrimonial, suportando e superando os momentos de crises, trevas ou tribulações e fazendo frutificar os dons existentes em cada uma das partes.

São muitos os desafios da Pastoral Familiar, dentre eles nos adverte o Papa Francisco,

[...] é ajudar a descobrir que o matrimônio não se pode entender como algo acabado. A união é real, é irrevogável e foi confirmada e consagrada pelo sacramento do matrimônio; mas, ao unir-se, os esposos tornam-se protagonistas, senhores da sua própria história e criadores dum projeto que deve ser levado para a frente conjuntamente. O olhar volta-se para o futuro, que é preciso construir dia-a-dia com a graça de Deus e, por isso mesmo, não se pretende do cônjuge que seja perfeito (AL, n.218)

A grande escola para formar os novos casais é a escola da vida. As orientações e direcionamentos partem da simplicidade do bem viver. Não pensemos que novas regras ou normas serão apresentadas, pois a vivência do amor se dá na simplicidade da vida. Nos pequenos gestos, os casais irão descobrir a forma correta de bem viver o seu matrimônio, afinal, o próprio Papa Francisco nos orienta que os casais precisam entender que pequenos sinais como dar um beijo todos os dias, orar juntos e orar isoladamente durante o dia, despedir-se todos os dias ao saírem para seus trabalhos e esperar a chegada um do outro, criar momentos de saídas juntos para um lazer, para merendar, para passear, compartilhar momentos simples do dia a dia da casa, dentre outras coisas, tudo isso fortalece e renova as energias do amor (AL, n.226).

Segundo o Papa Francisco, a Igreja desafia as paróquias a serem mais humanas e acolhedoras às famílias. É bem verdade que são muitas as paróquias que experimentam uma boa pastoral da acolhida, há todo um cuidado e preocupação com os que estão na Igreja no momento do culto. Mas e depois do culto, o que fazer? É justamente aqui a hora certa de cada pastoral ou movimento se reconhecer enquanto missionário, ou seja, sair para evangelizar e praticar momentos formativos. Na Igreja, queremos encontrar aconchego, amparo e apoio na caminhada paroquial, por isso, indica o Papa Francisco chama a atenção de todas as paróquias para que vivam no amor o exercício pastoral capaz de acolher os que buscam uma vida feliz em Jesus Cristo, vejamos:

As paróquias, os movimentos, as escolas e outras instituições da Igreja podem desenvolver várias mediações para apoiar e reavivar as famílias. Por exemplo, através de recursos como reuniões de casais vizinhos ou amigos, breves retiros para casais, conferências de especialistas sobre problemáticas muito concretas da vida familiar, centros de aconselhamento conjugal, agentes missionários preparados para falar com os casais acerca das suas dificuldades e aspirações, consultas sobre diferentes situações familiares (dependências, infidelidade, violência familiar), espaços de espiritualidade, escolas de formação para pais com filhos problemáticos, assembleias familiares (AL, n.229).

Tudo o que é apresentado e proposto se dá na realidade humana do casal, ou seja, as orientações do Papa Francisco para este setor da Pastoral Familiar se dão no que é real e possível. Não se pede o impossível, mas o básico capaz de ajudar os novos e veteranos casais para que permaneçam no amor. É preciso sabedoria com as coisas de Deus, assim como se tem esperteza nas coisas do mundo (Lc 16, 1-13). É uma realidade que muitos após casarem se afastam da Igreja e ficam esperando momentos para retornarem. Por exemplo, existem pais que vão à Igreja no dia do matrimônio, depois retornam na primeira eucaristia dos filhos, depois na crisma e se o filho casar na Igreja retornarão mais uma vez. Depois disso, dependerão da morte de algum familiar ou conhecido para retornarem à Igreja. Nestes momentos, nestas situações, a Pastoral Familiar deveria criar estratégias para trazer de volta e oferecer algo atraente a estes casais. São muitas as realidades e necessidades pastorais, pois falta-nos material humano e ideias para melhor se acompanhar os casais. Vendo esta fragilidade da Pastoral, o Papa Francisco apresenta mais algumas sugestões que nos fazem recordar a setorização de uma paróquia, pois o Papa orienta a prática do acompanhamento personalizado dos casais de uma determinada rua por outros casais, onde ali há conversa, encontros, partilhas e uma percepção na oração das necessidades que o outro apresenta. Enfim, estar próximo, caminhar junto é fundamental para o crescimento na fé e no amor dos casais cristão (AL, n.230).

São muitos os desafios, desde a aplicação deste setor pós-matrimônio, muitos são os resultados positivos no tocante ao acompanhamento dos

cônjuges, por isso, pretende-se continuar com este trabalho gratificante e eficaz na vida dos casais.

4.3.6 Uma união em conflito: setor casos especiais na *Familiaris Consortio*

Vimos que o matrimônio se trata de um universo de decisões que atingem profundamente a pessoa humana, logo, necessita de preparação. A Pastoral Familiar assume a responsabilidade no tocante à elaboração sistemática da formação para os futuros esposos e esposas, apresentando elementos fundamentais da vida familiar, a fim de proporcionar um amadurecimento para a decisão final pelo sacramento do matrimônio. Neste sentido, pois a Igreja assume o compromisso de formar os casais que pretendem receber o sacramento do matrimônio por meio de cursos preparatórios. Sonhamos com a ideia de que os casais cresçam e amadureçam no amor que os une; que eles descubram a importância do matrimônio como aliança eclesial e sacramental; que desenvolvam um amor responsável e maduro dentro da família, verdadeira igreja doméstica que contribuirá para enriquecer toda a Igreja.

Hoje, urge a pergunta: será que os noivos dos dias atuais acreditam na família? Esta pergunta vai ao encontro do empenho que só poderá ser realizado na convicção do valor insubstituível da família para o progresso da sociedade e da própria Igreja.

Frente aos diversos problemas que traem a característica familiar podemos citar: Falta de consciência do que é ser um casal ou família cristã, não reconhecendo sua missão na Igreja e no mundo pela ausência de uma formação humana e bíblica; despreparo para o casamento; falta de maturidade e vivência cristã; exemplos negativos provenientes dos pais fragilidades de vínculos, influência negativa dos meios de comunicação que, muitas vezes, mal utilizados deformam e destroem a união e fidelidade.

No matrimônio, a cerimônia religiosa aponta para uma vivência posterior a si. Por este motivo urge a necessidade de levar os nubentes a acolherem em suas vidas um encontro pessoal com Jesus Cristo, do qual serão, em sua aliança matrimonial, símbolo sacramental. Na verdade, o casal cristão deve ser luz em meio às trevas do egoísmo e hedonismo vigentes em nossa sociedade, como

sinal profético de um amor fundamentado na perspectiva do Reino de Deus, já atuante na História, mas ainda não definitivamente concretizado entre nós. É daqui que decorre nosso apelo: que os casais cristãos adquiram um amor incondicional por Cristo, para que através deste seja o amor entre os nubentes abençoado, a fim de que levem em suas vidas a marca da promessa de Deus, que nos ama e nos quer felizes. Mas, quem ama quer ser amado. O sacramento do amor exige o esforço de ambas as partes, porém, há relacionamentos onde apenas um ama e não é amado e nem é cuidado. O que era amor se transformou em sofrimento, em dor e tortura. Este sacramento não é o sacramento do amor? Será que as pessoas estão condenadas a sofrerem a vida inteira por causa de uma união que deu errada? Muitos acham que não deveriam viver assim, por isso, saem do relacionamento matrimonial para tentarem viver e serem felizes.

Quando um casal entra na fase do namoro, passa a fazer parte do momento do encantamento. Não há tempo para se ver o que há de ruim no outro, mas apenas o belo e aparente que lhe é apresentado. As pessoas, quando se unem em matrimônio, estão envoltas de paixão, de emoção, de um verdadeiro encantamento. Após o matrimônio, este encantamento chegará ao final e, nesta hora, deve prevalecer o amor. Será o amor que fará o relacionamento se renovar, será ele que fará com que se supere as fragilidades e se intensifique as muitas qualidades, ou seja, o amor é a razão do unir e a fonte única capaz de tornar unidos os que se uniu no casamento. Sem amor, as trevas irão prevalecer na vida dos que se unirão, eis o momento em que precisamos olhar com maior atenção para os casais que sofrem. Sofrer não significa dar fim a tudo, muito pelo contrário, quando um casal entra em crise e a supera, retorna com maior maturidade, seriedade e amor fortalecido; mas, por sua vez, não resolvida a crise chegam ao não desejado momento: a separação.

O setor casos especiais assume o compromisso de acompanhar para orientar os casais que se encontram em situações consideradas especiais.

Tais são, por exemplo, as famílias dos emigrantes por motivos de trabalho; as famílias de quantos são obrigados a ausências longas, como, por exemplo, os militares, os marinheiros, os itinerantes de todo o tipo; as famílias dos presos, dos prófugos e dos exilados; as famílias que vivem praticamente marginalizadas nas grandes cidades; aquelas que não têm casa, as incompletas ou monoparentais; as famílias com filhos deficientes ou

drogados; as famílias dos alcoólatras; as desenraizadas do seu ambiente social e cultural ou em risco de perdê-lo; as discriminadas por motivos políticos ou por outras razões; as famílias ideologicamente divididas; as que dificilmente conseguem ter um contato com a paróquia; as que sofrem violência ou tratamentos injustos por causa da própria fé; as que se compõem de cônjuges menores; os anciãos, não raramente forçados a viver na solidão e sem meios adequados de subsistência (FC, n.77).

Todos os casos especiais são muito delicados, mas queremos destacar dois casos: os separados e divorciados sem e com segunda união segundo a *Familiaris Consortio*.

Em relação aos casais em segunda união são pessoas amadas por Deus. O casal durante o matrimônio não conseguiu viver a dois o amor que une e transforma. Por muitas situações chegaram à conclusão de que não poderiam ou não valeria mais a pena insistir em algo que estava desgastado ou que não traria retorno positivo para nenhuma das partes, por isso, separaram. Mas separar não implica em viver só. Os que optaram por não mais se unirem a outra pessoa, a eucaristia, a fé e suas orações, além do aconchego da família será o suficiente para se sentirem preenchidas no amor.

Em tal caso, o seu exemplo de fidelidade e de coerência cristã assume um valor particular de testemunho diante do mundo e da Igreja, tornando mais necessária ainda, da parte desta, uma ação contínua de amor e de ajuda, sem algum obstáculo à admissão aos sacramentos (FC, 83).

A Pastoral Familiar em contato com estas pessoas precisa ser uma âncora para que não fraquejem na decisão tomada, para que se conserve, mesmo nas renúncias da vida, doando-se à família e aceitando o matrimônio como uma verdade a ser seguida e preservada. Doando sua vida não a um homem, mas à Igreja e à família sem a presença do esposo.

Em relação aos que se deram o direito de uma segunda união, no documento *Familiaris Consortio*, por terem se unido com uma pessoa fora do matrimônio, deverão ficar ausentes dos sacramentos da Eucaristia, a saber:

A Igreja, contudo, reafirma a sua práxis, fundada na Sagrada Escritura, de não admitir à comunhão eucarística os divorciados

que contraíram nova união. Não podem ser admitidos, do momento em que o seu estado e condições de vida contradizem objetivamente aquela união de amor entre Cristo e a Igreja, significada e atuada na Eucaristia. Há, além disso, um outro peculiar motivo pastoral: se se admitissem estas pessoas à Eucaristia, os fiéis seriam induzidos em erro e confusão acerca da doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimônio (FC, n.84).

Quanto à Penitência afirma:

A reconciliação pelo sacramento da penitência - que abriria o caminho ao sacramento eucarístico - pode ser concedida só àqueles que, arrependidos de ter violado o sinal da Aliança e da fidelidade a Cristo, estão sinceramente dispostos a uma forma de vida não mais em contradição com a indissolubilidade do matrimônio. Isto tem como consequência, concretamente, que quando o homem e a mulher, por motivos sérios - quais, por exemplo, a educação dos filhos - não se podem separar, «assumem a obrigação de viver em plena continência, isto é, de abster-se dos atos próprios dos cônjuges (FC, n.84).

4.3.7 Contribuição do Papa Francisco na *Amoris Laetitia* para o setor casos especiais

Os membros da Pastoral Familiar, pessoas que trazem consigo suas dificuldades, mas ao mesmo tempo, conservam a esperança de dias vindouros, devem estar dispostos a se colocarem à disposição dos novos casais que enfrentarão grandes desafios. Estes agentes devem se apresentar como luz em meio às trevas, como esperança em meio à desesperança, por isso com amor devem

[...] acompanhar os cônjuges, para que sejam capazes de aceitar as crises que lhes sobrevêm, aceitar o desafio e atribuir-lhes um lugar na vida familiar. Os casais experientes e formados devem estar dispostos a acompanhar outros nesta descoberta, para que as crises não os assustem nem os levem a tomar decisões precipitadas. Cada crise esconde uma boa notícia, que é preciso saber escutar, afinando os ouvidos do coração (AL, n.232).

Mesmo acompanhados e orientados para lutarem com todas as forças para salvarem o matrimônio, muitos casais chegam à conclusão que há mais forças e nem amor para insistir o que não há mais volta. O desgaste maltrata e gera dor em palavras e atitudes. Já vi muitos homens fazerem referência às suas esposas chamando-as de mãe dos meus filhos, a mulher lá de casa, a minha companheira e outros ditos, perdendo-se o termo minha esposa, amor de minha vida. Um dos grandes problemas da Pastoral Familiar é o fato de existir e não se fazer presente. Existem paróquias que se orgulham por ter esta pastoral, mas seus agentes vivem de encontros pontuais, não trabalham corpo a corpo e não ganham a confiança e nem conhecem aqueles casais que deveriam ser acompanhados. Ora, se não há aproximação, não há confiança. Portanto, as dores dos novos ou velhos casais não serão partilhadas com os membros da Pastoral familiar, pois parecem ser estranhos e não íntimos, segundo revelado no grau de aproximação.

O estar próximo é fundamental para o sucesso e resistência do casal. Os que passam por crises precisam de apoio e se a Pastoral Familiar se apresenta como ombro amigo, que esteja nas horas mais precisas. São muitas as situações que são comuns a todos os casais, mas cada um pode encarar de uma forma diferenciada, tais como: há casais que sofrem por saírem de dentro da casa dos pais após o matrimônio, outros sofrem quando vem o primeiro filho e a atenção tem que ser redirecionada à criança e não ao parceiro, outros sofrem em não saber como dar a melhor educação aos seus filhos na infância ou adolescência, os pais ao chegarem na fase da velhice ou doença exigindo uma presença e cuidado maior, forçando uma ausência de casa e do cuidado da família; outras barreiras são as crises no setor econômico, social, afetivo, espiritual e outras dimensões humanas (AL, n.235-236).

O matrimônio não é uma mágica, todos os casais passarão por suas dificuldades, por isso, precisarão entender que não será por qualquer motivo que irão desistir de tudo. Primeiro, primar-se para na vida a dois dar-se o lugar merecido de Deus. Uma receita para a separação é tirar Deus da vida a dois e por coisas que lhes pareçam agradáveis. Um casal que tem Deus no centro de sua vida, na hora dos maiores problemas pensa, reflete juntos e busca solucionar os entraves existentes para salvar e o matrimônio; por sua vez, quem não ora ou o casal que não põe Deus no seu lugar central, nos menos problemas, adota os

discursos que se voltam à separação. Não podemos afirmar que quem tem fé não se separe, mas pelo menos luta até a última instância para salvar seu matrimônio. Mas, pelo menos tentou, lutou e não desistiu com tanta facilidade. Não podemos negar que

[...] há casos em que a separação é inevitável. Por vezes, pode tornar-se até moralmente necessária, quando se trata de defender o cônjuge mais frágil, ou os filhos pequenos, das feridas mais graves causadas pela prepotência e a violência, pela humilhação e a exploração, pela alienação e a indiferença (Audiência Geral, dia 24 de junho de 2015).

O casal de oração deve na hora do erro, que exercitar o perdão, na hora do desentendimento que faça uso da humildade, na hora da desconfiança que a verdade seja posta e volte a viver com segurança e confiança; na infidelidade que se reconheça o erro e volte o amor à família dada por Deus; enfim, a Pastoral familiar deve colocar-se diante da vida dos casais para encorajá-los nesta batalha amorosa da vida a dois.

Sem muito esforço encontramos em nossas paróquias, nos ambientes religiosos ou não, pessoas que experimentaram a situação dolorosa da separação, do abandono, da viuvez. Estas pessoas se tornam mais frágeis, pois seus projetos, suas expectativas, seus sonhos, seu conforto e outros pontos foram destruídos. A vida social e financeira já põe um peso muito grande nas costas destas pessoas citadas; e, infelizmente, alguns membros da Igreja numa falta de humanidade põem outros pesos que dificultam muito mais o reerguimento dos que sofrem. Muitos adotam discursos de que não se pode separar, pois separando estará impossibilitada de confessar, não confessando, não poderá comungar, enfim, há uma cadeia de destruição na vida da pessoa. Neste momento, a Pastoral Familiar precisa agir e dizer que aquela pessoa separada é amada, é querida e vista com os olhos amorosos do Senhor. Se a pessoa separou após muito sofrer e viver ao lado de seus filhos e família sem contato com outra pessoa não está em adultério, mas, pode e deve viver livremente sua vida espiritual participando de todas as vias que fortalecem sua fé. Infelizmente, temos muitos juízes em nossas assembleias dispostas a condenarem e a não perdoarem.

Sabemos que num conflito matrimonial a separação poderá surgir, pois são muitas feridas abertas. Eis um grande desafio: mesmo não sendo fácil o perdão por toda injustiça sofrida, a Pastoral Familiar precisa intervir com caridade e mostrar que é possível na vida do casal um retorno e recuperar a graça matrimonial. “Daí a necessidade duma pastoral da reconciliação e da mediação, inclusive através de centros de escuta especializados que se devem estabelecer nas dioceses” (AL, 242).

O Papa Francisco, com seu discurso pastoral e misericordioso, afirma:

Ao mesmo tempo, as pessoas divorciadas que não voltaram a casar (que são muitas vezes testemunhas da fidelidade matrimonial) devem ser encorajadas a encontrar na Eucaristia o alimento que as sustente no seu estado. A comunidade local e os pastores devem acompanhar estas pessoas com solicitude, sobretudo quando há filhos ou é grave a sua situação de pobreza. Um falimento matrimonial torna-se muito mais traumático e doloroso quando há pobreza, porque se têm muito menos recursos para reordenar a existência. Uma pessoa pobre, que perde o ambiente protetor da família, fica duplamente exposta ao abandono e a todo o tipo de riscos para a sua integridade (AL, 242).

Porém, aqueles que sentem a necessidade, que desejam, que precisam de uma companhia podem se dá o direito de pedirem a Deus uma pessoa que os façam felizes e que consigam viver o amor. Todos, todos são amados por Deus. Estes que se unem pela segunda vez e que estão impossibilitados de uma nova união matrimonial não podem se sentir sujos pelo pecado, pequenos ou excluídos, por isso, em muitas paróquias existem grupos de encontro e acompanhamento destes casos especiais.

Quanto às pessoas divorciadas que vivem numa nova união, é importante fazer-lhes sentir que fazem parte da Igreja, que não estão excomungadas nem são tratadas como tais, porque sempre integram a comunhão eclesial. Estas situações exigem um atento discernimento e um acompanhamento com grande respeito, evitando qualquer linguagem e atitude que as faça sentir discriminadas e promovendo a sua participação na vida da comunidade. Cuidar delas não é, para a comunidade cristã, um enfraquecimento da sua fé e do seu testemunho sobre a indissolubilidade do matrimônio; antes, ela exprime precisamente neste cuidado a sua caridade (AL, 242).

Alguns nem estão ligados à dinâmica da Pastoral Familiar, mas já trazem a preocupação com aqueles que antes sofreram na vida a dois e hoje são felizes, mas sofrem pela rejeição por alguns na Igreja. Queremos dizer e afirmar que todos são importantes para Deus e para a Igreja. Portanto, este setor dos casos especiais traz na sua essência um valor incomparável e inestimável tendo em vista os grandes benefícios plantados na vida destas pessoas que antes sofriam e hoje sorriem.

Não é difícil encontrarmos nas orientações pastorais padres que orientam pessoas em segunda união, fundamentados na caminhada pastoral e vida de oração, a comungarem. É um momento de grande felicidade e crescimento na fé. Vemos abertura pastoral para não se aplicar a Lei a todos de forma rígida, mas dando-se possibilidades de amenizar a dor daqueles que desejam apenas ser felizes no amor conjugal ao lado dos ensinamentos da Igreja.

Enfim, são muitos os desafios e a igreja abre as portas e conta com a participação de todos os seus membros para que uma ação conjunta, não somente da Pastoral Familiar, mas com todas as pastorais para que seja possível um acolhimento e um melhor trabalho de humanização junto às muitas famílias que se enquadram nesta realidade desafiadora e sofrida.

4.4 Um novo itinerário catecumenal para a vida matrimonial

Fundamentados na *FC*, especificamente no seu número sessenta e seis, quando afirma que é oportuno que se realize uma adequada catequese análoga ao catecumenato que capacite a criança e o jovem para a preparação do matrimônio cristão. Por ocasião da inauguração do ano judiciário do tribunal da Rota Romana, em seu discurso o Papa Francisco afirmou que:

Neste espírito, sinto que devo reiterar a necessidade de um novo catecumenato em preparação para o casamento. Acolhendo os votos dos Padres do último Sínodo Ordinário, é urgente atuar concretamente aquilo que já foi proposto na *Familiaris consortio* (cf. n. 66), ou seja, que assim como para o batismo dos adultos o catecumenato faz parte do processo sacramental, também a preparação para o matrimônio se torne uma parte integrante de todo o procedimento sacramental do casamento,

como antídoto que impede o multiplicar-se de celebrações matrimoniais nulas ou então inconsistentes (Discurso no tribunal da Rota Romana, 21 de janeiro de 2017).

O Papa está preocupado com o número elevado de casamentos nulos e com os casamentos fragilizados que correm um grande risco de não terem sustentabilidade matrimonial. São muitas as razões para tudo isso, mas uma boa preparação poderá ser uma ajuda significativa para se evitar tamanha dor na vida dos cônjuges e da Igreja. Em outra ocasião, em outro discurso, agora para os participantes de um curso sobre o novo processo matrimonial, o Papa reforçou a ideia de que

[...] se ponha em prática um verdadeiro catecumenato dos futuros nubentes, incluindo todas as etapas do caminho sacramental: as fases de preparação para o matrimônio, da sua celebração e dos anos imediatamente sucessivos” (FRANCISCO, Discurso aos participantes no curso sobre o novo processo matrimonial, 25 de fevereiro de 2017).

Como insistência do Papa Francisco acerca de um caminhar catecumenal para o sacramento do matrimônio, foi publicado pelo Dicastério para os leigos, a família e a vida, as Orientações pastorais para as Igrejas particulares, ou seja, um itinerário catecumenal para vida matrimonial. Desta forma, foi oferecido aos pastores, aos esposos e para toda a Pastoral Familiar este trabalho que surge como uma novidade no tocante à metodologia e preparação para o sacramento do matrimônio e de toda a vida conjugal. Embora, veja-se como algo novo, este itinerário catecumenal foi pensado há muito tempo e desejado pelos papas, sendo registrado no magistério da Igreja.

Nesta tentativa de se trilhar um caminho catequético capaz de formar com segurança os que almejam o sacramento do matrimônio, a Igreja sempre veio se posicionando e buscando vias favoráveis para uma melhor evangelização e formação dos noivos.

No ano de 1968, na conclusão da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, nas conclusões de Medellin os bispos afirmaram que:

A fim de que os sacramentos alimentem e fortaleçam a fé na situação atual da América Latina, aconselha-se o

estabelecimento, planificação e intensificação de uma pastoral sacramental comunitária mediante preparações sérias, graduais e adequadas para o batismo (os pais e padrinhos), confirmação, primeira eucaristia e matrimônio” (MEDELLIN, 3.d.2, Conclusões de Medellin).

Por sua vez, João Paulo II na *Familiaris Consortio*, oferecendo a toda a Igreja uma Pastoral voltada à Família, apresenta uma ação pastoral onde a preparação dos novos casais, a catequese, dar-se-á por meio de três etapas: uma remota, próxima e imediata. Assim falou o papa:

A preparação para o matrimônio deve ver-se e atuar-se como um processo gradual e contínuo. Compreende, de facto, três momentos principais: uma preparação remota, outra próxima e uma outra imediata” (FC, n.66).

Um fato curioso foi constatado, principalmente em nossa realidade brasileira. Estas três etapas foram apresentadas no documento papal, criou-se em muitas dioceses e paróquias a Pastoral Familiar, mas há uma grande dificuldade de se seguir paulatinamente cada uma destas etapas. Por exemplo, a preparação remota deveria fazer um acompanhamento desde a infância até a sua juventude. Neste período uma sólida formação espiritual e catequética, onde seja possível revelar o matrimônio enquanto uma verdadeira vocação e missão, sem excluir o chamado vocacional à uma vida sacerdotal ou religiosa. Por sua vez, a preparação próxima evangeliza e forma os casais de namorados ou noivos para descobrirem o real valor e significado do matrimônio e por fim, a Preparação Imediata focaliza no diálogo com o Padre, Retiro Espiritual, Rito Sacramental e Celebração. No dia a dia vemos nas paróquias apenas um acompanhamento para os sacramentos da iniciação e depois destes, nada mais se oferece. O matrimônio, muitos casais chegam sem formação alguma, pois não passaram por um processo de evangelização, nem catequese. É bem verdade que destas etapas a remota é muito tímida, a próxima acontece de forma rápida e quase que num gesto de faz de conta e a imediata passa como que apenas obrigatória e sem uma compreensão real de tudo o que acontece. Por estas falhas, talvez, tenhamos a justificativa para tantas separações e constatações de matrimônio com o reconhecimento canônico de sua não existência.

O Conselho Pontifício para a Família, no dia 13 de maio do ano de 1996 publicou um texto intitulado: Preparação para o Sacramento do Matrimônio. Deixa claro já no seu início que “a preparação para o matrimônio, para a vida conjugal e familiar, é de importância relevante para o bem da Igreja” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, PSM, n.01). Todo o documento discorrerá sobre a importância da preparação para o matrimônio cristão; as etapas ou momentos da preparação e sobre a celebração do matrimônio. Entende-se que para uma formação àqueles que irão casar é preciso se ter uma organização, por isso, o documento orienta que a catequese catecumenal seja realizada em “encontros frequentes, num clima de diálogo, de amizade, de oração, com a participação de pastores e de catequistas” (CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA, PSM, n.37).

O Documento de Aparecida, no seu capítulo nono ao tratar sobre a família, pessoa e vida, fundamentado na *Familiaris Consortio*, número sessenta e seis e no Pontifício Conselho para a Família, preparação para o Sacramento do Matrimônio, afirma que é necessário que aconteça uma renovação na preparação remota e próxima para o sacramento do matrimônio e da vida familiar com itinerário pedagógico de fé (DAP, n.436,c).

Na *Amoris Laetitia* o Papa Francisco, também, faz referência à necessidade de uma preparação mais prolongada, tendo em vista os valiosos benefícios, a saber:

A preparação dos que já formalizaram o noivado, quando a comunidade paroquial consegue acompanhá-los com bom período de antecipação, deve dar-lhes também a possibilidade de individualizar incompatibilidades e riscos. Assim é possível chegarem a dar-se conta de que não é razoável apostar naquela relação, para não se expor a um previsível fracasso que terá consequências muito dolorosas (AL, n.209).

O ritmo das pessoas que formam as paróquias é muito frenético. Elas não param em suas casas, pois vivem para trabalho e lazer, parece que o parar para ser formado e para orar é o mais difícil. Aparentemente, uma proposta catecumenal parece sem sentido, mas temos que entender e ensinar que na

Igreja não temos somente direito, mas também, obrigações. Esta nova proposta quer ajudar e salvar os matrimônios que virão pela frente.

A necessidade de adequar os encontros que preparam os noivos para a vida matrimonial à nova proposta catequética já é evidenciada, mesmo que de maneira tímida e atemporal, em alguns documentos e subsídios elaborados pela Comissão Nacional da Pastoral Familiar e utilizados para fundamentação nos referidos encontros. No novo Diretório da Catequese, lançado no fim de junho de 2020, existe uma referência sobre a catequese das Famílias, com indicação pastoral aos jovens e adultos que se preparam para o Sacramento do Matrimônio, na linha da inspiração catecumenal. A prioridade deve ser a de um anúncio renovado do Querigma, abordando conteúdos que, comunicados de forma atraente e cordial, ajudem os noivos a comprometerem-se com o anúncio do Evangelho. Importante salientar que a nova orientação é que se abandone a denominação de cursos de preparação para o Matrimônio, no intuito de restituir a esta fase, o seu autêntico significado formativo e catequético.

O Dicastério para leigos, a família e a vida não está oferecendo um curso para noivos com temas e textos específicos, apenas oferece um roteiro, uma estrutura com suas devidas etapas. A elaboração do itinerário de preparação ao matrimônio análogo ao catecumenal é de responsabilidade da comunidade eclesial, dos sacerdotes, esposos cristãos, religiosos e agentes pastorais, que devem contar com a colaboração do bispo diocesano.

Para melhor visualizarmos vamos apresentar a estrutura formativa apresentada pela *Familiaris Consortio* e iremos comparar com esta nova estrutura apresentada a partir das orientações do Papa Francisco, tendo por base a *Amoris Laetitia*.

<i>Familiaris Consortio</i>		Itinerário Catecumenal para o Matrimônio	
Fase preparatória para o matrimônio		Fase preparatória para o matrimônio	
Remota		Pré-catecumenal Preparação Remota	– Pastoral da infância

			–Pastoral da juventude
Próxima		Intermediária tempo de acolhimento dos candidatos	– Rito de ingresso no catecumenato (ao término da fase de acolhimento)
Imediata		Catecumenal	
		1 ^a etapa: preparação próxima (1 ano)	Rito do noivado (ao término da preparação próxima) Breve retiro de ingresso na preparação imediata
		2 ^a etapa: preparação imediata (alguns meses)	Breve retiro de preparação para o casamento (a poucos dias da celebração)
		3 ^a etapa: os primeiros anos (2 a 3 anos) da vida matrimonial	

Notemos que o desejo dos papas João Paulo II e do Papa Francisco, agora, estão documentados com uma estrutura que ganhou corpo. Claramente conseguimos perceber a Pastoral Familiar apresentada pela *Familiaris Consortio* não foi esquecida e nem deixou de existir. Apenas, ganha uma nova arma evangelizadora, passando a adotar uma nova metodologia e estrutura sequencial formativa. Cabe à Pastoral voltada à Família, atentamente, lançar seu olhar sobre esta nova proposta catecumenal, tendo como objetivo cumprir as finalidades para cada etapa. A preparação remota no estilo catecumenal nos apresenta tais finalidades:

- a) educar as crianças para a estima de si e dos outros, para o conhecimento da sua própria dignidade e para o respeito da dos

outros; b) apresentar aos baminos a antropologia cristã e a perspectiva vocacional contida no Batismo que conduzirá ao casamento ou à vida consagrada; c) educar os adolescentes para a afetividade e a sexualidade com vista a uma futura chamada a um amor generoso, exclusivo e fiel (seja no matrimônio, no sacerdócio ou na vida consagrada); d) propor aos jovens um percurso de crescimento humano e espiritual para superar a imaturidade, os medos e as resistências, para abrirem-se a relações de amizade e amor, não possessivas ou narcisistas, mas livres, generosas e oblativas (DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, Itinerários catecumenais para a vida matrimonial, n.36).

A preparação imediata acontece alguns meses que antecedem o matrimônio. É conveniente que antes do matrimônio aconteça um retiro espiritual para fortalecer na fé os nubentes e levá-los a refletir muito mais acerca da seriedade da união matrimonial. Como sugestão pode-se oferecer um objeto que esteja ligado à união matrimonial e faz-se uma entrega de uma oração para que o dever de sentar, de orar, seja realizado por aqueles que pretendem se unir em matrimônio.

Insistir-se-á sobre as condições indispensáveis de liberdade (no casal e do casal) e de plena consciência dos compromissos que se assumem com a escolha que estão por fazer, ligados às características essenciais do matrimônio (indissolubilidade, unidade, fidelidade, fecundidade) e que serão o objeto específico das entrevistas previstas canonicamente com o pároco (DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, Itinerários catecumenais para a vida matrimonial, n.65).

Em resumo, os objetivos desta segunda etapa de preparação (imediata) para o matrimônio são:

a) recordar os aspectos doutrinários, morais e espirituais do matrimônio (explicitando também os conteúdos espirituais das entrevistas canônicas prescritas); b) viver experiências espirituais de encontro com o Senhor; c) preparar para uma participação consciente e frutuosa na liturgia do casamento. (DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, Itinerários catecumenais para a vida matrimonial, n.73).

O casal, uma vez unido em matrimônio, têm que entender que o caminho catecumenal não se encerra com a celebração religiosa, ou seja, com a celebração do matrimônio. Não é um ato isolado que acontece, mas,

Deve ser vista como a entrada num 'estado permanente', que requer, portanto, uma 'formação permanente', feita de reflexão, diálogo e ajuda por parte da Igreja. Por isso, é necessário 'escortar' pelo menos os primeiros anos da vida conjugal e não deixar os recém-casados sozinhos (DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, Itinerários catecumenais para a vida matrimonial, n.85).

Em resumo,

As finalidades do acompanhamento nos primeiros anos de vida matrimonial são: a) apresentar, numa "catequese mistagógica matrimonial", as conseqüências espirituais e existenciais do sacramento celebrado na vida concreta; b) ajudar os casais, desde o princípio, a estabelecer de modo correto a relação interpessoal de casados; c) aprofundar os temas da sexualidade na vida conjugal, da transmissão da vida e da educação dos filhos; d) infundir nos casais a firme vontade de defender o vínculo matrimonial em qualquer situação que se apresentar; e) propor o encontro com Cristo como fonte indispensável de renovação da graça matrimonial e adquirir uma espiritualidade conjugal; f) chamar a atenção para o sentido da missão específica dos esposos cristãos (DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, A FAMÍLIA E A VIDA, Itinerários catecumenais para a vida matrimonial, n.85).

Observe-se que enquanto na *Familiaris Consortio* e na *Amoris Laetitia*, após apresentar-se a estrutura da Pastoral familiar seguia-se com os casos especiais, ou seja, as pessoas que por alguma razão interromperam sua união matrimonial. Por sua vez, este subsídio que trata sobre a formação catecumenal para o matrimônio parte do princípio de que com a sua ajuda, com a formação bem preparada e pelo acompanhamento, a separação e nulidade de matrimônio será amenizado quanto ao seu número. Ele surge como solução para um problema existente no meio da comunidade de fé atual.

Enfim, o leitor ao se lançar sobre a obra os itinerários para a vida matrimonial, perceberá que a base de fundamentação para a sua construção

está na *Amoris Laetitia*, e no Pontifício Conselho para a Família, Preparação para o sacramento do Matrimônio, 13 de maio de 1996. Bases que seguem uma continuidade da *Familiaris Consortio* que deu base e ofereceu as primeiras luzes para uma formação catecumenal direcionada àqueles que sonham e que querem concretizar o sacramento do matrimônio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo discorrido acerca do matrimônio e da família à luz do magistério da Igreja, pudemos refletir acerca da perspectiva pastoral a partir das exortações apostólicas *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia* que nos colocaram diante de uma Igreja que possui cuidados amorosos com todos os seus filhos que compõem a família cristã desejada por Deus. Não somos capazes de negar que o matrimônio e a família são preocupações atuais da Igreja. Vimos os encaminhamentos possíveis que poderiam fazer com que toda família pudesse conhecer e viver o belo que é revelado na Boa Notícia, no Evangelho através do anúncio da Palavra e da execução das ações presentes na Pastoral Familiar. Procuramos mostrar que não há contradição nas exortações, mas somente uma continuidade, mesmo que encontremos distinções que são inevitáveis pelo tempo em que cada documento foi escrito. Mesmo assim, diante do fato da distinção estrutural que envolve linguagem e teologia, não encontramos descontinuidade na visão pastoral, muito pelo contrário, fomos testemunhas de uma forte continuidade entre os papas João Paulo II e Francisco em comunhão com a Tradição da Igreja ao oferecerem respostas pastorais às muitas famílias em situações de risco frente aos valores e essência do matrimônio.

No caminhar deste trabalho, pudemos conhecer um pouco mais o ser humano- homem e mulher – que são reconhecidos enquanto imagem e semelhança de Deus. Ambos se reconheceram capazes de amar, algo específico da criatura humana. A partir do amor conjugal, vimos que o homem e a mulher seguiram os passos até a união definitiva, ou seja, primeiro namoraram, noivaram, casaram, constituíram família e geraram filhos. Mas, este caminhar não aconteceu de forma isolada e não caminharam sozinhos, pois há na Igreja a Pastoral Familiar que em suas etapas formativas contempla o ser humano em todas estas evoluções vitais.

No início de nosso trabalho, tínhamos como objetivo fazer uma análise e uma reflexão do amor conjugal e da família a partir do magistério do Papa João Paulo II e do Papa Francisco. Fundamentados na *Familiaris Consortio* e na *Amoris Laetitia*, pudemos ver o grandioso trabalho e estrutura da Pastoral Familiar que assume, por meio de seus agentes de pastoral, o eficiente trabalho de formar e acompanhar os noivos que querem se unir em matrimônio. Vimos

que o acompanhamento é necessário, mas a realidade atual, ou seja, a maneira em que a Pastoral Familiar é aplicada não segue a originalidade do projeto inicial pensando no documento papal. Temos consciência de que o curso preparatório do matrimônio numa tarde, num dia ou em poucas horas, não toca nas questões básicas e fundamentais do matrimônio, por isso, refletimos um pouco sobre o modelo formativo catecumenal para a preparação do sacramento do matrimônio.

Fundamentado num consenso, tanto o Papa João Paulo II quanto Francisco, acreditam e defendem a ideia de que o matrimônio não é uma realidade acabada, mas um processo que vai se estendendo e acolhendo o dom de Deus. A conversão da família que se dá pela espiritualidade que traz sua primeira raiz no batismo e se revela em sua completude na eucaristia que “é a fonte do matrimônio cristão” (FC, n.57). Tal afirmação nos faz acreditar que a Igreja acompanha desde criança até a fase adulta os seus filhos, por meio da catequese e acompanhamento personalizado, eis o itinerário catecumenal.

A oração em família, o fortalecimento pela prática eucarística leva a família ao fortalecimento dos laços afetivos cristãos e a uma maior consistência na vida conjugal. “O alimento da Eucaristia é força e estímulo para viver cada dia a aliança matrimonial como igreja doméstica” (AL, n.318). São passos a serem dados, para que haja um afastamento de toda fonte de mal e que a graça possa habitar, pois no matrimônio, antes e após ele, o casal, a família precisam seguir no processo dinâmico que revela e apresenta os dons de Deus, e o amor definitivo e absoluto revelado por Deus (FC, n.9). Não se entra numa bolha protetora quando se recebe o sacramento, mas se toma consciência do quanto crises, dificuldades, alegrias e satisfação serão presenciadas no decorrer dos anos e da vida a dois (AL, n.222).

Por sua vez, sendo a *Amoris Laetitia* uma exortação que se desfaz de um discurso canônico-moral, adotou uma linguagem mais pedagógica que educa para o mistério, ou seja, conduz ao encontro com Deus ao ponto de se ver o matrimônio e aceitá-lo não apenas pelo fato de ser orientado por alguém ou pela Igreja, mas por ter descoberto pelo *kerygma* o amor por Jesus que os leva a quererem um dia se unirem em matrimônio. Aqui, todo o discurso tem um caráter mais exortativo que consola e encoraja os que sofrem dentro do matrimônio com as situações difíceis e irregulares no tocante à sua prática.

Não se pode admitir um matrimônio apenas por norma, por regra, pois não se pode casar pela força de normas e regras, ou seja, para não permanecer em pecado, para não envergonhar o nome da família, para não passar vergonha em meio à sociedade, mas deve-se casar por se descobrir em Cristo o significado do amor esponsal, por se descobrir que é desejada por Deus a união entre o homem e a mulher, por se descobrir “as razões e os motivos para se optar pelo matrimônio e a família, de modo que as pessoas estejam melhor preparadas para responder à graça que Deus lhes oferece” (AL, n.35) no amor em família para viverem em família e o matrimônio cristão desejado por Deus e concretizado pela humanidade.

Portanto, cremos que a família não está perdida, a Igreja não perdeu suas forças, pois ela tem meios, instrumentos e muita fé para continuar o processo de purificação e salvação da instituição família. Unamos nossas forças e sejamos testemunhas do resgate e evangelização de nossa família cristã. Não façamos de nosso discurso final em relação às famílias apenas uma exigência do cumprimento de normas ou regras. Não fiquemos na ideia do pode ou do não pode, mas partamos para a prática da presença, do estar junto, do acompanhamento personalizado para entendermos cada situação, cada realidade e que a Palavra de Deus, a orientação da Igreja seja nossa luz pastoral.

Durante todo o trabalho, por ser uma obra de caráter bibliográfico, navegamos por muitas obras e autores, revistas, artigos, e, principalmente, no magistério dos Papas João Paulo II e Francisco. Nosso referencial teórico foi a exortação *Familiaris Consortio e Amoris Laetitia* dos respectivos papas. Entendemos melhor o amor humano, vimos que a partir deste amor o homem se uniu à mulher e ambos fixaram morada, unidos para realizarem um grande ato de amor: a geração de filhos. Gerando filhos deram forma à família sonhada e desejada por Deus.

Toda a obra representou uma defesa da família que precisa ser cuidada e preservada. Para isso, a Igreja possui a Pastoral Familiar que cuida, forma, acompanha e dá seu suporte para a descoberta do amor conjugal, para a superação dos problemas e para a superação dos problemas pastorais que surgem na vida a dois.

O Santo padre, o Papa Francisco, espera que os pastores acompanhem as famílias em sua totalidade a partir da realidade pastoral que atinge cada

membro. Percebemos que na exortação AL não encontramos soluções universais para a solução de todos os questionamentos, mas, diante de muitas inquietações o papa nos ensinou que devemos beber da misericórdia para chegarmos a um resultado menos doloroso e coberto da caridade pastoral. Na perspectiva da publicação do resultado sínodo dos bispos sobre a família (2014 e 2015), desde sua preparação, os meios ou veículos de comunicação intensificaram e sintetizaram os questionamentos pastorais e morais sobre a questão do ato de comungar ou não. Tinha-se uma grande expectativa acerca do que já havia sido ensinado a toda a Igreja na Familiaris Consortio em seu número 84 ao falar dos divorciados que contraíram uma nova união. Na visão de João Paulo II os unidos pela segunda vez não devem experimentar a exclusão da Igreja, pois como batizados devem participar da vida ativa cristã. Precisam ser incentivados à prática da escuta da Palavra, frequentar as missas, realizar suas orações, praticar as obras de caridade, educar na fé seus filhos e viver como cristão. Porém, o documento afirma:

A Igreja, contudo, reafirma a sua práxis, fundada na Sagrada Escritura, de não admitir à comunhão eucarística os divorciados que contraíram nova união. Não podem ser admitidos, do momento em que o seu estado e condições de vida contradizem objetivamente aquela união de amor entre Cristo e a Igreja, significada e atuada na Eucaristia. Há, além disso, um outro peculiar motivo pastoral: se se admitissem estas pessoas à Eucaristia, os fiéis seriam induzidos em erro e confusão acerca da doutrina da Igreja sobre a indissolubilidade do matrimônio (FC, n.84).

Vejam que na visão de João Paulo II a Igreja acolhe, mas continua a não admitir na mesa Eucarística estas pessoas que se encontram neste estado de vida. Sendo para eles a admissão no alimento universal que é o da Palavra. Por sua vez, na AL o documento não mudou a doutrina, nem canônica e nem disciplinar da Igreja, mas o que se pode fazer é aplicar esta doutrina a partir da realidade de cada membro da família, de cada cristão. Orienta-se que em relação aos casais divorciados que mantêm uma nova relação, os padres e os pastores da igreja devem ter uma atitude de escuta e prática da misericórdia de Deus. O conselho pastoral de cada sacerdote não pode estar desvinculado da doutrina. Mesmo dando a liberdade para que as comunidades locais (diocesanas e

paroquiais) elaborem suas propostas para enfrentarem os desafios pastorais, o papa recorda que a doutrina da Igreja deve ser posta à frente de qualquer decisão, afinal, a fé recebida dos apóstolos não pode ser esquecida. Portanto, acredita-se que a moral cristã nasce de um encontro da pessoa com Cristo na luz do Espírito Santo e não de uma regra. É uma nova esperança, dá-se oportunidade para o novo, para um recomeço e para a avaliação da vida de cada um, dando-lhe até mesmo a possibilidade ao retorno da comunhão eucarística.

Não como proposta de fim, mas de continuidade apresentamos esta citação da *Amoris Laetitia* que tem um caráter sintetizador e que nos deixa a mensagem de uma certeza: o trabalho evangelizador das famílias continua e jamais poderá ser abandonado. Assumamos a postura de cristão batizado e sejamos os discípulos e apóstolos de hoje vivendo a missão de Cristo manifestada na Igreja.

Além disso, convém encontrar os modos – através das famílias missionárias, das próprias famílias dos noivos e de vários recursos pastorais – para oferecer uma preparação remota que faça amadurecer o amor deles com um acompanhamento rico de proximidade e testemunho. Habitualmente, são muito úteis os grupos de noivos e a oferta de palestras opcionais sobre uma variedade de temas que realmente interessam aos jovens. Entretanto são indispensáveis alguns momentos personalizados, dado que o objetivo principal é ajudar cada um a aprender a amar esta pessoa concreta com quem pretende partilhar a vida inteira. Aprender a amar alguém não é algo que se improvisa, nem pode ser o objetivo dum breve curso antes da celebração do matrimónio. Na realidade, cada pessoa prepara-se para o matrimônio, desde o seu nascimento. Tudo o que a família lhe deu, deveria permitir-lhe aprender da própria história e torná-la capaz dum compromisso pleno e definitivo. Provavelmente os que chegam melhor preparados ao casamento são aqueles que aprenderam dos seus próprios pais o que é um matrimônio cristão, onde se escolheram um ao outro sem condições e continuam a renovar esta decisão. Neste sentido todas as atividades pastorais, que tendem a ajudar os cônjuges a crescer no amor e a viver o Evangelho na família, são uma ajuda inestimável a fim de que os seus filhos se preparem para a sua futura vida matrimonial (AL, n.208).

Eis a nossa missão! Seguir um itinerário formativo proposto pela Igreja para uma eficaz formação de nossos casais e que, pelo encontro pessoal com

Deus, pela descoberta dos valores fundamentais do matrimônio e pelo acompanhamento pessoal da Pastoral Familiar, que o número de separados e nulidade matrimonial diminua consideravelmente.

BIBLIOGRAFIA

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

AUTORES

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**; 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

AGOSTINHO, Santo. **Livre-arbítrio**; São Paulo: Paulus, 1995.

AQUINO, São Tomás. **Suma Teológica**, v. 1. São Paulo: Loyola, 2001.

ARDUINI, Juvenal. **Antropologia: Ousar Para Reinventar a Humanidade**. São Paulo: Paulus, 2002.

COSTA, Maria Alinne. **A Consciência da pessoa humana na filosofia personalista de Karol Wojtyła**. Ed: Inspiratovs Editora, 2020.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral**. 40. ed. São Paulo: Loyola; Paulinas, 2007.

F. MOSER, Antônio. **O enigma da esfinge - a sexualidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p.7

GESCHÉ, Adolphe; SCOLAS, Paul. **O corpo, caminho de Deus**. Edições Loyola, São Paulo, 2009.

JOÃO PAULO II. **Cruzando o limiar da esperança**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

KANT, Immanuel. **Textos seletos**, 2ª ed. Petrópolis; Vozes, 1985.

MONDIN, Battista. **O Homem, Quem é ele?** Elementos de Antropologia Filosófica. São Paulo: Paulus, 1980.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo.** São Paulo: Centauro, 2004.

PAREDES, José Cristo Rey Garcia. **O que Deus Uniu** – Teologia da vida matrimonial e familiar. Paulus, 2018.

SANTO AGOSTINHO. **A vida feliz.** Col. Patrística, 11. São Paulo: Paulus, 1998.

SANTO AGOSTINHO. **Comentário ao Gênesis.** Col. Patrística, 21. São Paulo: Paulus, 2005.

SEGUNDO, J. L. **A concepção cristã do homem.** Petrópolis: Vozes, 1970.

PLATÃO. **Fédon.** In: Coleção “Os pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

TABORDA, Francisco. **Matrimônio – Aliança – Reino.** Para uma teologia do matrimônio como sacramento. São Paulo: Loyola, 2001.

TOMÁS DE AQUINO. **Suma contra os gentios.** Caxias do Sul: Sulina, 1990.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia filosófica II.** São Paulo: 1992.

VIDAL, Marciano. **Ética da sexualidade.** São Paulo: Loyola, 2002

WEST, Christopher. **Teologia do corpo para iniciantes.** São Paulo; Cultor de Livros, 2018

WOJTYLA, Karol. **Amor e Responsabilidade.** São Paulo: Cultor de Livros, 2016.

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO

BENTO XVI. ***Deus caritas est.*** São Paulo: Loyola, 2006.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Petrópolis, São Paulo: Vozes/Paulus/Loyola/ Ave Maria, 1998.

CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. São Paulo: Loyola, 2001.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. **Sexualidade humana: verdade e significado.** Orientações educativas em família (08.12.1995). 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

Constituição *Gaudium et Spes*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

Constituição *Lumen Gentium*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

Constituição *Dei Verbum*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

Congregação para a Doutrina da Fé, **Declaração Persona humana sobre alguns pontos de ética sexual**, 29 Dezembro 1975.

Declaração *Gravissimum Educationis*. In: **Documentos do Concílio Vaticano II:** constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

DICASTÉRIO PARA OS LEIGOS, **A família e a vida itinerários catecumenais para a vida matrimonial** - Orientações pastorais para as Igrejas particulares, Libreria Editrice Vaticana, 2022.

INTRODUÇÃO GERAL. In: **RITUAL DO MATRIMÔNIO**. São Paulo: Paulus, 2006.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta apostólica *Mulieris Dignitatem*** (Sobre a dignidade e a vocação da mulher por ocasião do ano mariano). São Paulo: Paulinas, 1988.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Evangelium vitae*** (Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana). São Paulo: Loyola, 1995.

JOÃO PAULO II, Discurso à III Assembleia Geral dos Bispos da América Latina (28 de Janeiro de 1979) IV, a: AAS 71 (1979), 204.

JOÃO PAULO II, **Exortação apostólica *Christifideles laici*** (Sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo). São Paulo: Loyola, 1989.

JOÃO PAULO II, Papa. **Exortação apostólica *Familiaris consortio*** (Sobre a missão da Família Cristã no mundo de hoje). São Paulo: Loyola, 1982.

JOÃO PAULO II, Papa. ***Gratissimam sane*** – Carta às Famílias. São Paulo: Paulinas. 1994.

PAPA FRANCISCO. **Constituição Pós-Sinodal *Amoris Laetitia***. Sobre o amor na família. São Paulo: Paulinas, 2016.

PAULO VI, Decreto ***Apostolicam Actuositatem***, sobre o apostolado do leigos de 18 de Novembro de 1965.

PAULO VI. **Carta Encíclica *Humane Vitae***. 9.ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, ***Donum Vitae***, 22 de fevereiro de 1987.

DOCUMENTOS DO CELAM

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO - **Documento de Puebla**. Evangelização no presente e no futuro da América Latina. Texto conclusivo da III Conferencia Geral do Episcopado Latino-Americano. 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO - CELAM - **Documento de Medellín**, Conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo, Paulus. 2004.

DOCUMENTOS DA CNBB

A FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DA VIDA / CNBB (Doc. 32 – Coleção Estudos da CNBB). São Paulo: Paulinas, 1981.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, **Diretório da Pastoral Familiar**. Texto aprovado pela 42ª Assembleia Geral – Itaici – Indaiatuba – SP, 21 a 30 de abril de 2004. Brasília: CNBB, - DF. 2005.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, **Pastoral Familiar no Brasil**. (Estudo da CNBB). São Paulo: Paulus, 1993.

ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE O MATRIMÔNIO / CNBB (Doc. 12 – Coleção Documentos da CNBB). São Paulo: Paulinas, 1978.

PASTORAL FAMILIAR NO BRASIL: OBJETIVOS, ORGANIZAÇÃO, AGENTES / CNBB (Doc. 65 – Coleção Estudos da CNBB). São Paulo: Paulinas, 1993.

REVISTAS

Revista espanhola de Derecho Canónico, 1982, v.38, n.39, p. 103-124 **Amor y matrimônio en la exhortación na Exortação** “Familiares Consortio” de Juan Pablo II.

ZILLES, Urbano. Visão cristã da sexualidade humana. In: **Revista Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 336-350, set./dez. 2009.